



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA

**RETALHOS DO SER JOVEM EM MEIO À HETERONORMATIVIDADE:
EXPERIÊNCIAS JUVENIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA**

TERESINA – PI
2019

SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA

**RETALHOS DO SER JOVEM EM MEIO À HETERONORMATIVIDADE:
EXPERIÊNCIAS JUVENIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como exigência parcial à obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad

Linha de Pesquisa: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Públicas.

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

C837r Costa, Samara Layse da Rocha.
Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade :
experiências juvenis em uma escola pública de Teresina /
Samara Layse da Rocha Costa. – 2019.
149 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade
Federal do Piauí, 2019.
“Orientação: Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad”.

1. Escola. 2. Jovens. 3. Heteronormatividade.
4. Sociopoética. I. Título.

CDD 371

SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA

**RETALHOS DO SER JOVEM EM MEIO À HETERONORMATIVIDADE:
EXPERIÊNCIAS JUVENIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como exigência parcial à obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Profª. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad

Linha de Pesquisa: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Públicas.

Aprovada em: 20/02/19

BANCA EXAMINADORA

Shara Jane Holanda Costa Adad

Profª. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad

Orientadora – (UFPI/PPGE)

Francis Musa Boakari

Prof. Dr. PhD Francis Musa Boakari

Examinador Interno - (UFPI/PPGE)

Maria Rosângela de Souza

Profª. Dra. Maria Rosângela de Souza

Examinadora Externa - (UFPI/PPGS)

Dedico este trabalho aos jovens de ontem, hoje e amanhã e à todas as pessoas de luz que me permitiram ousar a caminhar por lugares que jamais imaginei.

Desabafo

Há dias que nem quero saber...
Há dias que não consigo entender...
Há fitas que vivo e fico tipo “por quê”?
Será que nasci para sofrer?

Uns até gostam, mas poucos me amam...
Talvez seja até um problema comigo.
Será que sou um cara bacana?
Ou sou importante só quando precisam?

Sinto o mundo sobre mim...
Por trás de um sorriso, pode ter alguém sem vida e
na real, sorriu, mas nunca foi feliz.
É fácil zombar, me chamar de fraco...
Talvez seja mesmo, não nego.

Mas não sejam covardes ao ponto de julgar...
Sem sentir a cruz que carrego...
Tem horas que só quero um abraço sincero...
Mas prefiro alimentar o meu ego...
Mas sempre prefiro não incomodar...

Se eu te contar tudo, o que vai mudar?
Se eu contar tudo, vai melhorar?
Se eu contar tudo, cê vai me ajudar?
Senta e prepara que você vai chorar.
PAZ!!!!

(Copesquisador Depressivo)

AGRADECIMENTOS

Teci estes fios de agradecimento com risos, memórias, lágrimas e, principalmente, medo de ser injusta e esquecer alguém. Sou imensamente grata à todas e todos que se fizeram retalhos únicos em minha vida e que me fizeram, de forma generosa, chegar até aqui.

Ao meu *retalho-divino*: Deus que nos deu a vida, saúde e uns aos outros. Que me escolheu em meio a tantas para realizar este sonho. Tuas promessas não falham!

Aos meus *retalhos-alicerces*: Mãe Antônia Maria da Rocha Costa e pai Raimundo Moreira da Costa por jamais deixarem que as dificuldades roubassem meus sonhos. Obrigada por sempre sonharem comigo!

Ao meu *retalho-irmão*: Samuel da Rocha Costa Moreira por sempre me incentivar a agarrar as oportunidades que não teve ou que teve que deixar escapar devido as dificuldades. Este sonho é nosso!

Aos meus *retalhos-avós*: Maria Moreira da Costa e Sebastião Soares da Costa (paternos) e João José da Rocha e Maria do Socorro da Rocha (maternos *in memoriam*) por me fortalecerem e me inspirarem com suas histórias de muita luta, força e resistência. A neta de vocês conseguiu subir mais um degrau na escada da vida!

Ao meu *retalho-tio*: Tio Carlinhos que sempre foi mais que um tio e cuidou de todas as maneiras para que eu conseguisse chegar até aqui. Tenho orgulho de ser sua sobrinha!

Ao meu *retalho-amor*: Tiago, meu companheiro das horas de alegria e de angustia. Obrigada por sempre ter as melhores palavras de conforto e por ser inspiração em minha vida.

Ao meu *retalho-professora*: Querida Conceição Carvalho (*in memoriam*) por ter me ensinado, durante a iniciação científica, a amar a pesquisa, por ter sempre acreditado em mim e por ter me incentivado e me ajudado, com o seu cuidado e sensibilidade, na seleção deste mestrado. Sua sementinha germinou!

Ao meu *retalho-ajuda*: Querida amiga Valdenia Sampaio por todas as palavras incentivadoras e por ter me ajudado, em meio a toda sua correria, a fazer o projeto para a seleção deste mestrado. Obrigada por acreditar em mim!

Ao meu *retalho-orientadora*: Minha querida Profa. Shara Jane Holanda Costa Adad por ter me dito sim, por ter me aprovado, por ter me ensinado e, principalmente, por ter me desafiado a ousar em meio aos meus silêncios e ansiedades. Ao seu lado fiz a travessia mais difícil. Obrigada por me guiar!

Ao meu *retalho-amiga*: Minha querida Dolores Vieira por segurar minha mão e me levar por caminhos que jamais imaginei andar. Obrigada por ter entrado em minha vida com toda sua leveza, encanto e cores. Caminheemos, juntas e de mãos dadas!

Ao meu *retalho-inspiração*: Minha querida amiga Vicelma por seu companheirismo, incentivo, positividade, garra e luz. Obrigada por cofacilitar esta pesquisa e por caminhar, de pés descalços, ao meu lado nesta aventura investigativa.

Ao meu *retalho-companheirismo*: Minha querida Luana Vieira por sempre me ajudar nos momentos de dificuldade e por caminhar como cofacilitadora (fotógrafa oficial) comigo nesta pesquisa. Gratidão por sua sensibilidade e registros precisos.

Ao meu *retalho-potiguar*: Minha querida Diana Duarte que mesmo estando a muitas milhas de distância sempre se preocupou e me ajudou nesta investigação. Nosso encontro foi um presente irradiado de luz.

Ao *retalho-grupo-pesquisador*: Depressivo, Rosinha, Peter, Potter, Esperança, Triste-Feliz, Sadboy e Silenciador. Jovens que me ajudaram, de maneira criativa, comprometida e sensível, construir esta pesquisa. Vocês são pura potência!

Ao *retalho-escola*: Diretora Márcia, Coordenadora Socorro e todas/os que compõem o quadro de funcionárias/os que sempre me recebem com sorriso no rosto. Obrigada por abrirem as portas para a pesquisadora e para a pesquisa.

Ao *retalho-camaradagem*: Minha querida Natália Simeão por estar sempre ao meu lado me ajudando e me apoiando em minhas tomadas de decisões. Estamos juntas amiga!

Ao *retalho-solidariedade*: Minha querida Illana Batista que com toda sua doçura sempre me ajudou desde nossa matrícula no programa até aqui. Obrigada por me ensinar tanto!

Ao *retalho-NEPEGECI-OBJUVE*: Minhas sociopoetas Thais, Thaysa e Mayara por me ensinarem a trocar minhas peles. Obrigada pelos aprendizados!

Ao *retalho-turma*: Minha 27ª turma do curso de Mestrado em Educação. Obrigada pelas amizades, risadas, lanches coletivos e aprendizados durante as nossas aulas e encontros. Chegou nossa hora!

Ao *Retalho-FAPEPI*: Fundação de Amparo à Pesquisa do Piauí por financiar o último semestre dessa pesquisa.

Ao *retalho-banca de qualificação*: Às professoras doutoras Maria Dolores dos Santos Vieira, Maria Rosângela de Souza, Jane Bezerra de Sousa e ao professor doutor PhD. Francis Musa Boakari por aceitarem meu convite e comporem minha Banca de Qualificação.

Ao *retalho-banca de defesa*: À professora Maria Rosângela de Souza e ao professor doutor PhD. Francis Musa Boakari por aceitarem fechar o ciclo do mestrado junto comigo.

“E que assim, de retalho em retalho, possamos
nos tornar, um dia, um imenso bordado de
‘nós’.
(Cris Pizzimenti)

COSTA, Samara Layse da Rocha. **RETALHOS DO SER JOVEM EM MEIO À HETERONORMATIVIDADE: EXPERIÊNCIAS JUVENIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA.** Dissertação de Mestrado em Educação. 149 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2019.

RESUMO

O ser jovem em meio à heteronormatividade é o tema-gerador desta pesquisa. O objetivo geral é de analisar confetos (conceitos + afetos) produzidos por jovens estudantes do CETI Profa. Maria da Conceição Salomé sobre o ser jovem em meio à heteronormatividade. Tem como objetivos específicos: identificar quem são as/os jovens do CETI Profa. Maria da Conceição Salomé ditos por elas/es mesmos; perceber o que estas/es jovens pensam sobre o ser jovem em meio à heteronormatividade; identificar os problemas vivenciados por estas/es jovens em meio à heteronormatividade; identificar as estratégias das/os jovens deste espaço escolar frente aos problemas vivenciados em meio à heteronormatividade. A pesquisa utilizou a abordagem de pesquisa Sociopoética, prática social de construção coletiva do conhecimento à luz de Gauthier (1999, 2005, 2012), Adad (2004, 2011, 2014) e Petit (2014) dentre outros. Esta abordagem parte de uma multirreferencialidade de fontes e inspirações teóricas e está pautada em cinco princípios, a saber: pesquisar com pessoas de um grupo; pesquisar com as culturas de resistência, das categorias e dos conceitos que produz; pesquisar com o corpo todo; uso da arte; e responsabilidade ética, noética e espiritual do grupo-pesquisador no momento do processo de pesquisa. A metodologia se deu por meio de oficinas com vivências sociopoéticas. Os dados foram registrados pelo audiovisual e diários de itinerância, produzidos a partir de duas técnicas artísticas intituladas: Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade e seu desdobramento Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade. Quando analisados, os dados revelam dimensões do pensamento do grupo-pesquisador de como ser jovem dentro da construção heteronormativa e evidenciaram que há jovens que são impedidos de ser o que são pela família e pela sociedade e outros que não são impedidos, pois são as próprias regras da sociedade; *Lugares do ser jovem em meio à heteronormatividade* - o grupo-pesquisador mostrou que há lugares que o ser jovem pode ser o que quiser sem impedimentos, preconceitos e críticas, lugares que são totalmente bloqueados para quem é homossexual e lugares que os jovens são robôs; *Problemas do ser jovem em meio à heteronormatividade* - as jovens e os jovens pontuaram que em meio à heteronormatividade, além dos problemas que os travam, os arrastam e os impedem de lidar com seus problemas sozinhos, também há os problemas com a família; e *Estratégias frente aos problemas vivenciados em meio à heteronormatividade* - as copesquisadoras e os copesquisadores fizeram emergir suas estratégias e a ajuda da mãe e dos amigos frente aos problemas descritos pelo grupo-pesquisador. Essas dimensões do pensamento do grupo-pesquisador indicam a desconstrução de ideias naturalizadas sobre o ser jovem e sua relação com a heteronormatividade, possibilitando outras formas de pensar esta temática para além do instituído e imposto socialmente. Neste sentido, os relatos produzidos durante as oficinas revelaram um turbilhão de ideias com as marcas das multifaces juvenis para além da heteronormatividade, denunciando o preconceito, a violência, a tristeza, o envolvimento com drogas, os problemas familiares, dentre outros que atravessam o ser jovem no contemporâneo. São produções e narrativas que reivindicam esperança, amor, respeito e, principalmente, o direito à voz.

Palavras-chave: Jovens. Heteronormatividade. Escola. Sociopoética.

COSTA, Samara Layse da Rocha. **RETAILINGS OF YOUNG BEING IN THE MIDST OF HETERONORMANCE: JUVENILE EXPERIENCES IN A PUBLIC SCHOOL OF TERESINA.** Master's Dissertation in Education. 149 f. Postgraduate Program in Education, Center for Educational Sciences, Federal University of Piauí, 2019.

ABSTRACT

Young people amid heteronormativity is the theme-generator of this research. The study aims to analyze the "confetos" (concepts + affections) produced by young students from the CETI Profa. Maria da Conceição Salomé regarding young people amid heteronormativity. In addition, the research aims to identify who are the young people from CETI Profa. Maria da Conceição Salomé, based on their own description about themselves; to perceive what these young people think about young people amid heteronormativity; to identify the problems experienced by them amid heteronormativity; identify the strategies of the youngsters from this school to facing the problems experienced amid heteronormativity. The research was carried out based on the sociopoetics research approach, which is a social practice of collective construction of knowledge, according to Gauthier (1999, 2005, 2012), Adad (2004, 2011, 2014), Petit (2014), and others. This approach starts from a multi-referral of sources and theoretical inspirations, and it is based on five principles, including: researching with people in a group, research with resistance cultures, categories and concepts that produce, research with the whole body, use of art, and ethical, noetic and spiritual responsibility of the researcher group during the research process. The study was carried out through workshops with sociopoetics experiences. The data were recorded by audiovisual and roaming diaries, which were produced from two artistic techniques entitled: Patches of young people amid heteronormativity and its upcomings - Banner of youngster amid heteronormativity. The data reveal the dimensions of the researcher's thinking about how to be young within the heteronormative construction. In addition, the results showed that there are young people who are prevented from being what they are by the family and society, and others that are not prevented, since they are the rules of society. *Places of young people amid heteronormativity* - the researcher group has shown that there are places where young people can be anything they want without impediment, prejudices and criticism; places where they are not allowed for being homosexual; and places where young people are like robots. *Problems of young people amid heteronormativity* - the young people pointed out that amid heteronormativity, besides the problems they have to deal with, which they can not solve by themselves, there are also problems with their family. *Strategies to face the problems experienced amid heteronormativity* - the co-researchers exposed their strategies and the help from their mothers and friends in order to face the problems described by them. These dimensions of the researcher's thinking indicate the deconstruction of naturalized ideas about young people and its relation to heteronormativity, allowing other thoughts about this subject beyond what was instituted and imposed socially. Therefore, the reports obtained during the workshops revealed a huge amount of ideas with the marks of the juvenile multifaceted beyond heteronormativity. It was highlighted the prejudice, violence, sadness, drugs addiction, family problems, among others that cross the young people in their contemporary. The data from this study are productions and narratives that claim hope, love, respect and, above all, the right to speak.

Keywords: Young people. Heteronormativity. School. Sociopoetics.

LISTA DE FOTOFRAFIAS

Fotografia 01 - Solenidade de sanção do Conselho Estadual LGBT do Piauí	16
Fotografia 02 - Mapa do território	37
Fotografia 03 - Pesquisadora entrando no território da pesquisa	38
Fotografia 04 - Prêmio Gestão Escolar.....	41
Fotografia 05 - Frente da Escola	42
Fotografia 06 - Pátio (área interna e externa)	42
Fotografia 07 - Refeitório	43
Fotografia 08 - Quadra de esportes.....	43
Fotografia 09 - Construção das máscaras de si.....	54
Fotografia 10 - Máscara de si Esperança.....	55
Fotografia 11 - Máscara de si Silenciador	56
Fotografia 12 - Máscara de si Rosinha	57
Fotografia 13 - Máscara de si Depressivo	58
Fotografia 14 - Máscara de si Sadboy	59
Fotografia 15 - Máscara de si Triste-feliz	60
Fotografia 16 - Máscara de si Potter.....	61
Fotografia 17 - Máscara de si Peter	62
Fotografia 18 - Diário de Itinerância	63
Fotografia 19 - Retalho Problemas	72
Fotografia 20 - Retalho Passado	73
Fotografia 21 - Retalho Espaço Fechado.....	74
Fotografia 22 - Retalho Sonho.....	75
Fotografia 23 - Retalho Natureza	76
Fotografia 24 - Retalho Luta	77
Fotografia 25 - Retalho Vida	78
Fotografia 26 - Estandarte visões de um novo mundo	80
Fotografia 27 - Jovens analisando as imagens e os relatos orais da primeira técnica	84
Fotografia 28 - Jovens analisando as imagens e os relatos orais da segunda técnica.....	87
Fotografia 29 - Exposição das imagens das duas técnicas.....	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias levantadas da técnica Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade	92
Quadro 2 - Categorias levantadas da técnica Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade	94
.....	94

LISTA DE SIGLAS

CCE	Centro de Ciências da Educação
CEP	Comitê de Ética da Pesquisa Humana
CETI	Centro de Ensino em Tempo Integral
CF	Constituição Federal
CONJUVE	Conselho Nacional da Juventude
CONSED	Conselho Nacional de Secretários da Educação
GLBT	Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais
GPTrans	Grupo Piauiense de Transexuais e Travestis
GRE	Gerência Regional de Ensino
LGBTs	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NEPEGECEI	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Educação e Cidadania
OBJUVE	Observatório de Juventudes e Violências na Escola
PNJ	Política Nacional da Juventude
PPGEEd	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEDUC	Secretaria Estadual de Educação
SNJ	Secretaria Nacional da Juventude
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPI	Universidade Federal do Piauí

SUMÁRIO

1 ALINHAVOS INICIAIS	12
2 TECIDOS TEÓRICOS: A TRAMA ENTRE OS FIOS DAS JUVENTUDES, HETERONORMATIVIDADE E ESCOLA	21
2.1 A Construção das juventudes no mundo ocidental moderno: flutuações entre a constituição e legalização do ser jovem em meio à heteronormatividade	21
2.2 Nos entremeios do real e do ideal: a heteronormatividade no território escolar	26
2.3 Escola e diferenças: um encontro pacífico é possível	33
2.4 Andando sobre linhas, paralelepípedos e gramíneas: cartografia do território da pesquisa	35
3 TECIDOS METODOLÓGICOS: A <i>POIÉSIS</i>	45
3.1 De aprendiz à sociopoeta: o encontro e a afetação	45
3.2 Fios que se unem nas tramas dos tecidos metodológicos: Afinal, o que é a Sociopoética?	48
3.3 O enviesar dos fios da pesquisa: negociação, formação do grupo-pesquisador e construção das máscaras de si (Quem são as/os jovens da pesquisa)	52
4 ALINHAVANDO SABERES NO ESTANDARTE DO SER JOVEM EM MEIO À HETERONORMATIVIDADE	68
4.2 Oficina de análise pelas copesquisadoras e pelos copesquisadores	82
4.3 Análises das produções plásticas e dos relatos orais pelas copesquisadoras e copesquisadores: Técnica Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade	83
4.4 Análises das produções plásticas e dos relatos orais pelas copesquisadoras e copesquisadores: Técnica Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade	86
5 COSTURA ANALÍTICA: CARTOGRAFANDO O PENSAMENTO DO GRUPO-PESQUISADOR	90
5.1 Análise classificatória entre categorias classificadas nos relatos orais produzidos na Técnica Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade	92
5.2 Análise classificatória entre categorias classificadas nos relatos orais produzidos na Técnica Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade	94
6 COSTURA EM ZIGUEZAGUE: ESTUDOS TRANSVERSAIS E CONTRA-ANÁLISE	96
6.1 Fios que se unem e se separam: oficina de contra-análise	106

6.2	Contra-análise do texto transversal: Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte I – A descoberta).....	107
6.3	Resultado da contra-análise do texto transversal: Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte I – A descoberta).....	111
6.4	Contra-análise do texto transversal: Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte II – O retorno).....	115
6.5	Resultado da contra-análise do texto transversal: Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte II – O retorno).....	117
7	ARREMATANDO FIOS DE UMA CONCLUSÃO PROVISÓRIA	120
	REFERÊNCIAS	125
	APÊNDICE A -Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	132
	APÊNDICE B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....	135
	APÊNDICE C - Autorização Institucional.....	138
	APÊNDICE D - Inventário de mim	139
	APÊNDICE E - Ilustrativo da análise classificatória das categorias na técnica retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade	140
	APÊNDICE F - Ilustrativo da análise classificatória por numeração das categorias na técnica retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade	141
	APÊNDICE G - Ilustrativo do cruzamento de ideias da categoria lugares da heteronormatividade na técnica retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade	143
	ANEXO A – Comprovante de envio ao CEP	145
	ANEXO B - Parecer do CEP	146

1 ALINHAVOS INICIAIS

Nas vidas, o que nos interessa são as trajetórias, os percursos.
(José Machado Pais)

Ao iniciar a escritura deste relatório de pesquisa, quero destacar minha opção de me fazer presente, através das minhas colocações em primeira pessoa, evidenciando quem fala, o lugar de onde fala, com que finalidade e de que perspectiva. Este gesto não é mero indicativo, nem uma regra protocolar. Ao contrário, trata-se de uma afirmação: “ética, porque indica a decisão do falante de fazer-se responsável por seu discurso; estética já que reconhece a importância do conteúdo, da forma e dos vínculos específicos que esta cria; e política porque pretende um lugar no emaranhado de relações contemporâneas” (NAJMANOWICH, 2001, p. 8).

Deste modo, pensar o início dessa trajetória de pesquisa é pensar, ao mesmo tempo, os desdobramentos que me tornaram pesquisadora dessa temática. Assim, ousou cartografar nesta seção as memórias, lugares, experiências e inquietações que trago no corpo para explicar minhas implicações na pesquisa. Questiono-me: Por onde iniciamos um texto? Iniciamos pelo começo. Mas onde é mesmo o começo? Penso que sempre começamos pelo meio, pois acredito que nossa história começa quando nascemos e nós nascemos no meio! No meio de uma história, no meio de uma família, de um tempo e de uma sociedade heteronormativa cujos valores, normas e dispositivos instituem a heterossexualidade como única possibilidade legítima e natural de expressão identitária e sexual. Assim, “o que conta em um caminho, o que conta em uma linha é sempre o meio e não o início nem o fim. Sempre se está no meio do caminho no meio de alguma coisa.” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 38).

Neste sentido, meu tema de pesquisa nasceu de um desejo de não apenas estudar os discursos especializados sobre a heteronormatividade, mas de privilegiar a fala das/os jovens do Ensino Médio da escola pública a partir de suas lógicas discursivas acerca do que é ser jovem em meio à heteronormatividade, bem como entender como esses/as jovens, ao seu modo, pensam o modelo imposto de ser homem e de ser mulher no qual encontram-se inseridos/as em nossa sociedade. Justifico esta escolha utilizando as palavras de Adad (2004, p.16), que ressalta que “a escolha do tema é sempre um processo que surge de nossas experiências, preocupações e paixões e que nos leva à busca, nos põe em movimento. [...] Ou seja, a pesquisa não é um ato apartado da vida pessoal, afetiva e emocional do pesquisador”. Destarte, a escolha de um tema

de pesquisa decorre daquilo que vivemos, ouvimos e sentimos. Envolve nossa experiência, ou seja, aquilo que nos passa, nos acontece, nos toca e que constrói nossa própria história (LARROSA, 2016).

Sobre minha própria história e a relação com as afecções que me mobilizam hoje a pesquisar esta temática, cabe narrar que estudei a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em meados de 1990, na mesma escola pública rural localizada próximo à minha casa. Nela, diariamente, eram organizadas duas filas (uma de meninas e uma de meninos) para cantar o Hino Nacional, resquícios da Ditadura Militar que acabou em 1985, mas que ainda permanecia viva através de símbolos nacionais como a bandeira, as filas, o Hino Nacional e, principalmente, a disciplina. Em minhas memórias, recordo-me que nas filas dos meninos sempre tinha empurra-empurra e aqueles que não se adequavam à brincadeira eram chamados de “boiolas” (termo pejorativo que diz respeito a uma forma de inferiorizar as pessoas que não se enquadram numa norma de inteligibilidade dos corpos, ou seja, nos padrões heteronormativos), e empurrados para a fila das meninas, agredidos verbalmente e, muitas vezes, fisicamente. O que estas filas, que ainda existem em algumas escolas, dizem sobre os corpos? Quais limites e fronteiras heteronormativas elas desenham e/ou borram? Com cuidado, explico que as perguntas apresentadas no decorrer desta escrita têm o desejo de problematizar e provocar reflexões sobre a temática em tela, não intencionando, deste modo, serem respondidas por mim.

Para dizer, ainda, sobre os sentires dos meus itinerários de escolarização e o meu ser jovem em Santa Teresa, zona rural de Teresina, realço que o computador e a internet não fizeram parte da minha juventude. Não existiam feiras de ciências, palestras, rodas de conversas, nem algo semelhante que abordasse os temas sobre a juventude, gênero, sexualidade, gravidez, dentre outros tratados, apenas de maneira superficial no componente curricular de biologia, que utilizava abordagens pedagógicas as quais adotavam a perspectiva da saúde pública associando a sexualidade com doença e com ameaça coletiva, reforçando “padrões morais antiquados, mas poderosos.” (MISKOLCI, 2012, p. 44). Existia uma curiosidade muito grande de minha parte e dos demais discentes da turma, em saber mais sobre estas questões, mas sempre que tentávamos nos aprofundar um pouco mais erámos barrados pela professora, que alegava não ser assunto para tratar naquele momento. Qual é o momento para tratar de tais questões? Quais os desdobramentos de tal postura de silenciamentos da professora frente às questões?

Recordo-me que ninguém falava em vestibular, isto era algo impensável para jovens da minha escola que almejavam “terminar os estudos”, fazer um curso de informática básica e

adentrar o mercado de trabalho o quanto antes. Quem pensava para além disto era taxado como alguém que “queria se aparecer”, este era o meu caso. Assim, em 2012 fui aprovada para o curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal Piauí-UFPI, que já fazia a seleção por meio do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Nunca havia saído de Santa Teresa e adentrar o portal da UFPI me permitiu ver e falar das questões que tinha curiosidade de saber, que me inquietavam e que foram silenciadas e/ou não problematizadas em meio a interditos na escola, por não ser o lugar para este tipo de assunto, na comunidade que considerava tais questões tabus, nem tampouco na família que não sabia ou não queria falar a respeito.

É importante ressaltar, que no curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPI existe apenas um componente curricular de caráter optativo (Relações étnico-raciais e gênero) que trata das questões relacionadas a gênero, a raça e a etnia. Deste modo, por meio deste componente curricular, tive a oportunidade de conhecer propostas de discussão sobre diversidade sexual, identidade de gênero, formas de discriminação contra LGBTs¹ dentre outros, entendendo a escola como um lugar possível para a problematização de tais questões, pois problematizá-las “pode contribuir para desnaturalizá-las, para desconstruí-las, para mais uma vez mostrar o quanto elas são contingentes, justamente porque advém de relações que são construídas social e discursivamente” (VEIGA-NETO, 2011, p. 110).

Neste sentido, as discussões realizadas ao longo deste componente curricular me motivaram a investigar as concepções de homofobia e suas práticas de enfrentamento no ambiente escolar para discentes do último período do curso de Pedagogia da UFPI. A pesquisa intitulada *Silêncio entre os muros: reflexões sobre a homofobia e práticas de enfrentamento no ambiente escolar* foi realizada para a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Inspirada na Sociopoética, evidenciou as dimensões de pensamento do grupo-pesquisador, formado por 05 jovens discentes do último período do curso acima citado. Com esta pesquisa pude perceber as ausências de discussões e os equívocos conceituais acerca da diversidade sexual, identidade de gênero e formas de discriminação contra LGBTs que colonizavam o pensamento das/os discentes impedindo-as/os de perceber outros modos de ser, viver, aprender e ensinar para além das colonizações heteronormativas (COSTA, 2016).

Outro acontecimento marcante no decorrer da minha trajetória, foi a participação no NEPEGECI (Núcleo de Estudos e Pesquisas em “Gênero, Educação e Cidadania”), em meu

¹ Atualmente algumas letras têm sido adicionadas à esta sigla, assim, em meio a esse contexto, com cuidado, esclareço que nesta pesquisa utilizarei o termo LGBT por ser mais utilizado e consolidado, no entanto reconheço outras formas de siglas, as quais outros sujeitos se posicionam politicamente.

último ano de graduação, no qual realizamos leituras e discussões que me possibilitaram compreender que os saberes sobre gênero e sexualidade são produzidos através de táticas e estratégias utilizadas por instâncias sociais como escola, mídia, justiça, igreja, dentre outros que agem “legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras” (LOURO, 2010, p. 31).

Destarte, a partir das experiências com o componente curricular “Relações étnico-raciais e gênero”, da pesquisa de TCC e da participação no NEPEGECI, me senti motivada a fazer a seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd/UFPI. Neste sentido, escrevi o projeto para a seleção tendo como base a pesquisa realizada na graduação, uma vez que o enfoque principal eram as questões acerca da LGBTfobia² na escola, porém, desta vez com jovens estudantes do Ensino Médio. Deste modo, em 2016, ao concluir o curso de Pedagogia, participei da seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGED da UFPI, para minha alegria, fui aprovada com um projeto que objetivava analisar as dificuldades e os processos de resistência à LGBTfobia desenvolvidos por estudantes LGBTs do Ensino Médio em uma escola pública de Teresina.

Assim, em março de 2017, iniciei os meus estudos da Pós-Graduação sob a orientação da Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad e passo a me aprofundar nos estudos referentes ao meu tema de pesquisa, bem como a participar de eventos com apresentação de trabalhos produzidos a partir da pesquisa que eu realizei na graduação. Ao transitar por estes congressos, simpósios, seminários e palestras conheci pessoas e tive acesso a pesquisas que envolviam as questões relacionadas ao meu tema e que estavam sendo realizadas/concluídas pelo país, a exemplo a dissertação de mestrado intitulada *Arte dos Parangolés, confetos e resistência a heteronormatividade: uma pesquisa Sociopoética* de Duarte (2016). O que me possibilitou perceber outras questões, nuances e possibilidades acerca do que pretendia pesquisar.

Neste mesmo ano, engajei-me ao Observatório das Juventudes e Violências na Escola (OBJUVE). Deste modo, passo a ter uma aproximação maior com as juventudes e seus problemas. Assim, com as leituras que fiz, passei a constatar que a LGBTfobia era apenas uma faceta da problemática da juventude vivida na escola e percebi que mais do que essas leituras, era necessário ingressar no mundo das/os jovens em cotidiano escolar. Dessa forma, parti para meus estudos exploratórios nas escolas que já haviam sido *locus* de outras pesquisas durante a

² Este é o termo mais utilizado para se referir às práticas discriminatórias contra LGBTs. A recomendação foi feita na plenária final da 3ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais ocorrida entre os dias 24 a 27 de abril de 2016 em Brasília/DF. A sigla compreende todos os indivíduos que em nossa sociedade são classificados como homossexuais, ou seja, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

graduação e que se disponibilizaram em receber-me. Nesta caminhada exploratória, deparei-me com dúvidas das/os jovens que fizeram parte do meu passado e que me possibilitaram perceber que a heteronormatividade, embora bastante discutida, ainda, é pouco esclarecida e perpassada de muitos medos, tabus e repressões. Esta experiência me possibilitou adentrar e conhecer um pouco mais o universo pretendido. Após todos esses movimentos citados anteriormente, redefini meu objeto de pesquisa, trazendo algo encarnado e imbricado com minha experiência. Assim, redirecionei o foco da LGBTfobia para focar em outro desdobramento, e passei a pesquisar o ser jovem em meio à heteronormatividade com jovens estudantes do Centro de Ensino em Tempo Integral - CETI Profa. Maria da Conceição Salomé³.

Em meio a este contexto, concomitante à minha aprovação no processo de seleção para o mestrado, logo no final do primeiro semestre de 2017, mais precisamente dia 24 de julho às 11h30, ocorreu, no Palácio de Karnak, a solenidade de sanção da Lei nº 7.005 que cria o Conselho Estadual de Direitos da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais do Piauí. Organizações como o Grupo Matizes, o Grupo Piauiense de Transexuais e Travestis (GPTrans), a Associação de Travestis do Piauí, representantes do movimento Mães Pela Igualdade e o Centro Estadual de Referência LGBT Raimundo Pereira, estão entre as organizações de apoio do Conselho Estadual que, por sua vez, deverá funcionar fazendo pontes de diálogo entre o poder público e a sociedade civil organizada para o monitoramento e a implantação de políticas públicas voltadas para esta população no Estado.

Fotografia 01 - Solenidade de sanção do Conselho Estadual LGBT do Piauí



Fonte: arquivo da pesquisadora

Os conselhos são órgãos estaduais responsáveis por elaborar, acompanhar, monitorar, fiscalizar e avaliar a execução de políticas públicas a favor do segmento que representam. É

³ Foi a partir da acolhida da Coordenadora Socorro e da Diretora Márcia e do interesse das/os jovens dessa escola em discutir tais questões, que eu a escolhi para desenvolver a presente pesquisa.

importante sublinhar que somente cinco (05) estados no Brasil possuem tal conselho a saber: Pará, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Em nome disso, não há como não destacar seu Art. 1º que assevera:

O Conselho Estadual dos Direitos da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, órgão colegiado de natureza consultiva e deliberativa, no âmbito de suas competências, integrante básica da Secretaria de Estado da Assistência Social e Cidadania – SASC, tem por finalidade, respeitadas as demais instâncias decisórias e as normas de organização da administração estadual, voltadas para o combate à discriminação e a promoção e defesa dos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. (BRASIL, 2017, p. 01)

Seguindo esta trajetória, poucos meses depois, o caso da travesti Makelly Castro, de 24 anos, que fazia programas no centro de Teresina e foi assassinada em 2014⁴, volta às mídias televisivas e locais: “É travesti. Pode matar? O júri cunhou uma nova modalidade de justiça. Mesmo enxergando o réu como culpado, decidiram absolvê-lo”⁵. Não se tratava de falta de provas contra o réu, mas de sensibilidade, atenção ao caso e senso de justiça para aquelas e aqueles que são colocadas/os à margem da sociedade.

Estes dois acontecimentos paradoxais, levam-me a pensar que na contemporaneidade, há uma maior expressão e “permissividade para outros modos de viver a sexualidade, para além da heterossexualidade. De outro lado, também coexiste com essas possibilidades, formas de violências e preconceitos” (NASCIMENTO, 2014, p. 14), pois apesar do Brasil, assim como outros países, garantirem certa proteção e reconhecimento ao seguimento LGBT, as estatísticas sobre a violência contra o grupo revelam contradições.

Segundo o Relatório sobre assassinatos de LGBTs no Brasil organizado em 2016 pelo Grupo Gay da Bahia⁶ - associação pioneira em defesa dos direitos humanos homossexuais, a cada 25 horas um LGBT é barbaramente assassinado vítima da LGBTfobia, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Tais mortes cresceram assustadoramente: de 130 homicídios em 2000, saltou para 260 em 2010 e para 343 em 2016.

Em 2017⁷, o relatório realizado pelo mesmo grupo apontou que o número de mortes de LGBTs saltou novamente, dessa vez de 343 em 2016 para 445 em 2017, ou seja houve um aumento de 30% de um ano para o outro. É importante enfatizar, que o relatório é feito com

⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/07/policia-identifica-corpo-de-travesti-encontrado-na-zona-sul-de-teresina.html>

⁵ Disponível em: <http://www.portalodia.com/blogs/lasciva/e-travesti-pode-matar-307099.html>

⁶ Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>

⁷ Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>

base em notícias e informações que chegam ao conhecimento do grupo e os dados podem ser apenas a ponta do *iceberg* da violência real contra a comunidade, visto que muitas vezes os crimes não são notificados.

Na escola, muitas vezes, as vítimas não chegam a denunciar os fatos por medo de sofrer retaliações dos agressores, fato que deixa esses episódios fora das estatísticas e contribuem para a evasão escolar. Questiono: é evasão ou expulsão? Pois, apesar do discurso plural e inclusivo da atualidade, a escola que ainda vemos silencia e invisibiliza, através da (re)produção da heteronormatividade, aquelas e aqueles que têm uma orientação sexual distinta da norma. De acordo com Foucault (2010, p. 43) “a norma traz consigo ao mesmo tempo um princípio de qualificação e um princípio de correção. A norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação a uma espécie de poder normativo.” Como ser jovem em meio à cultura que modela seu jeito de ser? Quais são os problemas vivenciados pelos jovens em meio à cultura heteronormativa?

Todas essas memórias, lugares, experiências e inquietações em minha vida, me possibilitaram observar as dificuldades, mitos, tabus e curiosidades acerca da heteronormatividade, além de perceber a necessidade de esclarecimento de questões que vêm sendo produzidas na sociedade e (re)produzidas no ambiente escolar como verdades únicas e absolutas. Desse modo, em sintonia com todo esse cenário descrito, desejei ver e ouvir o que as/os jovens do CETI Profa. Maria da Conceição Salomé tinham a dizer sobre o ser jovem em meio à heteronormatividade, bem como criar um espaço que possibilitasse o aflorar de suas falas de modo a liberar suas ideias sobre si e seus problemas em meio à heteronormatividade, pois as/os jovens, poucas vezes, são ouvidos e quando o são não tem o direito de pensar diferente sobre questões que os envolvem.

Assim, apresento o seguinte problema: Quais confetos (conceitos + afetos) produzidos por jovens estudantes do CETI Profa. Maria da Conceição Salomé sobre o ser jovem em meio à heteronormatividade?

Em meio a este problema elenquei algumas questões para subsidiar os objetivos do estudo, tais como: Quem são as/os jovens do CETI Profa. Maria da Conceição Salomé ditos por elas/es mesmos? O que estas/es jovens pensam sobre o ser jovem em meio à heteronormatividade? Quais os problemas vivenciados por estas/es jovens em meio à heteronormatividade? Quais as estratégias das/os jovens deste espaço escolar frente aos problemas vivenciados em meio à heteronormatividade?

Com esses elementos pensados, dediquei-me a definir os objetivos da investigação: o objetivo geral é analisar confetos (conceitos + afetos) produzidos por jovens estudantes do

CETI Profa. Maria da Conceição Salomé sobre o ser jovem em meio à heteronormatividade. Os objetivos específicos são: Identificar quem são as/os jovens do CETI Profa. Maria da Conceição Salomé ditos por elas/es mesmos; Perceber o que estas/es jovens pensam sobre o ser jovem em meio à heteronormatividade; Identificar os problemas vivenciados por estas/es jovens em meio à heteronormatividade; Identificar as estratégias das/os jovens deste espaço escolar frente aos problemas vivenciados em meio à heteronormatividade.

Esta é uma pesquisa qualitativa com a Abordagem Sociopoética, prática social de construção coletiva do conhecimento. “Não é um pesquisar restrito a recolha de dados, mas um pesquisar que prima pela exigência teórica, que tem abertura para a criação e a arte” (VIEIRA 2018, p. 27). A pesquisa contou com levantamento bibliográfico em autoras e autores que estudam o assunto, para ampliação e atualização do campo teórico do tema estudado.

No que se refere à metodologia, seguindo os caminhos da pesquisa Sociopoética foram realizadas quatro oficinas, a saber: *Oficina de Negociação* para a caracterização das/os jovens, formação do grupo-pesquisador e escolha/confirmação do tema-gerador, na qual fiz uso da técnica máscaras de si; A seguinte foi a *Oficina de produção dos dados* plásticos e orais, em que utilizei a técnica Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade e seu desdobramento Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade. Esclareço, que a técnica desdobrada funciona como uma segunda técnica, mas com o aproveitamento de elementos da primeira. Em seguida, realizei a *Oficina de análise pelas copesquisadoras e pelos copesquisadores*, em que as/os jovens construíram textos com o seu entendimento das análises que realizaram dos relatos orais e das imagens das produções plásticas. A quarta foi a *Oficina de contra-análise* dos relatos orais, momento que apresentei ao grupo-pesquisador, por meio de dois textos literários, minha compreensão do seu pensamento em relação ao tema-gerador da pesquisa.

Assim, para a compreensão de como aconteceu a pesquisa, a seguir apresento a síntese descritiva com o desenho de cada uma das seções que compõem a dissertação.

A seção 2, *Tecidos teóricos: a trama entre os fios das juventudes, heteronormatividade e escola*, está dividida em quatro subseções. Na primeira, faço uma contextualização das juventudes no mundo ocidental moderno, trazendo as flutuações entre a constituição e legalização do ser jovem em meio à heteronormatividade. Na segunda, trato da heteronormatividade no ambiente escolar. Na terceira, apresento a escola como um lugar de encontro das diferenças. E, na quarta subseção, eu cartografo o território da pesquisa.

A seção 3, *Tecidos metodológicos: a poiésis*, está organizada em três subseções. Na primeira, apresento o meu encontro e afetação com a Sociopoética. Na subseção seguinte,

explico o que é Sociopoética, destacando sua multirreferencialidade de fontes e inspirações teóricas, bem como os princípios que a norteiam. Na última subseção, narro como aconteceu o planejamento da pesquisa, a oficina de negociação, a formação do grupo-pesquisador e a construção das máscaras de si.

A seção 4, *Alinhavando saberes no estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade*, traz a descrição da oficina de produção dos dados: as brincadeiras, o relaxamento, a produção dos Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade e do Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade. Bem como a oficina de análise das produções plásticas e dos relatos orais feita pelas copesquisadoras e pelos copesquisadores.

A seção 5, *costura analítica: cartografando o pensamento do grupo-pesquisador*, está dividida em duas subseções. Na primeira, apresento a análise classificatória dos relatos orais produzidos na técnica Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade. Na segunda subseção, exponho a análise classificatória dos relatos orais da segunda técnica, Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade.

Na seção 6, *Costura em ziguezague: estudos transversais e contra-análise*, principio apresentando as fricções e as fissuras acerca do tema-gerador: *O ser jovem em meio à heteronormatividade*, expondo como as/os jovens pensam este tema e as dimensões que este pensamento possui. Na primeira subseção descrevo como a oficina de contra-análise aconteceu. Na subseção seguinte, exponho a contra-análise do texto transversal: Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte I A descoberta). Na terceira subseção, detalho o resultado da contra-análise desse texto. Na quarta subseção, trato da contra-análise do texto transversal: Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte II O retorno). Na última subseção, trago o resultado da contra-análise desse texto.

Enfim, finalizo, *Arrematando os fios de uma conclusão provisória*, trazendo minhas reflexões e achados da pesquisa que encontram-se abertos à novas questões e novos fios de conhecimento.

2 TECIDOS TEÓRICOS: A TRAMA ENTRE OS FIOS DAS JUVENTUDES, HETERONORMATIVIDADE E ESCOLA

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam.

Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências têm, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é coautor.

Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita.

(Leonardo Boff)

2.1 A Construção das juventudes no mundo ocidental moderno: flutuações entre a constituição e legalização do ser jovem em meio à heteronormatividade

Esta subseção propõe fazer um resgate da categoria social juventude, abordando os principais aspectos que se referem as diversas nuances que perpassam esse conceito. Para tanto discutirei as fronteiras e as diferentes faces que o delineiam e o apresentam na sociedade moderna ocidental.

Assim, neste estudo, adoto a concepção de juventudes no plural por acreditar que fundamenta as diferenças e desigualdades que vivenciam as juventudes. Nesse sentido, assumo e dialogo com a concepção de juventudes que se articula em torno da condição e situação juvenil defendida nos estudos de Abramo (2008, p. 42), ao destacar que

[...] Tal tensão pode ser resolvida, como sugerem, entre outros autores, Abad (2003) e Sposito (2003), pela distinção entre *condição* (modo como a sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a dimensão histórica geracional) e *situação* que revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero e etnia etc.

Essa concepção imprime a necessidade de falar de juventudes no plural, ao invés de juventude no singular, rompendo com as visões que separam condição e situação juvenil. Assim,

ênfate a ideia de juventudes no plural, considerando aspectos históricos, sociais, culturais, políticos, econômicos, etc., a fim de realçar a diversidade de modos de ser jovem existentes na contemporaneidade, evidenciando, a partir do cotidiano vivido pelas/os jovens do Ensino Médio, como elas e eles constroem determinados modos de ser jovem em meio ao contexto heteronormativo que encontram-se inseridas/os.

Neste cenário, cabe ressaltar, que nas representações vigentes, a juventude tem sido tratada como uma unidade social, ou seja um grupo de determinada faixa etária cujos interesses são comuns. Essa concepção de juventude homogênea e universal se dá pelo fato da juventude ser uma condição social e uma representação (PERALVA, 1997). Assim, esse caráter universal está relacionado as transformações físicas e psicológicas dos indivíduos em uma determinada faixa etária, entretanto a forma como cada sociedade irá lidar e representar esse momento é muito diversa e vai se efetuar de acordo com as condições culturais, sociais, sexuais, de gênero, dentre outros elementos que interferem nos modos de vida juvenil e na construção de si como sujeitos.

Deste modo, existe um conjunto de representações que constroem uma determinada imagem da juventude. Essa imagem ou modelo é uma construção histórica. Ariés (1986), Abramo (1994), dentre outros, destacam que a juventude aparece como uma categoria socialmente evidenciada, nas sociedades industriais modernas, devido às novas condições sociais e o surgimento de instituições como a escola. Em meio a isto, iniciou-se um desenho de juventude para além dos aspectos biológicos ou de idade, assim ela passa a ser vista como uma condição social, ou seja, “uma condição de indivíduos que estão inseridos em um processo de formação e que ainda não possuem uma colocação permanente na estrutura da divisão social do trabalho” (DAYRELL, 2005, p. 27).

Inicialmente, estas condições foram difundidas entre a aristocracia e a burguesia e, depois que o estado passou a responsabilizar-se pela proteção dos indivíduos, aos poucos foi se estendendo às camadas populares. De acordo com Dayrell (2005, p. 27)

Nesse momento, já é possível antever como a existência do fenômeno da juventude nas sociedades ocidentais foi, e ainda é, muito variável, dependendo da classe social de origem, do desenvolvimento econômico e do grau de generalização dos direitos sociais em cada país ou mesmo região, constituindo-se por muito tempo um privilégio.

Deste modo, a concepção de juventude construída na modernidade é resultado da classe burguesa e de uma noção de tempo, visto que na sociedade ocidental, uma das concepções mais cristalizadas de juventude refere-se a condição de transitoriedade, ou seja, a

juventude é um “vir-a-ser”, é uma fase de preparação para a vida adulta que, sob esta ótica, é a condição plena de cidadania (DAYRELL, 2005). Assim, foi se edificando um “modelo ternário” das idades da vida, no qual a infância é destinada a brincar, a juventude a preparar-se para a vida adulta através da formação e a idade adulta é destinada ao trabalho (PERALVA, 1997).

Na escola, esta concepção é dominante, sendo o “vir-a-ser” o diploma e os projetos para o futuro. Por este viés, a escola nega as questões existenciais vividas pelas/os jovens no presente e que são mais amplas que as idealizações de futuro.

Neste processo, uma nova imagem de juventude veio se consolidando na sociedade ocidental. Abramo (1994), desenvolve uma interessante reflexão sobre este processo mostrando que nesse período desenhou-se a juventude não mais como uma idade da vida, nem algo restrito a determinados setores da sociedade, mas como um fenômeno mundial. Esta visibilidade aconteceu, especialmente, a partir da década de 50 nas esferas culturais e de consumo destinadas aos jovens. Através do lazer, da moda, das músicas, dentre outros, foi se construindo uma identidade juvenil própria, sem grandes distinções de classe.

Assim, “ser jovem passa a ser visto como um momento de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos estranhos e exóticos, enfim, a juventude como sinônimo de divertimento” (DAYRELL, 2005, p. 30). Percepção que se alia a ideia de “moratória”, como um tempo para experimentações, marcado pela irresponsabilidade e punições para determinados comportamentos juvenis (ABRAMO, 1994). Entretanto, muitos defendem que a concepção de moratória é burguesa, sendo este modo de ser jovem uma regalia daqueles que fazem parte dos estratos médios e altos da sociedade.

Ligada a esta ideia, existe a imagem da juventude como um momento de crise decorrente das mudanças físicas e da necessidade de uma identidade própria. Dayrell (2005, p. 31) esclarece que

Cristalizou-se a ideia dessa idade da vida como uma fase difícil, fruto das mudanças corporais, da necessidade de uma identidade singularizada, ou mesmo da ambiguidade do seu lugar na família e na sociedade. Essas condições gerariam uma crise de autoestima ou de personalidade, mas também de conflitos externos com a família ou com a própria ordem social, resultado de referências e interesses distintos.

Nesse sentido, a juventude é vista como algo negativo por ser considerada difícil e carregada de vulnerabilidades, riscos e determinados problemas sociais como drogas,

delinquência, desemprego, dentre outros apontados como problemas da juventude. Questiono-me: Os jovens sentem estes problemas como seus?

Cabe relatar, que ao longo do século XX e XXI, especialmente no mundo ocidental da classe média, ocorreram muitas manifestações e expressões juvenis que contribuíram, progressivamente, para que o jovem se tornasse sujeito social específico, com questões e formulações dadas por sua condição etária e geracional.

No Brasil, de acordo com a Secretaria Extraordinária da Juventude⁸, a população de jovens com idade de 15 a 29 anos é de 50 milhões, sendo este grupo dividido em três subgrupos: “1. O jovem-adolescente, com idade entre 15 e 17 anos; 2. O jovem-jovem, entre 18 e 24 anos; e 3. O jovem-adulto, com idade entre 25 e 29 anos.” (BRENNER; CARRANO, 2014, p. 1225). É importante, destacar que esta ampliação para 29 anos não é uma particularidade brasileira, e está ocorrendo na maioria dos países que pretendem implementar políticas para a juventude. Tal variação se justifica por dois fatores: o primeiro refere-se à maior dificuldade deste segmento populacional ganhar autonomia, tendo em vista as mudanças no mundo do trabalho, e o segundo, diz respeito ao aumento da expectativa de vida da população em geral.

Diante dessa realidade, é importante salientar, que apesar dos esforços e dos avanços, as demandas juvenis só começaram a fazer parte das agendas públicas recentemente, a partir de 2004 quando iniciou-se um amplo diálogo entre a esfera governamental, o parlamento e os movimentos sociais, sobre a necessidade de instaurar políticas para as juventudes o que culminou em 2005 com a implementação da Política Nacional da Juventude (PNJ) que possibilitou a criação da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) e do Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE), representando um novo momento para as juventudes brasileiras.

Neste contexto, em abril de 2008 aconteceu em Brasília a 1º Conferência Nacional de Políticas Públicas para as Juventudes. De acordo com a Secretaria Nacional da Juventude⁹, este evento contou com a participação de mais de 400 mil pessoas e foi dividido em etapas estaduais, regionais, municipais, consulta aos povos e comunidades tradicionais e conferências livres que começaram no ano anterior e elegeram 2 mil delegados para a etapa nacional. A conferência chamou atenção sobre temas polêmicos que afetam diretamente as juventudes e que, ainda, são questões tabus na sociedade como a legalização do aborto e a maioria penal. A resolução

⁸Disponível

em:<http://www.sejurn.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=75079&ACT=null&PAGE=0&PARM=null&LBL=Marcos+da+Pol%C3%ADtica+Nacional+de+Juventude>

⁹ Disponível em:

<http://juventude.gov.br/conferencia/1a-conferencia-nacional-de-pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas-de-juventude-e-as-entrelinhas-de-um-processo-participativo/>

mais votada, nesta conferência, foi sobre a juventude negra e dentre as 22 prioridades aprovadas, se destacou a cidadania LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), que a época recebia a sigla GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais).

Seguindo os rastros das conquistas juvenis, em 2010 o Senado aprovou a PEC 42/2008, conhecida como PEC da Juventude. A proposta inseriu o termo juventude na Constituição Federal. Nisto, cabe destacar que a luta por sua aprovação ganhou força, com a 1ª Conferência Nacional da Juventude que a elegeu como símbolo de luta para a ampliação das políticas públicas das juventudes.

Assim, em 2013 foi aprovado o Estatuto da Juventude (PNL 98/2011) que assegura a população de 15 a 29 anos o acesso à educação, profissionalização, trabalho e renda. Além, de assegurar aos estudantes que comprovarem renda familiar de até dois (02) salários mínimos ocupação de dois (02) assentos de forma gratuita em ônibus interestaduais.

A partir desta constelação de vozes, é possível perceber que nos últimos anos, de 2000 até hoje, tem crescido, tanto nos meios de comunicação quanto nas agendas públicas, a atenção dirigida às/aos jovens. Os temas mais comuns relacionados à elas e a eles dizem respeito às drogas, ao crime, à exploração sexual e às estratégias para diminuir ou erradicar tais problemas. Na academia, principalmente, através das pesquisas de mestrado e doutorado, os jovens voltam a fazer parte das problematizações e reflexões, entretanto Abramo (1997, p.25) adverte que

A maior parte da reflexão é ainda destinada a discutir os sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens (notadamente as instituições escolares, ou a família ou ainda os sistemas jurídicos e penais, no caso de adolescentes em situação ‘anormal’ ou de risco), ou mesmo as estruturas sociais que conformam situações ‘problemáticas’ para os jovens, poucas delas enfocando o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações. Só recentemente tem ganhado certo volume o número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação.

Deste modo, apesar de todas estas conquistas, entendo que as políticas voltadas para as juventudes, ainda, têm muito a avançar no que tange a multiplicidade, desigualdade, diversidade e singularidade que permeiam as questões juvenis. Faz-se necessário um diálogo com as jovens e os jovens, considerando suas especificidades, desejos, sonhos, classe social, gênero, sexualidade, etnia, dentre tantos outros elementos que as/os atravessam e as/os constituem no contemporâneo. É necessário realizar um diálogo com elas e eles e não sobre elas e eles. Pois,

não existe uma única juventude, nem um único modo de ser jovem, existem juventudes e modos de ser jovem. Na sequência, tratarei da heteronormatividade no território escolar.

2.2 Nos entremeios do real e do ideal: a heteronormatividade no território escolar

Nesta subseção, a escola aparece como um lugar de pauta para as discussões que envolvem as questões das juventudes e da heteronormatividade. Desse modo, com cuidado antecipo, que as juventudes desse estudo, encontram-se na etapa final da educação básica, a saber: o Ensino Médio. Acrescento a essa informação, que não se intenciona aqui, contextualizar historicamente e politicamente o cenário de criação legal que instituiu, por meio de reformas antigas e contemporâneas, esta etapa. Mas, importa para este estudo, o Ensino Médio, como um lugar entre os cotidianos de escolarização juvenil que enreda tramas, em meio à heteronormatividade.

Nisto, cabe destacar que a instituição escolar teve origem na modernidade e nem sempre foi como a conhecemos hoje. De acordo com Nascimento (2004), até o século XV não existia instituições escolares organizadas em idades, espaço físico, currículo progressivo e diferenciado e professoras e professores específicas/os para cada idade, não havia a percepção de diferença no aprendizado entre adultos e crianças, pois o sentimento de infância não existia na Idade Média e só foi se constituindo, como o conhecemos hoje, na modernidade.

Em consonância com este pensamento, Ariés (1986, p. 10) realça que “a criança se afastava logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las”. Assim, a socialização da criança não era assegurada, nem tampouco controlada pela família, pois a partir do momento que conseguiam ter certa autonomia, passavam a conviver com outra família na qual aprendiam a prática de um ofício, a conservação dos bens e a proteção da honra e das vidas. Contudo, a partir do século XVII, a escola passou a substituir a aprendizagem como meio de educação,

Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização. (ARIÉS, 1986, p. 11)

Dito de outro modo, a escola foi nascendo como um meio de isolar as crianças durante um período de desenvolvimento moral e intelectual, de “adestrá-las, graças a uma disciplina autoritária e, deste modo, separá-las do mundo dos adultos” (ARIÉS, 1986, p. 165). É importante enfatizar, que disciplina é uma das diferenças mais acentuadas entre as escolas da Idade Média e as escolas da Modernidade e teve sua origem na disciplina religiosa, cuja justificativa era o melhoramento da moral almejado para as crianças (NASCIMENTO, 2004).

Assim, a escola passou a utilizar a ideia de melhoramento e tornou-se um espaço onde imaturos tornam-se maduros através da disciplina, fato que em meados do século XVIII foi reivindicado por entender que a infância não era fase de fragilidade e servidão e que, portanto as crianças não deveriam sofrer castigos, o que fez com que o estado criasse o sistema público de educação e passasse a reconhecer o direito de toda criança ser preparada adequadamente para a vida. Neste sentido, de acordo com Foucault (1999, p.44), “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”. Nessa trilha, a escola se constitui como um mecanismo de conservação da dominação, pois

[...] As estruturas de dominação [...] são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, igreja, Escola, Estado. (BOURDIEU, 2002, p.35)

Deste modo, o que proporciona a concretização desses processos são as relações estabelecidas do espaço escolar e as formas como se articulam as dinâmicas econômicas, culturais e políticas que atravessam a sociedade. Por esse viés, Foucault destaca a disciplina, através do controle dos corpos, como instrumento para a fabricação de indivíduos dóceis. Segundo ele, um corpo dócil pode “ser submetido, pode ser utilizado, transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1999, p. 118). Para este autor, na escola, a disciplina tem como função principal normalizar a partir de uma lógica binária que distingue permitido e proibido, correto e incorreto. Nesse espaço, os corpos que se distanciam das configurações hegemônicas são vigiados e punidos, pois a escola é local de adestramento e de pedagogias coercitivas, em que os corpos considerados estranhos são facilmente identificados e logo tornam-se alvo de controle.

É importante ressaltar, que tanto Ariés (1986) quanto Foucault (1999) se utilizam de um resgate histórico para pensar o presente e nesta perspectiva identificam traços, ainda que

modificados, dessas instituições presentes nas escolas da atualidade, sobretudo no que se refere aos corpos que permanecem sendo vigiados pela vigilância hierárquica que versa na observação e no olhar constante em relação àquelas e àqueles que se desviam, pela sanção normalizadora que traz de volta à norma os desviantes através dos castigos e das privações e pelos exames que é uma combinação da vigilância hierárquica com a sanção normalizadora e é entendido como um controle que classifica, diferencia e pune (FOUCAULT, 2009).

Destarte, partilho do pensamento de Nascimento (2004) de que a escola não é um espaço neutro de construção do conhecimento, mas sim um espaço disciplinar que forja as pessoas de uma maneira específica de acordo com os padrões vigentes na sociedade, produzindo pessoas dóceis e modificando suas relações com os saberes e com as outras pessoas através de um conhecimento construído ou simplesmente herdado de uma cultura. Ela é um espaço de socialização em que aprendemos as maneiras de como nos relacionar com os outros, ou seja, é nela que aprendemos a viver em sociedade e é por meio desses processos de socialização que os valores e os preconceitos são igualmente aprendidos.

No Brasil, a educação passa a ser um direito de toda a população somente em 1988 com a Constituição Federal. Contudo, a obrigatoriedade do ensino era somente até o Ensino Fundamental. Após este marco temporal, a escola passa a receber sujeitos e grupos antes destituídos do direito à educação, movimento que possibilitou o acontecimento de discussões em torno dos conceitos de inclusão para aquelas e aqueles que não tinham acesso à escola e de exclusão na inclusão, ou seja, quando o acesso à escola era efetivado, mas a permanência neste ambiente não. Estes eventos causaram uma série de consequências ao sistema educacional. Nas palavras de Seffner (2009, p. 128) a escola pública brasileira

[...] vive hoje o desafio de aceitar os ‘diferentes’, aqueles desde sempre ausentes do espaço escolar, ou que nele estiveram apenas por breves passagens, sendo logo excluídos. São diferenças de raça, etnia, classe social e econômica, orientação sexual, organização familiar, pertencimento religioso, diferenças físicas em termos de possibilidades do corpo (cadeirantes, alunos com deficiências físicas como a surdez), diferenças de geração (alunos mais jovens e alunos mais velhos misturados na mesma turma), e muitas outras.

Assim, após a Constituição Federal de 1988, a educação é tomada como um importante elemento para a promoção e garantia da cidadania. Deste modo, além das discussões sobre a inclusão, temas como diversidade, igualdade e cidadania passam a ser pautas dos debates e influenciar diretamente nas formulações das políticas educacionais. Entretanto, Seffner (2012, p.79) sublinha que

Na medida em que os ‘diferentes’ são incluídos, temos duas opções. Ou efetivamente o ingresso de novos públicos na escola produz modificações na estrutura escolar, nos currículos e nos conteúdos, ou então os ‘diferentes’ que ingressam, tem grandes chances de obter o acesso, mas não a permanência nos bancos escolares.

A não garantia de permanência desses sujeitos dá-se pelo fato da escola ser uma instância reprodutora das culturas dominantes, hegemônicas e de *status* legitimado, sendo as vozes dos grupos sociais marginalizados silenciadas na tentativa de anular suas possibilidades de reação.

Nesse contexto, é importante sublinhar que o processo social de construção do corpo e das identidades começa antes mesmo do nascimento. Louro (2008, p.15) mostra que ao declarar “É uma menina!” ou “É um menino” se instala um processo que deve seguir um rumo ou uma direção para fazer desse corpo masculino ou feminino com características e significados culturais diferentes. Portanto, a nomeação do corpo

Acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um ‘dado’ anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse ‘dado’ sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. A afirmação ‘é um menino’ ou ‘é uma menina’ inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete.

Assim sendo, ainda crianças, as meninas e os meninos recebem tratamento diferenciado, dois exemplos clássicos são as cores e os brinquedos, pois os meninos devem usar azul e brincar com carrinho e outros brinquedos de ação e aventura e as meninas devem usar rosa e brincar com boneca e outros brinquedos que estimulem a passividade e o cuidado. Bento (2011, p.551) explica que quando

Uma criança que recebe de presente bonequinhas para cuidar, dar de mamar, fogõezinhos e panelinhas onde predomina a cor rosa está sendo preparada para o gênero feminino (passiva, cuidadora, bondosa) e terá na maternidade o melhor e único lugar para exercer esses atributos. Ou então, se essa criança ganha revólveres, carros, bolas e outros brinquedos que estimulam a competição e exigem esforços mentais e corporais está em curso o trabalho de fabricação do corpo para o mundo público. Os brinquedos continuam o trabalho do/a médico/a que proferiu as palavras mágicas: produzem o feminino e o masculino. Funcionam como próteses identitárias.

O desvio desse padrão social é reprimido pelas mães, pais e/ou responsáveis que trabalham arduamente para que suas filhas e seus filhos tenham um futuro heterossexual e pela escola que (re)produz um saber, acerca da sexualidade, que é mais cultural que natural contribuindo para o fortalecimento da heteronormatividade, conceito cunhado por Michael Warner (1993), que refere-se a supremacia da heterossexualidade na ordem social, na qual é admitida a existência de somente duas possibilidades de expressão da sexualidade determinadas biologicamente e ligadas à noção de gênero. Essa normalização é construída e reproduzida através de teorias e instituições que fazem uso de um arsenal de valores, normas e dispositivos por meio do qual a heterossexualidade é instituída como a única possibilidade legítima e natural de expressão identitária e sexual, de modo a se fazer perceber a homossexualidade, a transgeneridade e qualquer outra prática sexual não reprodutiva como desviante. Deste modo, a escola é um dos espaços mais difíceis para

Que alguém ‘assuma’ sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo - inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos (LOURO, 2003, p. 30).

Neste sentido, ao afirmar uma suposta verdade única sobre o sexo, a escola parte da premissa que todas/os as/os estudantes são heterossexuais e que, portanto, somente um único modelo de experiência sexual e de gênero é válido, colocando em jogo os corpos que serão reconhecidos como inteligíveis. Assim,

O reconhecimento do ‘outro’, é feito a partir do lugar social que ‘ocupamos’. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores, as fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com os seus padrões culturais) e aqueles que ficam fora dela, às suas margens. (LOURO, 2003, 15).

Assim, através das normas, busca-se capturar aquelas e aqueles que escapam da zona de normalização, construída e imposta, procurando, por meio de ameaças, intimidação e castigos, corrigi-las/os, ajustá-las/os e trazê-las/os de volta a ela. Entretanto, Louro (2008, p.16) explica que mesmo que

Existam regras, que se tracem planos e que sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os

arranjos. A imprevisibilidade é inerente ao percurso. Tal como numa viagem, pode ser instigante sair da rota fixada e experimentar as surpresas do incerto e do inesperado. Arriscar-se por caminhos não traçados. Viver perigosamente. Ainda que sejam tomadas todas as precauções, não há como impedir que alguns se atrevam a subverter as normas. Esses se tornarão, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões.

Deste modo, as práticas desenvolvidas no interior da escola, através da construção da heteronormatividade exclui e violenta aquelas e aqueles cujos padrões sexuais não são tidos como normais. Ela produz, reproduz, legitima e naturaliza a norma heterossexual inviabilizando outras possibilidades de ser e viver a sexualidade. Esses mecanismos denunciam como os processos de exclusão são construídos e como a escola vai se constituindo como um local de políticas assépticas que adequa ou elimina aquelas e aqueles que divergem dos modelos ideais.

Muitas professoras e muitos professores, sentem-se no direito de comunicar e até alertar as mães, os pais e responsáveis dos desejos, condutas e expressões desviantes, garantindo assim a heteronormatividade através da exclusão da dissidência dessa norma. Fazendo um verdadeiro heteroterrorismo contra os divergentes sexuais e de gênero que só poderão existir onde são hierarquizados, classificados e especificados, ou seja, nos compêndios do saber médico (BENTO 2008). É nesse cenário que se aprende a heterossexualidade e a violar aquelas e aqueles que não são heterossexuais, através da LGBTfobia que é um dos instrumentos que atuam de forma “[...] a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero” (JUNQUEIRA, 2009, p 375). Esses aprendizados constituem a subjetividade das pessoas que fazem parte da escola que ao saírem dela irão multiplicá-los e disseminá-los na sociedade como verdades únicas. Assim,

As múltiplas técnicas usadas pelas diversas instituições sociais, de modo particular, e, no que aqui nos interessa, nas escolas (ginásticas, exercícios, memorizações, repetições, filas, etc.), para adestrar corpos e almas, sem dúvida disciplinaram e moldaram esses sujeitos, reprimiram gestos, suprimiram expressões; também construíram posturas, comportamentos, movimentos e produziram consciência do próprio corpo - em homens e mulheres -; instituíram saberes e constituíram "verdades". (LOURO, 1995, p. 123)

Esses processos descritos pela autora exigem problematizar como as sexualidades são vivenciadas e discutidas no espaço escolar, pois existem muitas limitações teóricas, conceituais

e práticas a serem enfrentadas pelas/os profissionais da educação em relação às ações pedagógicas que busquem soluções para as tensões e os conflitos em torno dessa questão que começa desde a educação infantil e vai até o ensino superior.

Nesse contexto, carregados de intencionalidade e marcados pelas relações de poder, os espaços, currículos, brincadeiras, arquitetura e as relações estabelecidas na escola são entendidas como elementos neutros, porém tudo isso está relacionado ao modelo de sujeito inteligível para a sociedade. Sob essa ótica, Quadrado (2012, p.10) chama atenção, especialmente para o currículo escolar que de modo geral

É estático, assexuado, anônimo, sem pés e mãos, dividido em partes, ahistórico, atemporal, sem etnia, deslocado do ambiente, geralmente reduzido a características anatômicas, fisiológicas e genéticas, contribuindo, assim, para a construção de representações centradas no discurso biológico.

Deste modo, a escola enfrenta dificuldades em lidar com a diversidade e a diferença, muito embora, esteja povoada por estes discursos os encontros com os considerados diferentes nem sempre são pacíficos, visto que, ainda, existem obstáculos ou até mesmo resistência em valorizar as especificidades de cada uma/um, em respeitar as diferenças e oportunizar a voz dos sujeitos sem normatizar aquelas e aqueles que, de alguma forma, escapam das expectativas hegemônicas.

Assim, ressalto que a escola, lugar que historicamente (re)produz materialidades discursivas de discriminação e silenciamentos, por meio dos seus, cada vez mais, incisivos investimentos de controle, é também, um lugar de práticas transformadoras da realidade, pois, ainda, que penalize ou deixe de fora de seus muros aquelas e aqueles que não dialogam com a normalidade heterossexual, é responsável por construir caminhos para a eliminação dos preconceitos e das práticas discriminatórias produzidas pelos discursos de verdade sobre gênero e sexualidade que engendram, através da heteronormatividade, processos de normalização que atravessam a todas/os nós. Deste modo, de acordo com Junqueira (2009, p. 34) “é preciso não esquecer que ela é ao mesmo tempo, elemento fundamental para contribuir para desmontá-los”, pois a desconstrução de uma sociedade preconceituosa, violenta e binarista deve começar na escola. Com essa assertiva anuncio a próxima subseção, na qual trato do encontro da escola com as diferenças.

2.3 Escola e diferenças: um encontro pacífico é possível

Nesta subseção, trato da escola como uma peça de fundamental importância na desconstrução dos processos de normalização presentes em nossa sociedade, pois ela, sobretudo a partir do avanço das escolas de tempo integral, é o espaço em que as/os jovens passam a maior parte do tempo, sendo um local de criação de grupos de sociabilidade, de suas identidades, expressões culturais e modos de ser e estar no mundo. Por essa via, percebo a escola como um espaço de dimensões de afetos, amizades, lazer, cultura, informação etc., que demanda um olhar mais atento aos diferentes modos de ser e viver das jovens e dos jovens que a compõe.

Assim sendo, faz-se necessária uma educação não normalizadora, ou um aprendizado pelas diferenças como Miskolci (2012) prefere chamar, que talvez seja o grande desafio da educação, e da escola, em particular, que dissemina o ideal hegemônico da sociedade através de mecanismos normalizadores que são confundidos com educativos, educando de maneira autoritária e normativa para homogeneizar. Miskolci (2012, p.51) mostra que em uma perspectiva não normalizadora

Educar seria uma atividade dialógica em que as experiências até hoje invisibilizadas, não-reconhecidas ou, mais comumente, violentadas, passassem a ser incorporadas no cotidiano escolar, modificando a hierarquia entre quem educa e quem é educado e buscando estabelecer mais simetria entre eles de forma a se passar da educação para um aprendizado relacional e transformador para ambos.

Nessa perspectiva, a educação deixaria de ser um dos instrumentos de normalização biopolítica do estado, ou seja, seria uma educação sem classificação dos sujeitos e sem imposição de modelos preestabelecidos, assim atuaria na desconstrução de desigualdades e injustiças, entretanto para que isso ocorra é necessário pensar uma educação para além dos muros da escola em suas relações sociais, políticas e com interesses coletivos. Bento (2011, p. 555-556), ressalta que

Para compreendermos os motivos que fazem da escola um espaço destinado, fundamentalmente, a reproduzir os valores hegemônicos, é necessário sair desse espaço, ampliar nosso olhar para a própria forma como a sociedade produz as verdades sobre o que deve ser reproduzido, quais os comportamentos de gênero sancionados e por que outros são silenciados e invisibilizados, qual a sexualidade construída como 'normal' e como gênero e sexualidade se articulam na reprodução social. Essas questões não podem ser respondidas exclusivamente nos limites da escola. Há um projeto social, uma engenharia de produção de corpos normais, que extrapola os muros da escola, mas que encontrará nesse espaço um terreno fértil de disseminação.

Assim, é necessário desmontar as conjecturas de neutralidade nas quais o processo educativo e o espaço escolar se alicerçaram, o que será viável somente quando o corpo docente e a direção ampliem seus olhares, não somente para as interações que acontecem dentro de seus muros, mas para a relação que elas têm com o que acontece fora deles, pois aquelas e aqueles que se inserem nas instituições escolares trazem consigo valores e normas construídas fora dos muros da escola e estas normas e valores tanto podem reforçar o que está dentro como podem confrontar-se. São jogos de forças que dentro dos ambientes escolares procuram estabelecer

Uma economia dos espaços, do tempo, dos comportamentos, buscando modelar não somente os corpos, mas a subjetividade daqueles que procuram ‘educar-se’. São representações comportamentais que se constroem e se reforçam bem antes do ingresso no meio escolar. Mas a escola serve como ‘o grande modelo’, porque se acredita que, quem quer aprender deve ir para a escola, o local do saber que está cercado pelos muros que impedem e, ao mesmo tempo, ‘protegem’ os alunos do contato com o mundo fora dela. Se dentro das instituições escolares está o mundo do saber, o que vem de fora deve enquadrar-se no modelo de ‘verdade’ que a instituição representa e produz. Mas este modelo não é autóctone da escola, ele se materializa dentro dela através dos valores que estão fora (MAGALHÃES JUNIOR, 2002, p. 82).

Nesse sentido, o primeiro passo, para desmontar as conjecturas de neutralidade nas quais o processo educativo e o espaço escolar se alicerçaram, seria utilizar o material didático, especialmente os livros, como ferramenta para questionar e refletir sobre o modelo familiar heterossexual, branco e de classe média estampado nas páginas dos livros desde a Educação Infantil, referências culturais que fizeram e, ainda, fazem parte, dos modelos educativos que se disseminaram e se disseminam, através de textos e imagens culturais inculcadas desde a mais tenra idade.

Precisamos encarar o desafio de olharmos mais criticamente para as representações culturais que fazem parte de nossas vivências e com as quais aprendemos, buscando estranhar aquilo que nos propõem e inserir dúvidas sobre o que é considerado natural e indiscutível. Pois, “se ficarmos apenas na inclusão da diversidade, não teremos a possibilidade, em longo prazo, de modificar os regimes que produzem desigualdade no terreno do gênero e da sexualidade” (SEFFNER, 2012, p. 80).

Assim, a escola ao invés de vigiar, controlar e punir aquelas e aqueles que borram as fronteiras heteronormativas, pode usar as diferenças no próprio educar a favor do desmonte dos valores preconceituosos que produzem formas diversas de desigualdades sociais. Educando

para a diferença, valorizando e reconhecendo as especificidades de cada uma e cada um, “pois a diferença nos convida ao contato e a transformação; ela nos convida a descobrir o Outro como parte de nós mesmos” (MILKOLCI, 2012, p. 49). E, principalmente, nos convida à questionarmos os saberes e discursos que patologizam, culpabilizam e traçam entre nós e o outro uma rígida fronteira, não nos permite compreendê-los, nem tampouco conhecê-los. Na próxima subseção, me deterei em descrever os caminhos percorridos por mim no território da pesquisa.

2.4 Andando sobre linhas, paralelepípedos e gramíneas: cartografia do território da pesquisa

Tomada pelo desejo de ver o território da pesquisa de um outro modo, resolvi fazer o exercício de estranhar aquele lugar que era tão familiar para mim, pois morei no bairro Renascença II por quase um ano. Assim, fui caminhando por outras ruas, passeando sobre suas linhas, paralelepípedos e gramíneas, utilizando outras entradas que não as de costume, experienciando e deixando-me afetar pelas forças oriundas da rua, do vento e do tempo. Sentindo os sons, os cheiros, a vida e os problemas do lugar. Acolhendo o inusitado e as miudezas, fazendo alianças com as insignificâncias e as sutilezas. Degustando sabores indefinidos. Parafraseando Rubem Alves, buscando desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram. Questiono-me: Como desaprender o aprendido? Como aprender a me perder? Como ir em busca do ainda não dito?

Com essas indagações, comecei a fazer minhas andanças cartográficas tomando como ponto de partida a praça do bairro Renascença II, bairro onde o CETI Profa. Maria da Conceição Salomé está localizado. Caminhante em meus pensamentos, fui ensaiando traços, desarrumando os inícios e criando os meios e as passagens, pois

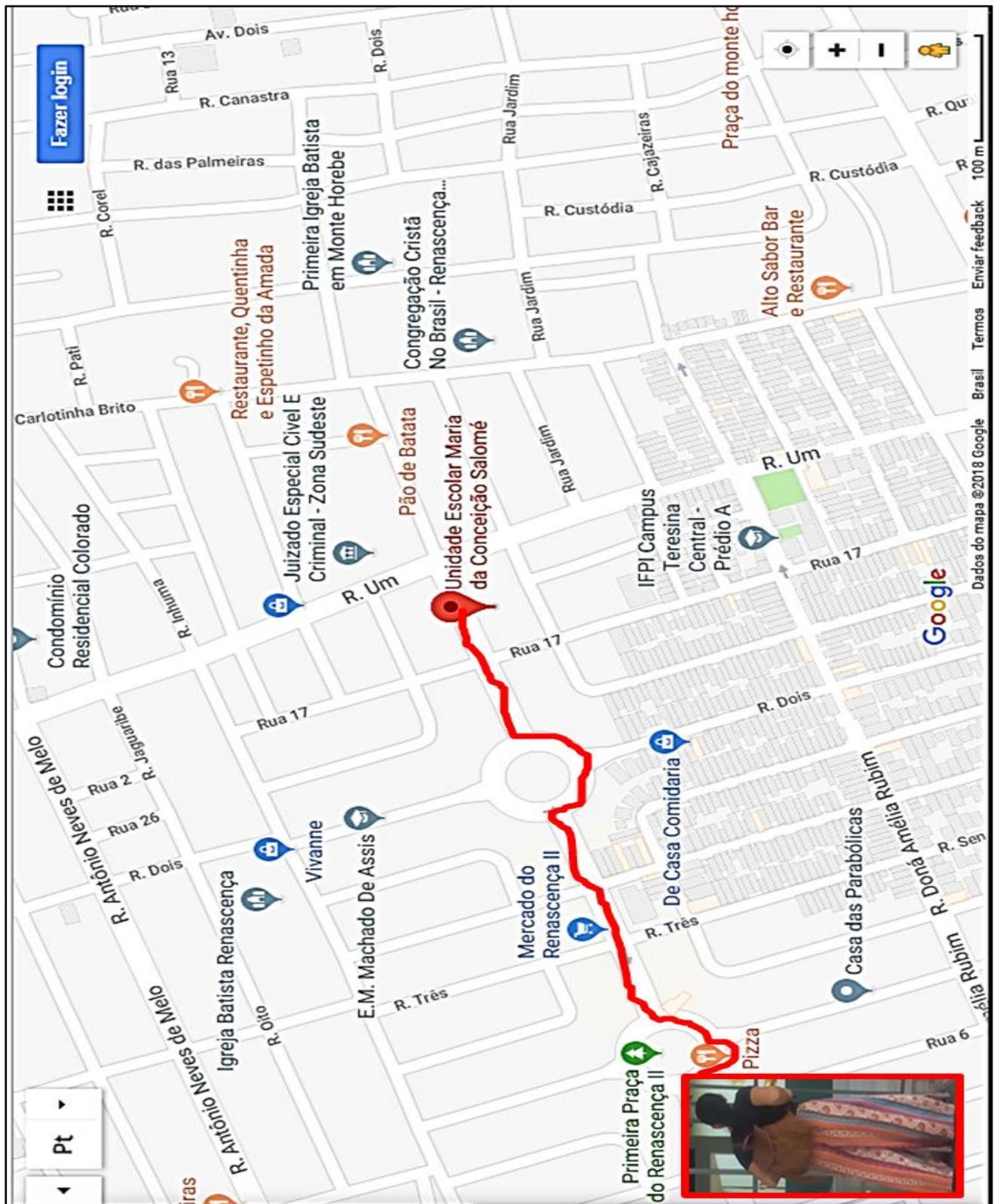
Cartografar remonta a uma tempestade... Tempestade de escolher rotas a serem criadas, constituir uma geografia de endereços, de registros de navegação, buscar passagens... Dentro do oceano da produção de conhecimento, cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações (FONSECA, 2003, p.91).

Assim, fui caminhando e observando as ruas ao redor da praça, a movimentação das pessoas caminhando apressadas com medo de perder o ônibus e se atrasar para o trabalho, faculdade, escola ou outros compromissos, vi, também, outras andando tranquilamente em suas

caminhadas matinais e, ainda, existiam aquelas que estavam sentadas nas calçadas de suas casas a contemplar a rua e seus andantes, movimentos paradoxais que se misturavam aos sons, cheiros e cores do local.

Em meio a este movimento tão natural do dia a dia que, dificilmente, nos damos conta desses e de muitos outros detalhes, talvez por excesso de informação, excesso de opinião, falta de tempo e excesso de trabalho. Lembrei-me de Jorge Larrosa que em seu livro *Tremores: escritos sobre a experiência* (2016), apresenta o sujeito moderno como alguém que é informado, opina sobre tudo, tem obsessão pelo novo e excesso de trabalho o que cancela as possibilidades de experiência. Neste contexto, em que tudo passa demasiadamente rápido, os aparatos educacionais (escolas, universidades e cursos de formação) tornam quase que impossível que algo nos aconteça, pois embebido de informação, opinião, velocidade, trabalho e tantas outras ocupações o sujeito da formação não vive a experiência e, por conseguinte, não vê nem tampouco repara os detalhes do seu entorno.

Fotografia 02 - Mapa do território



Fonte: Google Maps Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps/place/Unidade+Escolar+Maria+da+Concei%C3%A7%C3%A3o+Salom%C3%A9/@5.0974882,42.7415478,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x78e30797cf5679b:0xbf74892b45c86198!8m2!3d-5.0974882!4d-42.7393591?hl=pt->

Imersa em meus pensamentos e nos de Larrosa, continuei a caminhar agora pela rua que passa em frente à escola. O comércio local começava a abrir as portas e as pessoas apressavam, ainda mais, os seus passos, pois os ponteiros dos relógios corriam para número 8. Preferi não apressar os meus e continuei a sentir o movimento e as vibrações daquele momento. Continuei andando e às 8h10 iniciei minha tímida e melindrosa caminhada dentro dos muros do CETI Profa. Maria da Conceição Salomé.

Fotografia 03 – Pesquisadora entrando no território da pesquisa



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Diário da pesquisadora sobre a entrada no território da pesquisa Teresina de fevereiro de 2017

No dia 12 de dezembro de 2017, munida do meu celular para fazer os registros fotográficos e a gravação de possíveis entrevistas, fui ao CETI Profa. Maria da Conceição Salomé. Ansiosa para conferir as possibilidades de realização da pesquisa no lugar, apresentei-me à coordenadora pedagógica Socorro e a diretora Márcia, falei um pouco da pesquisa e dos motivos que me levaram até lá. Imediatamente aceitaram a minha inserção no ambiente, o que me fez experimentar um misto de felicidade e alívio, por encontrar um local de acolhimento onde eu poderia realizar esta investigação. Tanto a coordenadora quando a diretora, mostraram-se lisonjeadas pela escolha da escola. Após, as apresentações conversei um pouco com a coordenadora pedagógica da escola que me falou sobre os projetos que a escola desenvolve e a clientela que atende. Me mostrou o PPP (Projeto Político Pedagógico), o material do Prêmio Gestão e os espaços da escola. Prontamente, autorizou que eu gravasse a nossa conversa, fotografasse o espaço e o material do prêmio gestão. Cheguei em casa com a certeza de que ali seria o lugar que iria construir junto com as/os jovens meu pesquisar.

Ao pisar no solo da escola fui observada por alguns jovens que estavam no pátio e tive a sensação de ser um corpo estranho ali. Podia ver em seus olhares perguntas e inquietações, tais como: Quem é ela? O que será que ela quer aqui? Será que é a nova professora da escola? Não posso afirmar se foram estas as perguntas que emanaram de suas almas e saltaram por seus olhos chegando até a mim, pois, parafraseando Fernando Pessoa, o que sabemos das almas dos outros são os olhares, os gestos e as palavras que supomos ser semelhantes ao interior.

Passado o momento da troca de olhares, fui até a biblioteca aguardar a chegada das/os interessadas/os em conhecer a pesquisa, pois em conversa com a coordenadora Socorro acordamos que ela iria nas salas de aula avisar aos estudantes o objetivo da minha chegada no lugar e perguntar quem gostaria de saber mais detalhes sobre a pesquisa. Esta decisão foi tomada porque as/os jovens estavam realizando atividades e a minha chegada poderia causar um alvoroço e muitos sairiam somente para não realizá-las.

Fui a primeira a chegar à biblioteca e fiquei à espera das/os demais. O coração batia acelerado, fiquei com medo de ninguém querer saber o que aquele corpo estranho queria fazer ali. De repente as/os 20 interessadas/os começaram entrar na sala. Primeiro, foram as/os alunas/os do 1º ano que chegam sorridentes, depois do 2º e por último do 3º. Começaram a conversar entre si, alguns com expressões de timidez e curiosidade, outros bem desenvolvidos se mostrando bem interessados em ouvir o que eu tinha para falar. Então assim o fiz, comecei a falar de onde vinha, qual era o tipo de pesquisa que me propunha a fazer e se elas e eles tinham interesse em me ajudar nesta caminhada.

Durante minha explicação, todas/os ficaram o tempo todo em silêncio e ao final perguntei se tinham alguma dúvida. Alguns perguntaram se faríamos oficinas de arte e disseram que amam isso, outros perguntaram se a pesquisa seria na escola ou em outro lugar, se os nomes deles iriam aparecer, se iriam conhecer a UFPI, dentre outras perguntas que respondi prontamente. Ao final deste momento, anotei o nome e o número de telefone das 15 jovens que se mostraram interessadas em falar sobre o ser jovem em meio à heteronormatividade. Saí da escola cheia de esperanças e animação.

Sobre a escola, cabe relatar que o Centro de Ensino em Tempo Integral - CETI Profa. Maria da Conceição Salomé é da Rede Estadual de Ensino, jurisdicionada à 21º GRE (Gerência Regional de Ensino), portaria nº 15.728 de 28 de agosto de 2014 com modalidade Ensino Médio e jornada diária de nove horas. Está localizado na cidade de Teresina – Piauí, Bairro Renascença II¹⁰ na Rua 07 nº 6006. Foi fundada em 1992 e recebe este nome em homenagem a professora

¹⁰ O bairro Renascença compreende a área contida no seguinte perímetro: começando no cruzamento das ruas Dr. Egídio Mota e Desembargador Antônio Santana, segue, por esta e pela Rua Farmacêutico José Pereira Lopes, a

que leva esse nome, pela grande contribuição pedagógica que tem dado ao Grande Dirceu - região que o Bairro Renascença II integra. Maria da Conceição Salomé é pedagoga e mesmo de licença (afastada das atividades) mantém laços afetivos e profissionais com a escola. A clientela do CETI, se constitui em sua maioria por alunos de bairros e vilas adjacentes. Sobre isto, a coordenadora afirma:

Os nossos alunos têm realidades socioeconômicas bem parecidas, dificilmente vamos encontrar um que seja de classe média. Estão mesmo na classe baixa. Tem até uns bem piores em relação a questão econômica e esse, talvez, seja um dos maiores problemas. Às vezes eles deixam de fazer uma atividade por que não tem condições financeiras o que não deixa de contabilizar a nota deles, porque a gente jamais vai permitir que isso aconteça. (PROFESSORA SOCORRO - COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA).

Assim, com o intento de desenvolver ações pedagógicas humanas e inclusivas, são realizadas, na escola, parcerias com igrejas (independente da doutrina), Associações de Moradores, Associação de Apoio à Cultura, Faculdades particulares e agentes comunitários de saúde que desenvolvem ações no local.

É importante destacar, que ao longo de 2017, o CETI Profa. Maria da Conceição Salomé, durante a gestão das professoras Márcia e Socorro, desenvolveu os seguintes projetos: *I Feira de ideias para Teresina* (projeto em que o protagonismo juvenil se fez de maneira forte e concreta no que refere às ideias para melhoria de Teresina, em seus diversos aspectos pensados pelas/os alunas/os; *Estudar vale a pena* (várias ações com a finalidade de despertar o prazer pelos estudos); *Saudades de ouvir* (estudo sobre os diversos contextos musicais e sua influência em nossa vida, quebrando preconceitos a respeito de música ter uma idade); *Mais leitura* (incentivo à escrita e à leitura); *Preservação do patrimônio escolar* (projeto que visa despertar os alunos para o cuidado com os bens públicos); *Salomé solidário: cultura, arte e solidariedade* (projeto com ações voltadas para a valorização da saúde, das diferentes culturas e o incentivo ao sentimento de solidariedade); *Terceirão de sucesso* (projeto com ações de incentivo ao sucesso dos alunos no ENEM com palestras motivadoras, *workshop* das profissões, participação em revisões internas e externas e oficinas de redação) e *Festival de dança* (cujo objetivo é estimular e incentivar as manifestações artísticas, valorizando a dança enquanto arte).

via férrea; daí, em direção leste, continua até a Rua Serra Grande, e, depois, pela Rua Ervitônio Teodoro; alcançando a Rua Dr. Egídio Mota retorna ao ponto de partida. O nome se deve ao conjunto habitacional da Cohab, ali construído (Renascença I - 1986 - e Renascença II - em três etapas: 1988, 1989 e 1990).

Fonte: Prefeitura de Teresina

Disponível em: <<http://semplan.teresina.pi.gov.br/wpcontent/uploads/2014/09/RENASCEN%C3%87A.pdf>>

Todos esses projetos e ações pedagógicas possibilitaram que a escola ganhasse o Prêmio Gestão Escolar em 2017. Este prêmio¹¹ é um reconhecimento do Conselho Nacional de Secretários da Educação (CONSED) a projetos inovadores e gestões competentes na educação básica do ensino público brasileiro. Sobre o prêmio, a coordenadora Socorro diz:

A nossa escola está no Prêmio Gestão pela forma que a gente trabalha a disciplina aqui, apesar de ser o Ensino Médio, para nós eles são meninos ainda que necessitam de todos os cuidados possíveis. Então, quando a gente vê um focozinho de preconceito em uma sala com relação à homossexual, em relação à Lesbicas, em relação à trans ou a qualquer outra pessoa, a gente já chama os grupos responsáveis, já conversa e já diz que estamos aqui para abraçar todo mundo. Eu e a diretora, que fazemos a dupla gestora da escola, estamos o tempo todo atentas em tudo e se acontece algo a gente já corta o foco naquele momento para que não gere nenhum tipo de demanda em relação a isso. (SOCORRO - COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA).

O objetivo da premiação é estimular que escolas públicas mostrem o desenvolvimento de suas gestões, além de incentivar o processo de melhoria contínua na escola, pela elaboração de planos de ações, tendo como base uma auto avaliação.

Fotografia 04 - Prêmio Gestão Escolar



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Por meio de inscrições online, as gestoras e os gestores são convidadas/os a envolver a comunidade em uma avaliação da realidade escolar, tendo como ponto de partida o Manual de Orientações do PGE. Assim, o/a gestor/a e os/as representantes da comunidade escolar, realizam um diagnóstico das condições de ensino oferecidas pela escola, considerando cinco diferentes dimensões da gestão escolar e traçando um plano de ação.

¹¹ Fonte: Consed Disponível em: <<http://www.consed.org.br/consed/premio-gestao-escolar/apresentacao>>

Dessa forma, gestor/a e comunidade comprometem-se a rever processos, ações e estratégias de ensino ou buscar melhorias na infraestrutura. Tal dinâmica é um ganho para todos, pois a comunidade escolar pode continuar utilizando a mesma ferramenta, ao longo do tempo, para analisar a evolução da gestão.

Quanto a estrutura, a escola possui 09 salas de aula, uma diretoria, 01sala de professores/as, 01secretaria, 01biblioteca, 01laboratório de informática, 01laboratório de ciências, 02 depósitos, 04 banheiros, 01pátio coberto, 01cantina, 01refeitório, 01área para prática de educação física e 01estacionamento. A seguir, apresento imagens de alguns espaços da instituição.

Fotografia 05 - Frente da Escola



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Fotografia 06 - Pátio (área interna e externa)



Fonte: Arquivo da pesquisadora



Fotografia 07 - Refeitório



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Fotografia 08 - Quadra de esportes



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Ao cartografar o território desta pesquisa, não tive a pretensão de encontrar respostas prontas, pois acredito que elas não são dadas *a priori*, mas produzidas no próprio caminhar, visto que “todo conhecimento se produz em um campo de implicações cruzadas, estando necessariamente determinado neste jogo de forças: valores, interesses, expectativas, compromissos, [...]” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓRSSIA, 2010, p. 19). Unindo-se aos anseios, inquietudes e desejos que nos impulsionam a seguir os fluxos de possibilidades dos territórios

e criar movimentos que incitam e inquietam o pensamento. Na próxima seção, me dedicarei a apresentar o percurso teórico-metodológico da pesquisa.

3 TECIDOS METODOLÓGICOS: A *POIÉSIS*

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que
você não conhece como eu mergulhei. Não se
preocupe em entender, viver ultrapassa
qualquer entendimento.
(Clarice Lispector)

3.1 De aprendiz à sociopoeta: o encontro e a afetação

O meu primeiro contato com a Sociopoética se deu em 2015, por meio do livro *Tudo que não inventamos é falso* que me foi indicado pela professora Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad minha orientadora, à época, de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Mesmo sem entender muito bem, deixei-me afetar por seus cinco princípios e me arrisquei em utilizar dois deles (pesquisar com o corpo todo e pesquisar utilizando técnicas artísticas) como inspiração em minha monografia. A partir desse encontro, passei a não mais me imaginar pesquisando de outra forma e me rendi à Sociopoética.

Neste sentido, em 2016, me aventurei a utilizá-la em meu projeto de pesquisa de mestrado. Com as muitas leituras que realizei para a construção da metodologia do projeto, passei a me encantar, ainda mais, por toda a potência de criação que a Sociopoética possibilita, pois é uma abordagem filosófica e metodológica de pesquisa que reconhece o corpo como fonte de conhecimento coletivo, valoriza os diferentes saberes e contribui para a construção de outros conceitos mais aproximados das pessoas, pois são feitos por elas próprias nas oficinas.

Deste modo, no primeiro semestre de 2017, através das socializações de pesquisas orientadas pela professora Shara Jane, que estavam em andamento ou sendo concluídas, tive um maior contato com essa abordagem. Encantava-me com a riqueza dos confetos (conceitos perpassados de afetos) que eram produzidos durante as oficinas de produção dos dados, com sua dimensão de unir arte e ciência e de possibilitar, por meio dessa união, o prazer no pesquisar. Toda aquela criatividade de pensamentos que ultrapassavam as fronteiras da representação me afetava e me capturava dia após dia. Por vezes, me deparava a pensar e me questionar: como essas técnicas são criadas? será que um dia serei sociopoeta também? Será que conseguirei fazer algo tão criativo assim em minha pesquisa?

Ainda no primeiro semestre de 2017, no componente curricular *Pesquisa Qualitativa em Educação I: Abordagem Sociopoética nas Pesquisas Qualitativas* passo a ter uma aproximação teórica mais consistente através dos artigos, dissertações e teses sugeridos para a

leitura. Aprendiz de sociopoeta, fui percebendo que tornar-se uma não era tarefa fácil e que somente a teoria não seria suficiente, pois precisava bem mais que isso, precisava ver o mundo de outro modo, precisava trocar e ver o mundo com outras lentes. Questionava-me: como trocar as lentes da representação? A partir dessa indagação comecei a ver a Sociopoética por uma outra ótica e passei a entender que tornar-se sociopoeta requer rigor, criatividade, desenvoltura e, principalmente, sensibilidade. Fiquei insegura ao perceber o quão complexa é, mas não desisti de aventurar-me em pesquisar utilizando-a.

Continuando nessa trilha, no segundo semestre de 2017 foi ofertado o componente curricular *Pesquisa Qualitativa em Educação II: Abordagem Sociopoética nas Pesquisas Qualitativas*, na qual fui orientada a pensar técnicas que pudessem disparar modos de pensar sobre a heteronormatividade. É importante destacar, que uma das atividades propostas no componente curricular era a apresentação de uma dissertação que tivesse relação com nosso tema de pesquisa. Assim, minha orientadora sugeriu que eu apresentasse a dissertação *Entre ocós, truques e atraques: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras trans do projeto trans forma ação* de Lucivando Ribeiro Martins (2016). Neste trabalho, uma das técnicas utilizadas é o Estandarte inspirado na arte de Arthur Bispo do Rosário, ex-marinheiro sergipano que após um surto psicótico, ficou internado por 50 anos (não consecutivos) em um dos mais temidos manicômios da história psiquiátrica brasileira – Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, local em que fez de seu quarto-forte um mundo lúdico composto por miniaturas governadas, controladas e fiscalizadas por ele.

Na falta de material, Bispo desfiava e aproveitava fio por fio do seu uniforme da referida colônia. Com esses fios ele tecia e bordava uma espécie de mortalha, chamada por ele de *manto da apresentação*, que deveria ser usada por ele em sua passagem, no dia do juízo final. Neste manto, eram bordados os nomes de mulheres e homens que ele julgava merecedores de subir ao céu em sua companhia. Posteriormente, esta mesma técnica de bordado foi usada nas obras chamadas Estandartes, que eram bordados à mão com as linhas dos uniformes e tinham como matéria prima os lençóis e os cobertores da Colônia (HIDALGO, 2004).

A partir deste encontro, tive a certeza de que o Estandarte faria parte desta pesquisa, pois sua arte possibilita espaços de memórias e marcas que permitem uma cartografia de nós e das experiências que nos atravessam. Deste modo, na tentativa de me aproximar um pouco mais desta técnica e de sua arte, submeti, na companhia de duas amigas (Dolores Vieira e Illana Batista), uma proposta de minicurso no IV Congresso sobre Gênero, Educação e Afrodescendência – CONGEAFRO, que foi realizado nos dias 07, 08, 09 e 10 de novembro de 2017 na UFPI, cujo tema era *Descolonialidades e Cosmovisões*.

Neste sentido, o minicurso *Corpos dissidentes: descolonizando cosmovisões e epistemologias* proposto por mim e minhas companheiras de estudos, utilizou como procedimento metodológico a Sociopoética e aconteceu no dia 10 de novembro, sexta-feira, às 10h tendo como proposta problematizar de que forma a escola opera na construção das identidades Afrodescendentes e de Gênero que se encontram em contextos de culturas, de trocas entre jeitos de ser e viver e de relações de poder. Deste modo, no minicurso, ousamos questionar: A escola é um lugar para as existências dissidentes? Assim, para problematizar tal questão, utilizamos no minicurso a técnica que chamamos de *Estandarte do Gênero e da Afrodescendência*, que me possibilitou experimentar a potência da (des) construção de saberes da técnica escolhida para esta pesquisa.

Diário da pesquisadora sobre a experiência do minicurso realizado no IV Congeafro

Teresina-PI, 10 de novembro de 2017

Antes de começar fiquei um pouco apreensiva achando que não teríamos público, pois devido a paralisação, a UFPI¹² estava vazia. Entretanto, 15 minutos depois do horário marcado para iniciarmos, as pessoas começaram a chegar. Tínhamos disponibilizado 14 vagas, mas o número de interessados foi bem maior. Destarte, em virtude do tamanho da sala e do material que iríamos utilizar negociamos a entrada de mais duas pessoas. A experiência do minicurso me possibilitou perceber outras facetas relacionadas às questões de gênero e afrodescendência sobretudo no que se refere ao diálogo em âmbito não só escolar, mas também universitário. Pois, através dos relatos e da quantidade de participantes pude perceber a curiosidade das pessoas sobre estes temas que mesmo, ainda, considerados tabus, despertam o desejo de diálogo e maior aprofundamento. Me surpreendi com a potência da técnica que utilizamos, com a beleza das produções plásticas, a riqueza dos relatos orais de cada participante e, principalmente, pelo reconhecimento e abraços cheios de afeto e gratidão que recebi hoje. Sensação de dever cumprido!

Concomitante ao CONGEAFRO, ainda em novembro, finalizamos, minha amiga Dolores Vieira e eu, o *Pescurso Sociopoético – Formação em Gênero com discentes do curso de Pedagogia* que aconteceu no período de 01/04/2017 a 11/11/2017 para a produção de dados da sua pesquisa doutoral, por meio da técnica *Mutante do Gênero* e do seu desdobramento *Mapa Vivo do Gênero*, produzindo confetos acerca do *tema-gerador: O gênero na relação com a formação inicial de jovens mulheres discentes do curso de Pedagogia*. Neste *Pescurso* (pesquisa + curso) coordenado por ela e orientado pela Professora Dra. Shara Jane, participei

¹² “10 de novembro - Dia Nacional de Lutas, Paralisação e Greve”, em defesa dos direitos dos trabalhadores e contra as reformas e os ataques do governo Temer, que atingem sobremaneira tanto todas as instituições públicas como o serviço público federal, estadual e municipal.
Disponível em: <http://www.adufpi.org.br/noticias/adufpi-informa/comunicado-paralisacao-nacional-no-dia-10-de-novembro>

como cofacilitadora da pesquisa e puder viver a construção das oficinas desde o momento em que são apenas ideias até o momento em que se concretizam com o grupo-pesquisador.

Foi assim, aprendendo com o meu próprio caminhar e em meio a este mosaico de experiências e sentimentos de medo, angústia, inquietação e insegurança que fui me encorajando e me constituindo uma pesquisadora sociopoeta. Diante disso, passei a perceber que adentrar nesse campo é ir em busca do desconhecido e mesmo sabendo dos desafios que viveria no percurso, meu desejo de pesquisar utilizando esta abordagem filosófica permaneceu. Neste sentido, na próxima subseção, descreverei a multirreferencialidade de fontes e inspirações teóricas da Abordagem Sociopoética, bem como os princípios que os norteiam.

3.2 Fios que se unem nas tramas dos tecidos metodológicos: Afinal, o que é a Sociopoética?

A Sociopoética foi fundada pelo filósofo e pedagogo francês Jacques Gauthier, a partir de suas experiências na Nova Caledônia, no Pacífico, e no Brasil, particularmente na Bahia e em atendimento a sua orientanda na época, professora Doutora em Enfermagem Iraci dos Santos, que desejava pesquisar sem sofrimento tendo ela dado grande contribuição para a criação desta abordagem, o qual escolho por acreditar na potencialização do prazer na produção do conhecimento, pois propõe

Valorizar o minúsculo, o esquecido, o silenciado, o suspeito, o invisível, longe dos habituais critérios intelectuais da racionalidade. Trata-se, portanto, de desorientarmos nosso intelecto, caotizarmos nossa percepção e categorização do mundo e descobrirmos outros significados humanos para os dados de pesquisa produzidos – tarefa descolonizadora e produtora de potência! (ADAD, 2004, p. 66)

Esta abordagem parte de uma multirreferencialidade de fontes e inspirações teóricas. Assim, convém destacar as inspirações filosóficas que perpassam os procedimentos que ela propõe. Uma de suas principais fontes de inspiração é a *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire. No que concerne a este referencial, sabe-se que a filosofia dialógica de Paulo Freire evidencia que “[...] o nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele [...]” (FREIRE, 1987, p. 87), mas sim assumir uma postura de respeito mútuo e de troca entre saberes intelectuais e populares. Nela, destaco o *Círculo de Cultura*, no qual Freire propõe a formação de um grupo pesquisador constituído por especialistas e pessoas comuns que juntos investigam um tema-gerador. Concordando com essa postura dialógica, na Sociopoética é utilizado o dispositivo do grupo-pesquisador no qual o/a pesquisador/a oficial é

chamado/a de facilitador/a e o público alvo da pesquisa copesquisadores e copesquisadoras de um tema-gerador. É importante destacar, que o conceito de dispositivo cunhado por Michel Foucault (1979, p.144) atua como,

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Deste modo, dispositivo neste prisma é aquilo que produz sentidos acerca do dito ou do não-dito e que opera sobre as subjetividades dos indivíduos. Assim, na perspectiva da Sociopoética dispositivo, diz respeito “a todo tipo de montagem temporal ou espacial que possibilita naturalmente ou de maneira propositada o surgimento do novo, do heterogêneo, e/ou do singular” (PETIT, 2014, p. 22). Destarte, na pesquisa sociopoética, as técnicas utilizadas são consideradas dispositivos, pois fazem emergir não ditos e/ou elementos novos, dimensões pouco evidentes.

Cabe destacar, que esta releitura dos ensinamentos de Paulo Freire é acompanhada de outras inspirações, tais como a *Análise Institucional*, a *Esquizoanálise*, o *Teatro do Oprimido*, de Augusto Boal, e a *Escuta Mitopoética*, de René Barbier

Da Análise Institucional, a Sociopoética toma de empréstimo o conceito de analisador, entendendo-o como uma pessoa, um acontecimento, ou fenômeno que revela algum traço oculto da instituição, ou seja, algo que traz à tona coisas não ditas. De acordo com os institucionalistas Didier Martin e Phillipe Royer-Rastoll (1989, p. 31), “[...] é uma situação ou uma pessoa que expressa um desvio na instituição [...] a negação do discurso aparente da instituição, do discurso dominante”. Assim, as relações hierárquicas, a sexualidade, a organização do tempo e do espaço, dentre outros são considerados fatores que tendem a ser analisadores.

No que se refere a Esquizoanálise, um de seus conceitos inspiradores é a noção de devir, pois a Esquizoanálise, assim como a Sociopoética, refuta toda tendência homogeneizadora que, através da noção de identidade, categoriza, rotula e padroniza a todas/os em nossa sociedade. Dessa forma, quando se fala em jovens, gays, afrodescendentes, mulheres, dentre outros, fala-se de maneira homogeneizadora, ou seja, como se fossem essências. Por isso, utiliza-se o conceito de devir, que sugere a nossa multiplicidade heterogênea, pois a Sociopoética “[...] é um revelador e catalisador da heterogeneidade, muitas vezes encoberta por uma aparente homogeneidade.” (GAUTHIER, 1999, p. 60). Assim, posso, por exemplo, ser

jovem e viver um devir criança, pertencer às classes populares e viver um devir nobre, sem que isso signifique que eu seja nem pareça criança ou nobre, são apenas fluxos divergentes e imprevisíveis que habitam em mim, sem definição temporal. Deste modo, “O devir é, então, uma linha de fuga, algo que escapa à categorização socialmente produzida” (PETIT, 2016, p.25).

Uma outra inspiração marcante na Sociopoética é o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal. Dele, a Sociopoética se apropria das experiências teatrais de Boal, fazendo uso do Teatro-Imagem, através da construção de imagens corporais, bem como de encenações feitas pelas copesquisadoras e pelos copesquisadores relacionadas ao tema-gerador. Pois, para Boal (1996, p. 22): “[...] quando é o próprio espectador que entra em cena e realiza a ação que imagina, ele o fará de uma maneira pessoal, única e intransferível, como só ele poderá fazê-lo e nenhum artista em seu lugar”. O que comuna com a visão da Sociopoética de que não são somente os especialistas (pesquisadores oficiais) as pessoas autorizadas a produzirem conhecimento sobre determinado tema.

A Mitopoética de René Barbier, também tem uma significativa contribuição para a Sociopoética. Para esta proposta é imprescindível o uso da escuta sensível nas ciências humanas. Todavia, não é um simples escutar com os ouvidos, é a capacidade do/a pesquisador/a “[...] sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para ‘compreender do interior’ as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos” (BARBIER, 1997, p. 59), sem julgar, medir e comparar. Nesta perspectiva, a Sociopoética preocupa-se em gerar clima de confiança entre os membros, a fim de facilitar essa escuta sensível sem, contudo, encobrir os conflitos existentes no processo (PETIT, 2014).

Realçamos que esta abordagem está pautada em cinco princípios: *Primeiro princípio*: pesquisar com pessoas de um grupo - diz respeito a cada participante ser ativo em todas as etapas da pesquisa, é não falar em nome dos outros, nem no lugar dos outros. Este princípio, foi marcante nesta pesquisa, especialmente, pela formação do grupo-pesquisador, no qual as copesquisadoras e os copesquisadores trabalharam no coletivo e pertenceram efetivamente ao grupo em todos os momentos. Adad (2014, p. 45-46) nos ajuda a compreender este princípio ao afirmar que

Pesquisar entre as pessoas de um grupo é propiciar o aflorar das dúvidas, do pensamento e das questões dos próprios copesquisadores e experienciar, por meio das oficinas, o gozo de ser bando. [...] é deixar de ser um único autor e, ao contrário disso, proliferar encontros entre pessoas diferentes, tanto de um lado quanto de outro.

Deste modo, ao perceber o envolvimento das copesquisadoras e dos copesquisadores, sua coletividade e os laços de afeto e respeito entre o grupo, me senti mais próxima de cada uma/um, forte e segura no processo de construção da investigação.

O *Segundo princípio*: pesquisar com as culturas de resistência, das categorias e dos conceitos que produzem - aponta para o desejo de conhecer e encontrar saberes de raízes que dormem na terra do povo e que foram silenciados, dito de outra forma, é descobrir outros modos de interpretar o mundo de grupos que resistem às normatizações impostas pela sociedade, tais como: homossexuais, afrodescendentes, pobres, *hippies*, e neste caso, jovens estudantes de uma escola pública.

O *Terceiro princípio*: pesquisar com o corpo todo - se refere a expressar saberes recalcados em nossos músculos e nervos, pois o corpo pensa e produz conhecimento. Este princípio, também, teve uma forte relação com a pesquisa. Nas palavras de Gauthier (1999, p. 74), na Sociopoética

Os sociopoetas pretendem pensar, conhecer, pesquisar, aprender com o corpo inteiro, ao equilibrarem as potências da razão pelas da emoção, das sensações, da intuição, da gestualidade, da imaginação... muitos saberes não se expressam com palavras, por terem sido recalcados nos nossos músculos e nervos por opressões diversas ou por pertencerem a ordem do silêncio, do sagrado, da dança.

Deste modo, nesta pesquisa, as copesquisadoras e os copesquisadores valorizaram as muitas possibilidades de expressão do corpo, para além da fala propriamente dita, pois o corpo é uma multiplicidade em fusão e fazer uma pesquisa Sociopoética implica a não separação entre a cabeça e o resto do corpo.

Contudo, é preciso destacar que, ainda, é difícil para muitas pessoas compreenderem que o corpo também produz conhecimento e que a cabeça não precisa ser separada dele, como há séculos vem sendo difundido pela ciência. Neste sentido, tal verdade precisa ser desconstruída, tendo em vista que na contemporaneidade se tem criado novos modos de aprender, ensinar e conhecer a vida. O que tem sido evidenciado nas investigações sociopoéticas que, ao fazer uso da arte na pesquisa, possibilita o aflorar de inúmeras sensações que se transformam em possibilidades de linguagem do corpo.

O uso da arte, aliás, é o *Quarto princípio* desta abordagem filosófica e metodológica, na qual os dispositivos artísticos são utilizados para possibilitar o estranhamento do mundo pelo grupo de copesquisadoras e copesquisadores, revelando fontes inconscientes do conhecimento,

introduzindo na pesquisa o (des)saber, a (des)formação, e proporcionando a multiplicação e a invenção de novas formas de potência do grupo-pesquisador.

O *Quinto princípio*: diz respeito a importância da responsabilidade ética, noética e espiritual do grupo-pesquisador no momento do processo de pesquisa, pois ela, a pesquisa, não é propriedade dos/as pesquisadores/as oficiais e deve buscar atender os desejos dos grupos que a acolheram. Adad (2014) destaca que esta espiritualidade, em pesquisas sociopoéticas, aparece quando a resolução analítica dos dados encontra seu limite, no qual as coisas não podem mais ser explicadas pela racionalidade, mas sentidas, produzindo no grupo de pesquisa devires inesperados. Assim, claramente imbuída por todas essas vozes e inspirações, iniciei o planejamento e a construção da pesquisa, conforme apresentarei na próxima subseção.

3. 3 O enviesar dos fios da pesquisa: negociação, formação do grupo-pesquisador e construção das máscaras de si (Quem são as/os jovens da pesquisa)

A caminhada investigativa foi cheia de muitas etapas, aprendizados e desapegos, pois assim como as minhas colegas e os meus colegas da 27ª turma de mestrado em educação, precisei reformular meu projeto e adequá-lo ao que era possível de se fazer durante os 24 meses de investigação. Assim, como dito na primeira seção deste trabalho, redefini meu tema de pesquisa, trazendo algo encarnado e imbricado com minha experiência.

Deste modo, depois de todas as etapas da seleção, da dedicação em cursar os componentes curriculares (obrigatórios e optativos) e da revisão da literatura, por meio da qual o projeto foi recebendo novos direcionamentos e tomando outros contornos, lancei-me, com o consentimento e apoio da minha orientadora, na aventura (cheia de labirintos e armadilhas) de cadastramento do projeto na Plataforma Brasil, ferramenta que nos obriga reduzir, recortar e dilacerar aquilo que ampliamos com tanto cuidado e dedicação. Aquilo que queremos dar asas, nela, deve ser colocado em caixinhas, em modelos prontos e com número de caracteres determinado. Perdi-me, andei em círculos, chorei, orei e finalmente dia 21 de fevereiro de 2018 cadastrei o projeto.

Depois de quase um mês de espera, 2 idas e vindas de documentos e algumas ligações e visitas ao Comitê de Ética em Pesquisa Humana (CEP), dia 19 de março de 2018 recebo, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 83997418.9.0000.5214, o parecer de aprovação do meu projeto. A alegria foi imensurável. Imediatamente enviei uma mensagem para minha orientadora contando a novidade com muita empolgação. Essa experiência de cadastrar o projeto no CEP com seus modelos documentais, justificativas e

determinações me fez pensar em toda a minha caminhada até este momento. Quantas travessias foram feitas, quantos caminhos longos e difíceis foram percorridos até que a semente plantada em 2017, no processo de seleção do mestrado, completasse seu ciclo de germinação e pudesse crescer e florescer novos conhecimentos e novas inquietações.

Estes deslocamentos me possibilitaram perceber o quanto a pesquisa e a pesquisadora se (de)formam e se (trans)formam na espera e como esta espera e preparação são importantes em uma caminhada investigativa. Além disso, percebi, também, que não existe uma receita pronta para se fazer uma pesquisa Sociopoética, assim como não há para fazer em qualquer outro tipo de pesquisa, contudo torna-se necessário observar algumas especificidades do processo de construção do conhecimento desta abordagem em questão.

Toda pesquisa Sociopoética começa com uma *oficina de negociação*. Nela são esclarecidos os objetivos da investigação, papel da pesquisadora propositora e do grupo-pesquisador neste tipo de pesquisa, os dias, datas e locais dos encontros. Assim, é instituído o grupo-pesquisador. Pelas palavras de Petit (2014):

[...] a sociopoética transpõe para dentro da pesquisa o dispositivo do grupo-pesquisador. Assim, na pesquisa sociopoética, os pesquisadores oficiais se transformam em facilitadores de oficinas e convidam o público-alvo a se tornar copesquisadores de um tema-gerador, a partir de uma negociação conjunta. Os que aceitarem o convite passam a investigar com o pesquisador-facilitador, a participar, com poder de decisão compartilhado, de todo o processo de pesquisa, inclusive da análise dos dados e da socialização da investigação (PETIT, 2014, p.22-23).

No caso da negociação da minha pesquisa, no dia 04 de abril de 2018, formou-se um grupo com oito jovens, com idades entre 15 e 18 anos, 6 meninas e 2 meninos. Assim, neste dia, eu e as cofacilitadoras Luana Vieira e Vicelma Sousa iniciamos, às 8h¹³, o acolhimento do grupo-pesquisador com uma roda de conversa, na qual pactuamos o compromisso do grupo com a pesquisa e distribuimos um roteiro de perguntas intitulado *Inventário de mim* (APÊNDICE D), dispositivo criado para evidenciar outras características e singularidades das/os participantes da pesquisa, pois embora habitem o mesmo território, Zona Sudeste de Teresina, pertencem a categorias bem distintas de classe, religião, etnia, sexualidade etc.

Em seguida, apresentei, em forma de conversa e de maneira breve, o projeto de pesquisa privilegiando os objetivos e a metodologia a ser utilizado na investigação.

¹³ Com o desejo que as/os leitoras/es deste trabalho consigam visualizar com maior clareza os passos percorridos durante o processo metodológico, descrevo as horas em que aconteceu cada atividade desenvolvida nas oficinas.

Ainda na roda, foram realizadas duas brincadeiras que além de prepararem o corpo, também, favoreceram o envolvimento das copesquisadoras e dos copesquisadores na oficina: 1. *Apresentação a mineira* - Uma breve apresentação das copesquisadoras e dos copesquisadores em roda e em pé. Cada um disse seu nome e uma característica com a primeira letra dele em movimento; 2. *Brincadeira o que você está fazendo agora?* - Cada participante disse de forma oral e com movimentos o que estava fazendo naquele momento. Este foi um momento de muita descontração e risos, que possibilitou aos jovens relaxarem e se sentirem mais à vontade diante da presença do grupo e das pesquisadoras.

Logo após o momento das brincadeiras, às 8h30, solicitei aos participantes que sentassem no chão formando um círculo, então foi distribuído cartolina, giz de cera, tinta guache, pincéis, tesouras, colas e revistas. Expliquei que cada uma/um deveria confeccionar uma máscara com a qual gostaria de se apresentar para as/os demais participantes. Cada uma/um deveria trazer suas marcas para a produção. Olhar para a obra, perceber detalhes de sua vida nela e, por fim, criar um heterônimo para si e através dele contar de si.

Assim, a técnica máscaras de si além de atender ao primeiro objetivo desta investigação, também viabilizou a apresentação das copesquisadoras e dos copesquisadores na pesquisa e a formação de um grupo-pesquisador produtor de conhecimento que desempenha um importante papel na produção, análise e interpretação dos dados (plásticos e orais) produzidos nesta pesquisa. Logo abaixo, apresento a fotografia das/os jovens construindo suas máscaras de si.

Fotografia 09 - Construção das máscaras de si



Fonte: Dados da pesquisa

Ao final da produção, cada uma/um apresentou de forma oral sua obra. No momento da escuta sensível, quando houve necessidade, foram feitas as seguintes perguntas: o que essa máscara fala de você? Você usa máscara no dia a dia? Quando você tira a máscara?

Recomendei, a quem terminasse, que deixasse a máscara no chão da sala para que a cofacilitadora Luana Vieira, a fotógrafa oficial da pesquisa, pudesse organizá-las para fazer as fotos das produções plásticas individuais que exponho abaixo junto com o relato oral de cada jovem, bem como trechos do roteiro de perguntas intitulado *Inventário de mim*, que apresenta a idade, etnia, orientação sexual, religião, dentre outras características e singularidades que evidenciam quem são as/os jovens desta pesquisa. Esclareço, que atendendo ao desejo das copesquisadoras e dos copesquisadores de preservar suas identidades, não foram utilizados seus nomes e apelidos descritos no referido roteiro. Sublinho, também, que os nomes das máscaras foram os mesmos nomes escolhidos pelas/os jovens para se apresentarem nesta pesquisa.

COPESQUISADORA ESPERANÇA

Fotografia 10 – Máscara de si - Esperança



INVENTÁRIO DE MIM

Tenho 15 anos, sou parda, hetero, minha religião é católica e sou de classe média. Minha melhor qualidade é ser alegre e divertida. Eu tenho medo de não saber lidar com as perdas. Se eu tivesse poderes mágicos eu queria acabar com as guerras. Eu tenho raiva de pessoas que tem vergonha da sua família. O que eu mais gosto de fazer é dançar e jogar futebol. Meu pior defeito é falar muito alto.

Fonte: Dados da pesquisa

Bom, o nome da minha máscara foi Esperança. O porquê de eu ter feito ela assim e botado esse nome? É porque hoje em dia no mundo todo o pessoal tem muito preconceito e por conta disso, acontecem as guerras. A gente ver muito choro das crianças sentindo falta dos pais e os pais também sentindo falta das crianças quando são separadas ou quando morrem, essas coisas...e também o preconceito. O preconceito se a pessoa é lésbica, é gay... e a gente ver muito isso e ver muitos casos de pessoas até se matando por conta desse motivo [ser homossexual]. E aí eu espero que mude, que a gente viva num mundo muito melhor. Nessa máscara, na primeira parte tem um lado triste que são algumas coisas tristes que eu passei e a parte feliz é que eu consegui superar eles. Eu não uso máscara no dia a dia. Se eu estou triste eu estou triste, se eu estou feliz eu estou feliz. Não estou nem aí para o que o pessoal irá falar. Eu não me preocupo com o que as pessoas falam de mim, porque o que elas falam ou deixam de falar não é o que eu sou. Eu sou o que eu demonstro.

A copesquisadora Esperança, chama atenção para várias questões importantes, dentre as quais destaco o preconceito sofrido pela comunidade LGBT que me leva a refletir sobre as/os

jovens deste segmento, vistos em nossa sociedade como dissidentes das normas e regras heteronormativas que padronizam os modos de ser homem e mulher no contemporâneo. Dessa forma, são contadas histórias únicas e instituídas que enquadram, rotulam, estigmatizam, estereotipam e dão margem para todas as formas de preconceito e violência contra esta parcela da nossa sociedade.

COPESQUISADORA SILENCIADOR

Fotografia 11 – Máscara de si - Silenciador



INVENTÁRIO DE MIM

Tenho 17 anos, sou parda, hetero e só creio em Deus, mas não visito igrejas. Sou pobre e a minha melhor qualidade é ser extrovertida. Eu tenho medo de perder a minha mãe e se eu tivesse poderes mágicos eu queria voar. Eu tenho raiva de pessoas que tentam diminuir os outros. O que eu mais gosto de fazer é ler e ouvir músicas. Meu pior defeito é ser estressada e um pouco bipolar.

Fonte: Dados da pesquisa

O nome da minha máscara é Silenciador que é a mistura do silêncio com a dor. As características dela são: os olhos coloridos que vê além... vê além do que o mundo mostra! a boca fechada, não fechada exatamente, com um x. Digamos que é uma sinalização que não pode falar, que ela tem que ficar em silêncio. Ela representa o que muitas pessoas vivem. Que pessoas olham além, mas não podem se expressar, não podem falar, principalmente, aquelas que não são influentes, tipo nós adolescentes que não temos tanto direito de expressar aquilo que sentimos e isso relata cada um de nós, ou seja, porque muitas vezes a gente sente vontade de nos expressar e não nos dão oportunidade e quando nos dão pouco se importam. É tipo, adolescente é... é uma mente confusa e precisa de ajuda para organizar as ideias e expô-las. Eu uso máscara quando eu estou com os meus conhecidos, mas quando eu estou com meus amigos de verdade eu mostro ser quem eu sou realmente. Não que eu seja uma pessoa falsa, é que eu não gosto que as pessoas vejam diretamente minha dor, principalmente, aquelas que não vão servir para me ajudar, entendeu? As minhas dores vêm da minha infância até hoje! Desde a infância eu fui renegada, mas eu sempre relevei. Sempre sorri. Isso nunca me impediu de sorrir. E ano passado o meu ex-padrasto tocou fogo na minha casa e a gente perdeu tudo. Minha mãe ficou só com a roupa do corpo, isso foi o que mais me doeu (choro). Não pelas coisas materiais, mas por ver minha mãe chorando quando eu cheguei em casa, mas tudo passa, né. E ao invés da gente reclamar, devemos agradecer que a gente tem vida e saúde. Eu tiro a minha máscara quando eu estou sozinha, com os meus amigos e a minha mãe.

“Muitas vezes a gente sente vontade de nos expressar e não nos dão oportunidade e quando nos dão pouco se importam”, diz a copesquisadora Silenciador ao apresentar sua máscara de si que é uma mistura do silêncio com a dor e reivindica o direito à voz, pois as/os jovens quase nunca são ouvidos em nossa sociedade e quando o são suas opiniões não são levadas a sério.

COPEQUISADORA ROSINHA

Fotografia 12 – Máscara de si - Rosinha



INVENTÁRIO DE MIM

Tenho 17 anos, sou parda, heterossexual, católica e de classe média. A minha melhor qualidade é ser compreensiva e extrovertida. Eu tenho medo de perder as pessoas que amo e se eu tivesse poderes mágicos eu queria melhorar o mundo para ter mais paz. Eu tenho raiva de gente que não é compreensiva e bruta. O que eu mais gosto de fazer é conversar e meu pior defeito é falar demais.

Fonte: Dados da pesquisa

O nome da minha máscara é Rosinha. Por que que eu botei Rosinha? Porque o mundo de hoje está precisando muito de delicadeza, mais amor e mais compreensão. Porque o que eu vejo hoje é só muita destruição, é muita gente chorando, muita gente sofrendo... e eu sou uma pessoa que gosto de ver todo mundo bem e eu não quero um bem... não só pra mim, mas também para todos que estão ao meu redor. Eu não uso máscara no dia a dia, eu sou uma pessoa natural. Eu tento conhecer a pessoa, para ver se ela usa máscara ou não. Eu analiso. Eu sou muito observadora. Eu falo demais, mas também sei a hora de ficar calada para escutar e observar. Essa máscara fala de mim... porque eu sou uma pessoa muito delicada. Pelo que eu vejo é isso que o mundo está precisando... paz, amor, harmonia, felicidade. Até no trânsito tá difícil de conviver. Um sai matando o outro só por causa de uma batidinha de carro. A pessoa não sai e conversa, ela parte logo pra violência. Eu não concordo, eu sou contra violência. Aqui na escola eu vejo violência de algumas formas... xingamentos...ou então como uma pessoa se estressa muito, chega a bater, a dar murro...mas eu observo mais por expressões, xingamentos...o olhar... a gente já percebe... é aí que a gente sabe que a pessoa tá sem máscara. É aí que a gente vê a realidade da pessoa, que a gente reconhece a pessoa. É no momento, às vezes, de dificuldade, de raiva, que a gente reconhece a pessoa de verdade.

A delicadeza da máscara de si Rosinha, reivindica mais amor, compreensão, paz, harmonia e felicidade para o mundo, que tem excesso de violência em todos os âmbitos de nossa sociedade e sofre com a escassez desses sentimentos reivindicados e tão importantes para o convívio harmonioso. Pois, segundo ela, o bem deve ser desejado e construído para todos e todas e não somente para um/a.

COPEQUISADOR DEPRESSIVO

Fotografia 13 - Máscara de si - Depressivo



Fonte: Dados da pesquisa

INVENTÁRIO DE MIM

Tenho 16 anos, minha cor é marrom, sou heterossexual, minha mãe me leva à igreja, mas não gosto de ir. Sou pobre, mas com humildade sempre. Minha melhor qualidade é a boa forma. Eu tenho medo de perder minha família e se tivesse poderes mágicos eu queria ser amado um dia. Tenho raiva de pessoas falsas, mentirosas e desigualdade. O que eu mais gosto de fazer é dançar. Meu pior defeito é ser muito depressivo e não saber lidar com meus problemas.

Então, eu botei o nome da minha máscara de depressivo...mas não é tipo um nome para a minha máscara...é tipo o que eu sou hoje! O que eu passo na minha vida hoje. Desde criança. Desde a minha infância até hoje. Na minha máscara eu coloquei essa foto do gato por causa da minha grande paixão por gatos. Eu coloquei algumas frases aqui... tipo essa que eu vi ontem e me marcou muito. Que diz: “o homem de lata não sabe a sorte que ele tem por não ter um coração”. É esse o sentimento que eu tenho. Que desde a adolescência eu venho passando por isso. Eu tenho uma carência muito grande. Eu já entrei em depressão duas vezes e já saí. Já me envolvi com várias coisas e saí, também. Eu sempre tive uma força. Eu entrei nessas coisas, mas saí por causa da minha família. Eu sempre vi a dor da minha mãe quando ela descobria que eu entrava nessas coisas. Eu já fiz várias coisas. Eu já usei drogas, já vendi drogas, já roubei, já matei, já fiz tudo na minha vida. Eu me arrependo de cada coisa que eu já fiz. A única coisa que eu quero é que tudo se saia bem na minha vida e na vida da minha família e dos meus próximos, só isso que eu quero. Eu falo para quem conversa comigo que eu só quero ser amado um dia. Elas me dão conselho, eu entendo, mas sempre me afundo ainda mais. Por isso que eu coloquei esse nome na minha máscara. Ela representa o que eu sinto hoje. Eu não tenho mais dia de alegria. Eu não tenho como dizer, tipo, esse foi o melhor dia da minha vida. Não tenho um dia que marcou a minha vida. Eu uso máscara aqui na escola, na rua a pessoa que me vê pensa que eu sou um cara alegre, descontraído, divertido... Mas quando eu chego em casa eu mudo. Quando eu chego em casa eu sou uma pessoa sensível, eu choro todo dia, toda noite. Eu não durmo mais. Tipo, eu tento dormir, mas eu tenho vários sonhos e acabo não dormindo mais, eu não como... (choro).

Em seu relato, o copesquisador Depressivo, chama atenção para alguns dos muitos problemas que afetam as juventudes no contemporâneo como o uso de drogas, roubos e assassinatos. Fica evidente em suas falas, por vezes, esvaziadas de esperança, o arrependimento, a importância da família na superação destes problemas e o desabafo que denuncia o quanto algumas pessoas das juventudes estão machucadas, esquecidas e violentadas em seu ser jovem contemporâneo.

COPESQUISADOR SADBOY

Fotografia 14 - Máscara de si - Sadboy



INVENTÁRIO DE MIM

Tenho 17 anos, sou preto, hetero, evangélico e de classe média. A minha melhor qualidade é ser engraçado. Tenho medo de não conseguir ter um bom futuro e se eu tivesse poderes mágicos queria prever o futuro para ter a certeza que vou poder dar um futuro para minha família. Eu tenho raiva de falsidade. O que eu mais gosto de fazer é desenhar e mexer no celular, meu pior defeito é não avistar o erro.

Fonte: Dados da pesquisa

Eu fiz essa máscara... o nome dela é Sadboy que significa garoto triste. Não que eu seja, mas é um momento que eu estou passando. Ela representa muito a minha personalidade agora. Eu uso máscara no dia a dia. Eu sempre tento ser o mais amigável possível. Eu acredito que isso me afunda no poço. Mas eu uso, tipo, aqui na escola... a pessoa fala alguma coisa comigo e eu (re)levo. Aí eu chego em casa e fico pensando o que eu poderia ter feito. Quando eu chego em casa, estou com meus amigos ou com minha mãe, eu tiro a máscara. Os amigos, só os que eu considero mesmo. Eu não tive dificuldade para fazer a máscara, desde o princípio eu já a tinha na mente. Eu sempre tive familiarização em desenhos, essas coisas...desde criança o meu pai que me ensinava...aí eu não tive dificuldade. Eu fiz isso aqui [acima da sobrancelha] como se fosse uma tatuagem, porque tatuagem fica pra sempre, né. Aí eu botei esse nome *hip hop*, desde que eu era criança fui criado nesse meio e estou até hoje e pretendo não sair. Ele já me tirou de várias enrascadas. Eu já participei de grupo de dança e de *hip hop* e hoje eu participo de batalha de rima.

O copesquisador Sadboy demonstra em suas falas que o nome da sua máscara significa garoto triste e que ela o representa neste momento presente. Também realça a importância do *hip hop* em sua vida, o que me faz refletir sobre a imagem que socialmente foi criada a respeito das/os jovens que pertencem ao movimento *hip hop* e que, quase sempre, são associadas/os à violência e à marginalidade, porém, ao contrário do que é disseminado como verdade, elas e eles também são produtoras e produtores culturais e a música é seu produto mais consumido.

COPESQUISADORA TRISTE-FELIZ

Fotografia 15 - Máscara de si - Triste-feliz



Fonte: Dados da pesquisa

INVENTÁRIO DE MIM

Tenho 18 anos, sou negra, heterossexual, frequente, às vezes, a igreja evangélica e sou totalmente dependente dos pais. A minha melhor qualidade é ser uma ótima conselheira. Tenho medo de perder meus pais muito nova e se eu tivesse poderes mágicos eu queria que não houvesse violência. Eu tenho raiva de pessoas que só sabem julgar os outros. O que eu mais gosto de fazer é comer e conversar com meus amigos. Meu pior defeito é ser muito negativa.

Essa máscara... o nome que eu coloquei para ela foi Triste-feliz, porque de vez em quando eu estou feliz. Acho que praticamente a todo o momento, né? Mas, essa felicidade não vive totalmente dentro de mim porque no fundo eu sou uma pessoa muito, muito triste, mas pelo fato dos meus amigos da escola falarem coisa engraçada pra mim, me darem conselhos, dialogar comigo... eu me torno uma pessoa feliz. Mas, quando eu chego em casa, muitas vezes, eu choro, eu me sinto depressiva. Porque, sou assim como está aqui na minha máscara, tenho um lado feliz e um lado triste. O lado feliz é esse, estar entre os meus amigos, estar com a minha família... também porque eu não tenho problemas familiares com ninguém. Mas a minha dor é de ter perdido alguém que eu amava muito... eu não vou conseguir falar (choro). É... eu perdi meu ex-namorado. Mataram ele. Balearam ele com quatro tiros nas costas. Ele era um rapaz muito bom, mas começou a se envolver no submundo e aconteceu isso com ele. Eu falo muito... mas uma coisa que eu sempre fui, foi ser uma ótima amiga, sempre conselheira... eu dou um pouco da minha alegria para os meus amigos que passam por problemas. Às vezes, eles acham que eu não passo por nenhum problema, porque eu sempre estou sorrindo, né. E eu fico alegre para não deixar as pessoas também tristes, porque às vezes de tanto a gente conversar com meus amigos e contar os problemas da vida, às vezes parece uma competição de quem sofre mais.

A descrição da máscara de si Triste-Feliz, mostra o paradoxo de se viver triste e feliz ao mesmo tempo. É uma felicidade demonstrada, mas não sentida, pois a dor de ter perdido um amor para o “submundo” não a deixa viver a plenitude de sua felicidade. Estas falas me levam a pensar em tantas/os outras/os jovens que, também, usam máscaras felizes para esconder suas tristezas, dores, problemas, abusos, preconceitos etc., presentes em seus cotidianos familiares, escolares, dentre outros.

COPESQUISADORA POTTER

Fotografia 16 - Máscara de si - Potter



INVENTÁRIO DE MIM

Tenho 17 anos, sou parda, homossexual, não tenho religião e sou dependente dos meus pais. A minha melhor qualidade é fazer tudo para ajudar um amigo. Eu tenho medo de ser esquecida e se tivesse poderes mágicos queria poder voar. Eu tenho raiva de pessoas que inventam coisas falsas sobre mim. O que eu mais gosto de fazer é ler e tocar. O meu pior defeito é, às vezes, fazer as coisas sem pensar.

Fonte: Dados da pesquisa

O nome que eu coloquei nela foi Potter, mas não tem nada a ver com ela. Eu fiz ela assim, porque me representa um pouco... pelo o que eu estou passando e tal. Eu fiz a boca dela assim, cheia de cicatrizes porque eu já passei por momentos que me deixaram com bastante cicatrizes e ainda hoje não curou totalmente e que, de vez em quando, uma delas abri e machuca demais. É mais sobre minha família, mas especificamente meu pai que não aceita a minha opção sexual e eu sofro demais com isso, porque tudo que você faz... você quer que tenha... nem que seja um pouco da aceitação dos seus pais, do carinho deles, da atenção deles e não é todo momento que eu tenho isso, principalmente, da parte do meu pai. Eu uso bastante máscara no dia a dia, principalmente, aqui na escola, porque eu sou um tipo de menina que eu gosto de ajudar todos que estão ao meu redor. Eu passo por muita coisa, só que eu não demonstro isso para ninguém. Só que chega momentos que não tem como esconder. Eu tiro minha máscara só nas madrugadas. Eu não sei explicar... porque no dia a dia eu tento esconder ao máximo o que eu estou passando... eu sou uma menina que anda sempre feliz, alegre... quem me ver aqui na escola sabe disso, mas isso é só de aparência porque é um turbilhão... E essa máscara representa isso na minha vida. Potter, eu peguei do *Harry Potter* que eu gosto muito dele.

Percebo na descrição da máscara de si Potter, a dor de ter que esconder sua orientação sexual e o preconceito por parte de sua família, mas precisamente de seu pai, que não a aceita como é. É importante destacar, que questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero, ainda, são difíceis de serem tratadas no ambiente escolar por serem consideradas menos significativas ou porque são perpassadas de preconceitos sociais, pois no imaginário geral, ainda, impera a ideia de que tais questões devem ser tratadas no âmbito privado. Entretanto, mesmo difíceis de se discutir, tais questões são demandas da escola e precisam ser cada vez mais discutidas, principalmente, durante as reuniões com as mães, pais e responsáveis.

COPESQUISADORA PETER

Fotografia 17 - Máscara de si - Peter



INVENTÁRIO DE MIM

Tenho 16 anos, sou branca, heterossexual, católica e de classe baixa. A minha melhor qualidade é ser confiante. Eu tenho medo de perder minha família e se eu tivesse poderes mágicos eu queria curar. Eu tenho raiva de gente egoísta. O que eu mais gosto de fazer é ouvir música. Meu pior defeito é não ter a mínima paciência.

Fonte: Dados da pesquisa

O nome da minha máscara é Peter. No momento que eu fiz a minha máscara eu não pensei, eu não pensei em nada... e ela demonstra, meio que felicidade e muitas vezes eu demonstro estar feliz, sem estar... (choro) eu uso máscara na escola, porque eu tenho medo das pessoas me julgarem...falarem que é drama...julgarem a situação... eu prefiro não falar sobre isso. Eu tive dificuldade para fazer minha máscara porque eu não sei desenhar... não sei me expressar através de desenhos. Não costumo desenhar. Essa máscara, parece feliz e... eu sou feliz só que, às vezes, eu fico triste. Eu não quero falar sobre essa tristeza. Fazer a máscara foi bom, foi produtivo, eu aprendi bastante. Eu queria ter colocado na minha máscara alguma característica que mostrasse que vai passar...que não vai durar para sempre e que em algum momento vai passar... eu tenho um amigo que me ajuda nos momentos de tristeza, ele também usa máscara e às vezes ele tira. Às vezes, ele está triste e tenta me ajudar. Às vezes, ele deixa de me contar os problemas dele para me ajudar no meu problema e, às vezes, eu faço isso também. Eu conheci essa pessoa [amigo] ano passado e desde o dia que eu conheci ela muita coisa mudou... eu aprendi tanto com ela, mais tanto... eu acho que ele me ajudou a ajudar as pessoas nos problemas delas. Na maioria das vezes, ele passa pelos mesmos problemas que eu passo, mas eu não quero falar.

A copesquisadora Peter, demonstra na apresentação de sua máscara de si que passa por uma tristeza, que tem medo das pessoas a julgarem, que prefere se manter em silêncio sobre esta questão e que espera que passe. Contudo, revela que tem um amigo que, também, passa pelos mesmos problemas e que juntos partilham suas dores.

Após o término das apresentações das máscaras de si, às 10h30, apresentei o Diário de Itinerância que é um dispositivo de pesquisa que ocupa um lugar importante nesta investigação, ele é o termômetro da pesquisa, pois mostra os relevos do caminho e das pessoas envolvidas para que a própria pesquisadora possa ir e voltar no percurso fazendo-se e se refazendo entre o grupo-pesquisador (SOARES, 2016). Nas palavras de Barbier (2007, p. 133) o diário é um “[...] bloco de apontamentos, no qual cada um mostra o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à sua

vida”. Tomando este conceito como exemplo, expliquei que ele iria transcorrer em todas as oficinas e que seria importante para escrever sobre o que todas/os (copesquisadoras, copesquisadores, facilitadora e cofacilitadoras) estavam sentindo, vivendo e experienciando naquele momento. Enfatizei que poderia ser escrito em qualquer gênero textual e que, também, poderiam pintar e desenhar. Não havendo a necessidade de se identificar, porém se o fizessem que fosse com o seu heterônimo.

Fotografia 18 - Diário de Itinerância



Fonte: Dados da pesquisa

Finalizada a explicação, pedi aos jovens que escrevessem sobre a experiência no Diário de Itinerância. A seguir, exponho trechos dos diários do copesquisador Depressivo e da copesquisadora Esperança.

Diário do copesquisador Depressivo sobre a importância da oficina

Teresina-PI, 04 de abril de 2018

Essa experiência foi bastante divertida, diferente e interessante. Me fez voltar a ser criança de novo, apesar de não ter tido uma infância muito boa. Eu queria muito ter terminado de falar da minha máscara, mas não suportei. Como falei sou muito emotivo. Não consigo falar da minha vida sem chorar. Porque chorar é uma maneira de aliviar minhas dores...Porque me automutilar não estava resolvendo. Quando eu tinha 12 anos, meu pai abandonou a minha mãe pela primeira vez e com isso eu entrei no mundo das drogas, mas saí. Depois entrei na

criminalidade, mas saí. Tudo pela minha família e pela razão de ainda estar vivo, minha mãe. Só queria agradecer a atenção de vocês e a pesquisadora Samara por ter me ajudado a soltar tudo pra fora. Estou me sentindo um pouco melhor agora. Obrigado de coração. (Copesquisador Depressivo).

Este registro, revelou para mim a importância de refletirmos sobre o ser jovem e suas especificidades no contemporâneo, percebendo que não se deve trabalhar apenas com um único olhar sobre as juventudes, mas sim com uma perspectiva interdisciplinar que admita as diferenças e as diversidades de cada uma/um. Abaixo, a copesquisadora Esperança expressa o que sentiu nesta experiência.

Diário da copesquisadora Esperança sobre a formação do grupo-pesquisador
Teresina-PI, 04 de abril de 2018

No momento da nossa oficina que tivemos que falar sobre nossas máscaras, foi um momento de desabafo. Deu para entender que quando nós temos um grupo, podemos contar nossa experiência de vida. Na minha opinião o jovem deveria ter mais voz porque ninguém sabe o que passamos em nosso dia a dia. (Copesquisadora Esperança).

Este relato, me levou a pensar que recorrer à vivências sociopoéticas que causem estranhamento ao grupo-pesquisador e instiguem seu potencial criativo para pensar de outro modo aquilo que está cristalizado, pressupõe que não devemos pesquisar apenas com a razão moderna, mas com outras dimensões que possibilitem uma ciência mais sensível, o que não significa dizer que será menos rigorosa, pois a ciência pode ser artística e científica ao mesmo tempo.

Assim, depois de todos esses movimentos, às 11h, instituímos o grupo-pesquisador desta pesquisa. Ressalto que a instituição do grupo-pesquisador como autor da pesquisa é um ato político de inclusão das pessoas (excluídas, marginalizadas e oprimidas) na pesquisa científica. Sobre o hífen do grupo-pesquisador, Gauthier (2012, p.78) sublinha que

O hífen é importante, porque não se trata de um grupo de pesquisa, mas de um ser coletivo, que se institui no início da pesquisa como grupo-sujeito do seu devir. [...] que ele age na pesquisa como se fosse um único pensador, percorrido de caminhos diversos, às vezes contrários, que se encontram, tecem juntos ou divergem...

Depois de instituído, iniciei a apresentação e socialização do tema-gerador *ser jovem em meio à heteronormatividade*, questionando se este tema era relevante ao grupo ou se gostariam de pesquisar sobre outra questão relacionada a esse tema. Uma vez instituído o grupo-

pesquisador e confirmado o tema-gerador, perguntei se todas/os estavam de acordo e se havia alguém com algum tipo de impedimento para participar. Finalizado este momento, preparamos o grupo para leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) para os maiores de 18 anos e TALE Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) para os menores de 18 anos que levaram os termos para que os pais ou responsáveis concedessem a autorização de sua participação na pesquisa.

Permeada pelas palavras de gratidão e afetos recebidas neste dia do grupo-pesquisador, me desterritorializei no dia seguinte pela recepção do meu trabalho pelos pais, mães e responsáveis. Descrevo como tudo aconteceu, no diário abaixo.

Diário da pesquisadora sobre a recepção da pesquisa pelos pais, mães e responsáveis

Teresina-PI, 05 de abril de 2018

O medo sempre me guiou para o que eu quero. E porque eu quero, temo. Muitas vezes foi o medo que me tomou pela mão e me levou. O medo me leva ao perigo. E tudo o que eu amo é arriscado.

(Clarice Lispector)

Assim, como Clarice Lispector descreve em seu poema, hoje o medo me tomou mais uma vez pela mão e me levou a caminhar pelos perigos e riscos daquilo que amo fazer que é pesquisar. Explico. Hoje, ao acordar, tive a ideia de enviar mensagem, logo cedo, para as copesquisadoras e os copesquisadores lembrando da assinatura dos termos de assentimento pelas mães, pais ou responsáveis, pois os termos serão recolhidos na oficina de produção dos dados que acontecerá amanhã. Avisei, na mensagem, que se alguém tivesse alguma dúvida podia me ligar que eu esclareceria. Logo na primeira resposta me desterritorializei. A mãe de uma das copesquisadoras respondeu à mensagem por ela, dizendo que queria saber “direitinho” o que era heteronormatividade e se tinha a ver com homossexualidade. Embora desterritorializada com tais questionamentos, ensaiei a seguinte resposta: senhora, a heteronormatividade está relacionada ao modelo de ser homem e ser mulher em nossa sociedade. A pesquisa, pela qual sou responsável, busca compreender o que as/os jovens do CETI Professora Maria da Conceição Salomé pensam sobre este modelo. Assim, não tenho como afirmar se irão falar sobre questões relacionadas à homossexualidade, pois ainda não sabemos o que se faz problema para elas e eles dentro deste modelo. Expliquei, ainda, que o projeto da pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Piauí e que está de acordo com todas as exigências deste para pesquisas com seres humanos e, em nosso caso, com jovens menores de idade. Expliquei, também, que a escola estava ciente e de acordo com o que iríamos desenvolver com as/os estudantes da instituição. Por fim, disse que entendia a preocupação dela enquanto mãe e que estaria a disposição para esclarecer qualquer dúvida. Após longos minutos de espera, 20 min. mais precisamente, ela me respondeu com um “ok”. Perguntei se poderia considerar esta resposta como a autorização, não tive devolutiva. Antes de receber o “ok” como resposta, entrei em contato com minha orientadora para contar da minha aflição e saber como deveria proceder neste caso. Prontamente, ela me respondeu e me orientou a aguardar a resposta e que se fosse negativa que eu não insistisse para não ter problemas futuros. Disse, ainda, que escrevesse um diário sobre isto, pois já era um achado de minha pesquisa. De tal modo, seguindo suas sábias palavras, comecei, mesmo com o corpo trêmulo e coração apertado de medo e ansiedade, a ensaiar a escrita desta experiência e as sensações que ela causou em meu corpo.

A desterritorialização, não parou nesta mensagem, pois no final da tarde deste mesmo dia recebi uma ligação da minha orientadora me relatando ter recebido uma ligação questionando sobre o que iria ser discutido, realmente, na pesquisa. No grupo criado no aplicativo de mensagens *whatApp*, algumas jovens, também, relataram resistência dos pais em assinar os Termos de Assentimento, por desconhecerem o significado da palavra heteronormatividade. Essa situação, me levou a refletir sobre como as questões relacionadas ao gênero e sexualidade, ainda, são tratadas como tabus em nossa sociedade e do quanto é importante problematizar tais questões para que sejam desnaturalizadas e desocupem o lugar de verdades únicas que reprimem e invisibilizam as pessoas que escapam das normas sexuais e de gênero reproduzindo o preconceito e a opressão. Louro (2014, p. 80) nos convida à refletimos sobre estas questões e destaca que

Se pretendemos ultrapassar as questões e as características dicotomizadas, precisamos reconhecer que muitas das observações - do senso comum ou provenientes de estudos e pesquisas - se baseiam em concepções ou em teorias que supõem dois universos opostos: o masculino e o feminino. Também aqui é evidente que a matriz que rege essa dicotomia é, sob o ponto de vista da sexualidade, restritamente heterossexual. Como uma consequência, todos os sujeitos e comportamentos que não se “enquadrem” dentro dessa lógica ou não são percebidos ou são tratados como problemas e desvios.

Devemos, penso, começar a questionar e problematizar as diferenças entre as educações de meninas e de meninos na escola, na família e na sociedade como um todo, sobretudo no que tange ao gênero e à sexualidade, pois há censura e vigilância para aquelas e aqueles que ultrapassam as fronteiras do normatizado e instruído como normal e aceito socialmente.

Neste contexto, desterritorializante, o medo tomou conta de mim. Medo dos pais, mães e responsáveis não assinarem os Termos de Assentimento, medo de perder o grupo-pesquisador, medo de tudo que havia construído com as/os jovens na oficina de negociação não pudesse ser utilizado, dentre tantos outros medos que fizeram meu corpo sentir dores e sensações que jamais havia sentido. Paradoxalmente, ao mesmo tempo senti uma segurança, pois estava resguardada pelo parecer de aprovação enviado pelo CEP, conforme explicitado no início desta subseção. O que me fez refletir sobre tudo que vivi na difícil tarefa de cadastramento e reconhecer a importância desse processo e do Comitê de Ética em nossas pesquisas, uma vez que nos resguardam diante da vigilância normalizadora ao qual nos encontramos inseridas e

inseridos. Mesmo tomada por este misto de sensações, fui para a oficina de produção dos dados que descrevo na próxima seção.

4 ALINHAVANDO SABERES NO ESTANDARTE DO SER JOVEM EM MEIO A HETERONORMATIVIDADE



4.1 Tecendo o Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade: Oficina de produção dos dados

Após a oficina de negociação, realizei, no dia 06 de abril de 2018, a *oficina de produção dos dados* que aconteceu em dois momentos, com 07 (sete) jovens, pois a copesquisadora Esperança adoeceu e não pode comparecer ao nosso encontro neste dia. Assim, antes de iniciarmos as atividades planejadas para a oficina, avisei ao grupo-pesquisador que iria receber os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) assinados pelas mães, pais ou responsáveis. Como descrito na seção anterior, o medo tomava conta de mim, porém para o alívio do meu coração somente uma copesquisadora trouxe o termo sem assinar, pois sua mãe estava viajando e não tinha outra pessoa responsável por ela no momento. Deste modo, relatei a situação para a diretora da escola que se responsabilizou pela aluna e assinou seu Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Cabe destacar, que a produção das imagens das criações artísticas e os respectivos relatos orais ou narrativos, obedeceram planejamento cuidadoso e elaboração de plano trabalho constando técnicas artísticas/dispositivos que foram utilizados e experimentados antecipadamente por mim com outras pessoas. Para Gauthier (1999, p. 12-13), o dispositivo

Se caracteriza por (um ou uns) lugar(es), um (ou uns) tempo(s), ritmos, pessoas, objetos, dinheiro, tarefas, que permitem ‘objetivar’, isto é, tornar visível o que era Escondido na vida ordinária [...]. Tornam-se visíveis e analisáveis redes e desejos e poderes nas quais todos estão imersos, bem mais amplas do que é mostrado pela instituição.

Deste modo, no primeiro momento, para a produção dos relatos orais individuais, fizemos uso da técnica *Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade* e no segundo, para a produção coletiva, reunimos todos os retalhos da produção anterior e o grupo-pesquisador alinhavando os pedaços de si, produziu o *Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade*, o qual entendemos como o desdobramento da técnica inicial.

Sublinho, que estas técnicas ocorrem em conformidade com o tema-gerador negociado e os objetivos da pesquisa e auxiliam na provocação do pensamento das/os participantes que discorreram sobre suas produções, relacionando-as com o tema-gerador. Deste modo:

[...] pede-se que os copesquisadores expressem numa linguagem simbólica e criativa, os seus conceitos referentes ao tema-gerador. Chamamos de confetos (conceitos + afeto) os conceitos produzidos mediante os dispositivos sociopoéticos, por estarem perpassados de razão, intuição, emoção, sensação (PETIT, 2014, p.33).

É importante destacar, também, que nessa abordagem teórico-metodológica de produção coletiva do conhecimento, os dados não são coletados, mas sim produzidos durante a realização das oficinas. Ela (abordagem teórico-metodológica) afasta-se dos conceitos que já estão naturalizados e tem a criação de confetos como um de seus principais intentos. Neste sentido, na Sociopoética, as oficinas funcionam como planos de imanência para a criação dos confetos (conceitos + afetos), possibilitando que as copesquisadoras e os copesquisadores problematizem sobre um tema-gerador a partir dos dispositivos artísticos levados ao grupo-pesquisador. Sobre confeto, Gauthier (2010, p. 6-7) explica que

O grupo-pesquisador cria dois tipos de produção intelectual, *os problemas*- no sentido filosófico dessa palavra (um problema é resultado do processo de problematização, a partir de uma dificuldade no pensamento oriunda do

absurdo, de uma contradição, de um paradoxo ou da heterogeneidade das fontes de pensamento) e os *confetos*. Não pretendemos criar conceitos, preferimos deixar essa tarefa aos filósofos profissionais. E sim, assumir nossa originalidade de sempre mexer, ao mesmo tempo, com o racional e o afeto, já que mobilizamos o corpo inteiro como fonte de conhecimento. Assim, criamos a palavra ‘confeto’ para nomear essas misturas íntimas de conceito e afeto que o grupo-pesquisador vai criando. (Grifos do autor).

Assim, através das técnicas sociopoéticas utilizadas nas oficinas de produção dos dados as copesquisadoras e os copesquisadores são levados à invenção de sentidos, afloramento de emoções, imagens, movimentos corporais reflexão e à criação, deixando que suas ideias e seus pensamentos incidam do plano de imanência, para o plano de consistência, que é o da criação de confetos.

No que tange à escolha da técnica, geralmente é orientada pela familiaridade do/a facilitador/a, ou seja, na maioria das vezes a técnica escolhida é aquela que, outrora, já foi vivenciada. Como em meu caso, que utilizei em minhas oficinas técnicas que já haviam sido vivenciadas por mim durante as aulas, minicursos e percursos de formação sociopoética na UFPI. Além disso, a escolha também leva em consideração o nível de estranhamento que as técnicas podem causar ao grupo-pesquisador. Reforçando o que foi dito, Petit (2014, p.33) destaca que

As técnicas que geram algum estranhamento nas pessoas, são mais fecundas em dados polifônicos e a-finitos, isto é, heterogêneos, ambíguos e não acabados, levantando por isso mesmo, mais questionamentos e interrogações. Outra vantagem é que, à medida que os dados tocam nosso imaginário e provocam o inesperado, fica aguçada a escuta sensível. O efeito de estranhamento torna-se ainda mais necessário quando impera, a ilusão grupal, isto é, a tendência a manter uma visão idealizada de harmonia que mascara as contradições e cega as análises.

Deste modo, assim como na oficina de negociação, iniciamos às 8h com um acolhimento em que fizemos uso de dois exercícios e uma brincadeira para ativação do corpo. O primeiro foi o *Exercício de associações livres* – solicitei que o grupo formasse uma roda e que cada participante deveria fazer associações com palavras escolhidas por elas e eles livremente em três rodadas. Em cada rodada, a pessoa ao lado da que disse a palavra, deveria associá-la à algo que achasse que tinha a ver com a palavra dita. Em seguida, realizamos a *Brincadeira da troca de lugares* - em que, ainda na roda, e em pé, cada participante trocou de lugar com alguém de acordo com as orientações: de costas, de frente, de lado, como um sapo, pulando com um pé só, etc. Foi solicitado que não trocassem de lugar com a pessoa do lado. Por fim, ainda na roda, realizamos alguns *Exercícios corporais* – 1 Movimentos para dentro e

para fora da roda individualmente; 2 Movimentos para dentro e para fora da roda em duplas; 3 Movimentos para dentro e para fora abraçadas/os pelas costas; como em um grande abraço coletivo; 4 De costas uma/um para a/o outra/o para descansar, alternadamente; 5 Respirar profundamente, parar, sentar, deitar chão de rosto para cima, colocar as mãos na boca do estômago e acompanhar os movimentos da respiração.

Depois que todas/os estavam acomodadas/os no chão, às 8h:30min, pedi que fechassem os olhos que, acalmassem, relaxassem e começassem a viajar pela imaginação. Neste momento li o seguinte texto:

Narrativa da viagem imaginária

Feche os olhos e respire profundamente 3 vezes. Neste momento, pense no **Ser jovem em meio à heteronormatividade**. Procure se concentrar. Respire. Tente relaxar o seu corpo, esquecer dos eventos que ocorrem fora deste espaço. Enquanto respira, comece a se imaginar em outro lugar. Para chegar em outro lugar, você deve caminhar. Se puder, caminhe com os pés descalços pelo chão. Sinta este contato com a terra... Prepare-se para viajar. (RESPIRE). A viagem será até o *lugar da heteronormatividade*. (RESPIRE) Comece a viajar. Olhe para os lados. Observe. O que você vê? Como se sente ao viajar ao *lugar da heteronormatividade*? De repente, aparece um problema que te impede de viajar até o *lugar da heteronormatividade*. Como é esse problema? Pense no problema. (RESPIRE 3x) Como enfrentar esse problema? (RESPIRE) De repente, se cria uma estratégia para enfrentar o problema. Qual foi a estratégia? Como é a estratégia? Com a ajuda da estratégia, você enfrenta o problema e continua viajando. Ao longe, você vê uma ponte. Para chegar ao *lugar da heteronormatividade*, atravesse a ponte. No meio da ponte, vê o *lugar da heteronormatividade*. O que você vê? Quem está neste lugar? Você chega ao *lugar da heteronormatividade*! Como é este lugar? O que você sente? O que é *ser jovem em meio à heteronormatividade*? Quem pode viver neste lugar? Como ele se organiza? Como ser jovem em meio à heteronormatividade? O pode o jovem em meio à heteronormatividade? Pegue o pano ao lado do seu corpo. Passe o pano pelo corpo todo. Sinta o movimento do seu corpo com o pano passando por ele. Aos poucos, você vai voltar da viagem, vai mexendo os pés, as mãos, mexendo os olhos, lentamente. (Versão Samara Layse da Rocha Costa e Shara Jane Holanda Costa Adad).

Encerrada a leitura da viagem imaginária, chegou o momento de realizar a produção plástica dos Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade. Assim, às 8h:50min, solicitei que cada uma/um, ao seu modo, bordasse a viagem imaginária no pano que estava à sua frente. Pedi que fizessem o retalho do *lugar da heteronormatividade*, e o *ser jovem neste lugar* usando o material que as cofacilitadoras Luana Vieira e Vicelma Sousa haviam colocado próximo à elas e eles, tais como: tinta guache, pincéis, agulhas de bordar, linhas para bordar, tesouras, fitas de cetim, missangas, botões, lantejoulas, cola tudo e fita adesiva. Além disso, solicitei que ao final da produção, cada uma/um deveria dar um nome ao seu retalho. Finalizado o tempo destinado à produção, cada jovem falou sobre o seu retalho e relatou o que sentiu com a experiência, destacando como foi a viagem, os problemas que encontrou, como viajou, etc. A

seguir, apresento a imagem do retalho e o relato oral da copesquisadora e do copesquisador que o criou.

COPESQUISADORA POTTER

Fotografia 19 - Retalho Problemas



Fonte: Dados da pesquisa

Eu coloquei o nome do meu retalho de Problemas, porque hoje em dia as pessoas fazem muitos problemas, são, digamos assim, muito problemáticas. Colocam coisa ruim em tudo! Esses problemas estão relacionados a um tudo, principalmente, ao preconceito não só de cor, raça e tal, mas como opção sexual, também, que muita gente fala que aceita, mas não aceita não. Alguns, são bem mais preconceituosos que os outros. O problema é que muitas pessoas me julgam pelo meu jeito de ser, até mesmo pelo meu jeito de andar, pelas pessoas com quem eu ando, pelos meus amigos. Principalmente, meus familiares me julgam muito por isso. O ser jovem no lugar da heteronormatividade é um ser com voz, que consegue colocar pra fora tudo que quer, que não é impedido de fazer nada. Porque hoje em dia a gente é impedido de fazer muita coisa que a gente gostaria de fazer, principalmente pelos nossos familiares. E nesse lugar da heteronormatividade o jovem pode ser aquilo que ele quiser ser. Sem ninguém julgar ele por aquilo que ele está fazendo...está dançando...está cantando...sei lá... Porque tem muita gente que fala daquilo que você está vendo...está cantando...sei lá...tipo ah você está cantando isso aí? para com isso! Isso não é música que preste! É música de maconheiro! Muita gente fala isso, e não é legal não. E lá no meu planetinha da heteronormatividade o jovem pode fazer o que ele quiser, sem ninguém está impedindo, sem ninguém está falando nada com ele. Se ele quiser se relacionar com alguém do mesmo sexo ele pode fazer, porque também muita gente não gosta disso. Dizem que isso não é normal, que Deus criou o homem e a mulher para ser um casal e não dois homens ou duas mulheres e lá [no planetinha] não vai ter ninguém falando isso. Os meus familiares não me aceitam do jeito que eu sou, por gostar de mulher. Que nem meu pai já falou uma vez... ele disse que isso não é normal, que eu estou cheia de demônios, que eu preciso ir para a igreja aceitar Jesus e que eu não posso ser isso [lésbica] porque eu nasci mulher para casar com um homem e não me relacionar com outras mulheres. O melhor jeito é ouvir tudo e ficar calada porque se eu for rebater com ele vai piorar as coisas e ele vai fazer coisas que eu não gostaria que ele fizesse e ia piorar a minha situação porque eu e ele não temos uma boa relação e se eu fosse rebater com ele iria piorar tudo. Então, é melhor ficar calada e seguir em frente. A ajuda que eu tenho é a ajuda dos meus amigos, daquelas pessoas que, realmente, querem o meu bem e que eu confio bastante, porque não é todo mundo que quer te ajudar. Tem gente que está do teu lado, sabendo das tuas coisas, mas faz é complicar mais ainda e não ajudar. Quando eu entrei no planeta da heteronormatividade eu senti uma paz, um alívio, uma alegria. Pra mim é melhor estar no planeta da heteronormatividade do que no planeta terra porque lá no planeta da heteronormatividade ninguém vai está me julgando e nem falando nada ruim comigo, que me machuque e que me leve a fazer coisas ruins

comigo mesma como eu já havia feito antes, pelo fato de muita gente falar coisas ruins comigo... eu sou uma pessoa que por fora eu demonstro ser durona e tal, eu não demonstro muito os meus sentimentos. Só que por dentro eu sou que nem uma criança. Qualquer coisinha que você falar me entristece, me abala, me deixa bastante triste. E muita gente já falou coisas comigo que me levou a quase entrar em depressão... e eu me mutilava também. Um tempo desse, eu ainda estava fazendo isso, só que agora eu parei, porque eu vi que isso não ia levar a nada e eu estou tentando passar por cima de tudo isso.

COPESQUISADOR DEPRESSIVO

Fotografia 20 - Retalho Passado



Fonte: Dados da pesquisa

A minha viagem, tipo...eu não pensei em um lugar melhor da heteronormatividade. Eu voltei ao meu passado, lembrando as coisas que já aconteceram. Eu não penso no futuro. Eu até tento, mas não consigo, eu penso mais no meu passado. O nome do meu retalho é passado. Aqui eu coloquei algumas coisas que já aconteceram na minha vida. Alguns acontecimentos que já tive. Aqui é minha casa. Eu morava em São Paulo. Nela, eu botei todas as datas que meu pai saiu de casa. Todas as vezes, que ele saiu ele me falou que se ele pudesse voltar atrás ele não teria mentido. Todas as vezes, ele falou isso pra mim. E toda vez que ele saía, eu sempre tinha que ir atrás dele para tentar trazer ele de volta, mas eu não consegui. Por isso que eu fiz esse "X" que é da família dele tentando me impedir de trazer ele de volta para casa. Eu fiz esse desenho, *megatron*, porque antigamente eu costumava muito ir em bailes, e nesses bailes sempre tinha esse paredão de som, chamado *megatron*. Nesse, foi o dia que eu matei a primeira pessoa na minha vida. Nesse tempo eu era envolvido com a criminalidade, então foi nesse dia que aconteceu. Foi nesse mesmo dia, 13/04/2013, o mesmo dia que meu pai saiu de casa. Eu estava em casa com minha mãe. Não estava muito bem da cabeça, então eu saí para fazer assalto e acabou acontecendo isso. E isso aqui era a visão de onde eu morava. Quando eu estava muito assim... eu subia no alto do morro e ficava olhando a visão da favela. Foi muito difícil chegar a esse lugar porque eu não consigo lidar com meus problemas sozinho. A minha ajuda nesse caminho é a minha mãe, os meus amigos, a minha família por parte de mãe, porque por parte de pai nunca me ajudou. Eu vi eles nesse lugar... tentando me trazer, tentando fazer eu sair da criminalidade, quando eu estava, ainda, nessa vida. Eu ví todas as vezes que a minha mãe conversava comigo. Todas as vezes, minha mãe saía atrás de mim à noite, quando eu saía do morro e não voltava. Eu não consegui chegar ao lugar da heteronormatividade, por que nesse mundo que eu vi na minha imaginação, só existia eu. Eu vivia sozinho nesse mundo. Eu não via ninguém que conseguisse viver nesse mundo. Porque tipo assim, cada jovem tem seu próprio mundo e para ele, só ele consegue viver naquele mundo, ninguém consegue. Porque muitos jovens hoje tentam se expressar, mas muitos acabam não entendendo o modo como ele quer falar, por isso que ele

tem esse pensamento que só ele consegue viver no mundo dele. Nesse mundo que é só dele, tudo que ele quiser fazer ele pode fazer. O que ele tiver em mente, ele pode fazer, porque ele vai está fazendo sozinho e não vai ter ninguém para criticar ele ou querer atrapalhar. Ele pode ser o que ele quiser ser. Ao viajar para esse lugar eu senti algo ruim, porque eu não gosto de lembrar do meu passado, mas ele sempre está comigo. Hoje o jovem tem muita facilidade a tudo, por isso que as pessoas dizem que o jovem não escuta ninguém, não acata conselhos, porque o jovem quer ser livre, ele quer viver do seu próprio jeito, no seu próprio mundo. Todos aqui caminhavam, olhavam para o lado, viam pessoas, depois tinha uma ponte para chegar ao lugar da heteronormatividade, mas eu não vi essa ponte. Andando nos problemas eu travei e eu não consegui achar um meio de chegar lá. Eu vi todas as minhas escolhas... as escolhas que me fizeram bem...as escolhas que me fizeram mal... e aí eu travei nos problemas e não consegui chegar ao lugar da heteronormatividade. Eu fiquei desanimado comigo mesmo porque tem pessoas que tem problemas piores que os meus e conseguem viver e eu com um mínimo de problemas que eu tenho, não consigo fazer isso.

COPESQUISADORA TRISTE-FELIZ

Fotografia 21 - Retalho Espaço Fechado



Fonte: Dados da pesquisa

Bom, foi um pouco complicado eu conseguir me concentrar muito nessa viagem, porque é a primeira vez que eu faço esse tipo de atividade de viajar, de imaginar. Eu sempre tive dificuldade de ter essa imaginação, né. Eu desenhei, tipo, uma bola bem grande que era um espaço e que continha as pessoas totalmente heterossexuais. Tem um cara que se veste de azul e uma mulher que se veste de rosa. Também tem outra que se veste de rosa e outro cara que se veste de azul. É tipo como se fosse a sociedade só de pessoas heterossexuais e fora dessa bola um cara vestido de mulher e do outro lado tem dois caras que são namorados, são homossexuais. Também tem duas mulheres homossexuais que são namoradas. E, também, tem uma mulher vestida de homem. Tipo, essa bola representa a heteronormatividade que são as regras que a sociedade impõe para que as pessoas sejam totalmente heterossexuais. Que homens quando nascem, tem que vestir azul...que a mulher quando nasce tem que vestir rosa. Tipo, o rosa vai representar que é mulher e o azul vai representar que é homem. Quando eu estava caminhando para esse lugar apareceu um problema. Eu não estava indo sozinha, tinham pessoas ao meu redor que estavam caminhando junto comigo para entrar dentro dessa bola, que é o lugar onde tem a heteronormatividade e essas pessoas que estavam junto comigo, elas não eram heterossexuais como eu. Elas eram bissexuais e tinham umas pessoas que eram homossexuais. E eu consegui entrar, mas elas não conseguiram, elas ficaram empantadas. Essa bola está totalmente bloqueada para elas, porque a sociedade não aceita. É como se fosse totalmente a regra. Tipo, a sociedade não aceita, critica, julga. Mas, as pessoas mesmo

sendo julgadas, elas escolheram a sua opção. Elas, meio que se sentiram constrangidas com isso, mas isso não empatou elas de ficarem com o seu próprio sexo, nem mudou a sua opinião. Para falar a verdade, nessa viagem que eu fiz para imaginar tudo isso eu não busquei ajuda e não teve nenhum tipo de ajuda porque é, realmente, como os dias de hoje... uma pessoa homossexual ou bissexual tem mais ajuda dos amigos, primeiramente, para superar isso... os pais muitas vezes não aceitam a opção. Tem uns que não aceitam de jeito nenhum e tem uns que demoram para aceitar... Foi bem complicado... o nome do meu retalho é espaço fechado, ou seja, fechado para aqueles que não são heteros. Tipo, bloqueado totalmente para eles. Viajar para esse lugar não foi uma sensação boa, porque é muito ruim você ter que... tipo assim, eu sou hetero, mas eu aceito a opção sexual das pessoas. Eu achei muito ruim ter viajado para esse lugar, porque esse lugar é totalmente bloqueado para as pessoas que são homossexuais porque nesse lugar existe somente as pessoas que estão incluídos na heteronormatividade, as outras ficaram totalmente de fora. Não que, talvez eles não pudessem entrar, mas sim porque a sociedade impõe regras... tipo, o homem é para a mulher e a mulher é para o homem, não pode gostar do próprio sexo. Tipo, elas julgariam... se as pessoas que ficaram do lado de fora entrassem, eles já iam olhar estranho, já iam julgar, criticar. No lugar da heteronormatividade os jovens podem fazer o que quiserem, mas sempre dentro desse lugar vai ter gente julgando, criticando diminuindo as pessoas. Elas vão sempre levar uma vida de preconceitos porque vão ter as regras de que elas têm que ser heterossexuais e elas não vão se adequar. Eu consegui entrar, mas eu senti um aperto no coração por ver que eu entrei, mas as pessoas que estavam comigo não entraram porque elas não são heterossexuais e outras não são totalmente heterossexuais. Eu fiquei triste porque elas não conseguiram entrar só porque são diferentes.

COPESQUISADORA PETER

Fotografia 22 - Retalho Sonho



Fonte: Dados da pesquisa

Então, aqui eu fiz um arco-íris. O nome do meu retalho é sonho. Porque sonho? Muitas pessoas sonham em encontrar um lugar que elas possam ser elas mesmas... O arco-íris está representando vários tipos de pessoas. Eu não sei porque, mas eu me imaginei dentro de uma biblioteca bem grande com vários livros. E eu estava andando...andando... e encontrava pessoas de todos os tipos e chegava um momento que eu encontrava uma pessoa que não aceitava as outras... ela representava todas as pessoas preconceituosas e ela não aceitava as outras pessoas, por isso o arco-íris. Esse foi o problema durante a viagem. Eu consegui passar a ponte e chegar ao lugar da heteronormatividade que era lá mesmo na biblioteca. Quando eu senti o pano foi como se fosse a ajuda. Nesse lugar viviam as pessoas que aceitavam como as outras pessoas são. Os jovens nesse lugar podem ser eles mesmos. Eles podem ser eles mesmos no sentido de uma mulher ser bissexual e ela poder ser ela mesma, gostar de mulher sem medo de pessoas

julgarem ela, sem que pessoas critiquem ela pela escolha dela. Eu não lembro de muita coisa da viagem... eu tive dificuldades... vi que muitas pessoas não iam me aceitar. Quando eu estava na ponte e olhei de longe o lugar eu vi que não iria ser aceita lá...

COPESQUISADORA ROSINHA

Fotografia 23 - Retalho Natureza

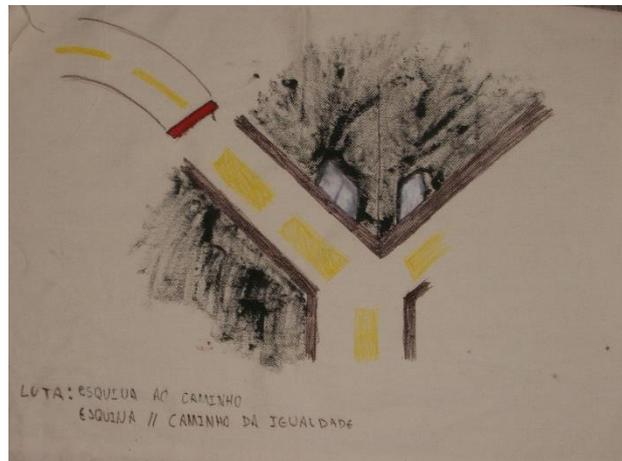


Fonte: Dados da pesquisa

Eu imaginei um lugar...um espaço muito verde... muito azul porque estava chovendo. Estava chovendo muito! Só que depois ficou ensolarado. Depois da chuva eu via muito verde. Antes estava muito seco, mas depois eu vi muito verde da chuva, né. Só que aí teve um problema, choveu demais e encharcou tudo. Estava, tipo, puxando as coisas e as pessoas que estavam querendo se salvar só que alguns não conseguiam, mas era um lugar muito bonito. Lá encheu demais. Eu consegui passar pela ponte com a ajuda dos meus amigos e um barco que tinha. Nesse barco, foi eu e meus amigos. Aí, quando eu estava fazendo essa travessia eu senti duas coisas ao mesmo tempo. Eu senti um desespero no momento, por a água estava arrastando tudo, mas ao mesmo tempo eu senti um alívio por estar dentro do barco e os meus amigos estarem junto comigo. Essa água arrastava as pessoas específicas, as homossexuais. Eu estava num lugar que ficava distante e eu queria salvar elas, só que não conseguia por causa da água. Por eu ter outra opção sexual elas estavam distantes de mim, porque eu sou heterossexual e elas não. Aí a água veio e puxou elas e eu tentava salvar... Com muita dificuldade consegui salvar elas e chegar até o lugar da heteronormatividade. Nesse lugar, cada um ficava no seu devido espaço, no seu devido lugar. O lugar da heteronormatividade era um lugar bonito, um lugar inexplicável um lugar que eu conseguia sentir muita paz. Nesse lugar, os jovens podem tudo. Tudo que eles quiserem ser, sem ter alguém para dizer que eles não vão conseguir ser o que quiserem ser, mas eles têm que seguirem as normas de lá para conseguirem ser o que quiserem ser.

COPESQUISADORA SADBOY

Fotografia 24 - Retalho Luta



Fonte: Dados da pesquisa

O título do meu retalho é luta e o subtítulo é esquina paralela à igualdade. Essa esquina representa uma sociedade preconceituosa... sem aceitação... uma sociedade como é hoje. Aqui é a ponte que está abreviada L.E que é Liberdade de Expressão, que leva ao caminho da igualdade. Que é um lugar sem preconceito e sem críticas que você pode, não fazer o que quiser, mas tipo ser o que quiser. Escolher seu próprio gênero, fazer suas próprias escolhas e pensar pela sua própria cabeça. Quando eu estava caminhando para esse lugar, o problema que surgiu foi o problema da eleição. Quando você falou na viagem sobre o problema, não sei porque veio o Bolsonaro. Aí eu vi a eleição como forma de uma vaga solução, não a certa, mas uma probabilidade. A estratégia para esse problema é o conhecimento... minha mãe fala que quando eu for votar é para eu estudar muito sobre os candidatos. Mas, não fugindo do tema, tipo a estratégia para enfrentar os problemas da heteronormatividade é o conhecimento, a história, o estudo que faz de você uma pessoa mais sensata. Porque o estudo sempre faz de você uma pessoa mais sensata, com a mente mais aberta. Quando eu estava na ponte que eu vi o lugar da heteronormatividade, eu vi um lugar igual a esse! Nada de natureza, nada de arco-íris, sol... eu nunca tinha parado para pensar sobre o mundo paralelo. Eu senti, não no momento, mas depois, uma reflexão sobre como poderia ser e como é a sociedade hoje. Hoje a sociedade é sem conhecimento, sem aceitação. Ainda, está se tornando uma sociedade que aceita algumas coisas com algumas figuras bem importantes... cantores homossexuais como Pablo Vittar e outros que estão deixando o mundo mais ciente que mesmo você sendo homossexual você pode ser como qualquer pessoa... que faça sucesso...que vença na vida. E a sociedade da ponte é uma sociedade imersa no mundo igual, na liberdade de expressão. A heteronormatividade são normas que você tem que seguir, normas impostas é como se fosse uma ditadura só que com outro sentido. E essa sociedade da ponte é um mundo sem essa definição de heteronormatividade.

COPESQUISADORA SILENCIADOR

Fotografia 25 - Retalho Vida



Fonte: Dados da pesquisa

O nome do meu retalho é vida. Eu fiz dois mundos. Quando a senhora falou para gente relaxar, eu literalmente relaxei... eu seguia caminhando para a ponte. Eu não pensei no problema em si quando eu estava caminhando... eu encontrei o problema quando eu passei da ponte que eu entrei no mundo da heteronormatividade. Heteronormatividade eu não sabia realmente o que era, o conceito. Mas eu imaginei que era um lugar que você não tinha direito de escolha sexual. Porque a pessoa ser heterossexual é gostar do sexo oposto, digamos... é a mulher gostar do homem e o homem da mulher, eu tendo assim. Então, nesse mundo da heteronormatividade as pessoas não tinham escolhas, elas tinham que seguir o que era dito. Eu fiz robôs porque, para mim, hoje em dia estão criando robôs, não pessoas em si. Estão criando máquinas para fazer outras máquinas, entendeu? E aqui sou eu! As pessoas querendo ou não, gostando ou não eu tenho minhas escolhas e eu faço elas. Aqui são os robôs, um homem e uma mulher. Eles não são, propriamente, culpados de serem assim, foi o que impuseram para eles anos atrás. Digamos que foi o que foi ensinado para eles. Eles não tinham escolha, mas só que eu... eu escolhi ser diferente. Eu escolhi seguir meu próprio caminho. Então, eu relevei os problemas da vida e olhei para cima. Eu vi além do que as pessoas me mostravam, além do que era imposto para mim. Não que eu seja uma rebelde, eu sou uma pessoa que tem opinião própria. Porque eu posso escutar uma opinião, mas eu posso distinguir o que eu quero, eu posso definir qual o caminho eu quero seguir. Porque eu sempre falo, há dois caminhos. Nós é que escolhemos se queremos seguir um caminho bom ou ruim. Mas o que é o caminho ruim? O caminho bom pra você pode ser um caminho ruim para mim, vai de cada um. Quando eu estava na ponte, que eu vi o lugar da heteronormatividade, eu vi um lugar escuro, um lugar que me calavam, um lugar que eu sofria, que eu não poderia me expressar. Já aconteceu isso comigo, mas eu sei da onde eu vim e eu sei que eu não aguentaria ficar num lugar assim, mesmo que eu viva ele hoje em dia. Nesse lugar o jovem só pode ficar calado e aceitar o que as pessoas impõe a ele e ele não pode ser ele mesmo. Se ele falar o mundo cai em cima dele. Não só em questão de sexo, mas de religião, etc. A estratégia que me ajudou foi olhar para o eu, por que muitas vezes a gente tenta se espelhar no outro e, eu acho, que nós temos que ser nós mesmos e viver a nossa vida, não que você seja egoísta, de modo algum. A pessoa olhar pra si, não quer dizer que ela não possa olhar para próximo também. A vida não é fácil, sempre atravessaremos uma ponte que nos levará a um caminho escuro, um caminho de solidão, um caminho de normas, mas sempre

podemos encontrar também um caminho do bem, um caminho que podemos ser nós mesmos, que teremos liberdade para impor nossos direitos, porque só seguimos... só seguimos o que as pessoas impõem pra gente, mas a gente nunca consegue ser exatamente nós mesmos. Nós tentamos, chegamos a ser um pouco, mas não totalmente, porque sempre vai ter alguém para dizer o que a gente deve fazer. Sim... devemos ter orientações, mas devemos ter nossas próprias escolhas. Escolhas do que falar, do que vestir, com quem se relacionar, do que acreditar e é isso.

Depois que todas/os finalizaram suas falas, fizemos um pequeno intervalo para o lanche e para ir ao banheiro. Após os 15min., destinados à estas ações, iniciamos o segundo momento de produção da oficina. Assim, às 10h:30min, solicitei que construíssem, unindo os Retalhos e fixando-os ao suporte de madeira, o Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade e que deveriam dar um nome para ele. Para isto, deveriam olhar o Estandarte, pensar sobre os elementos que estavam nele, observar todos os bordados (desenhos), os nomes e pensar no ser jovem em meio aos lugares da heteronormatividade criados por cada uma/um, percebendo as dificuldades e as estratégias. Na hora da produção, foi combinado com as/os jovens de usar o corpo sem falar. Deste modo, não poderiam conversar, nem verbalizar e planejar em voz alta.

É importante destacar, que neste processo de construção do Estandarte, a costura foi realizada somente pelas meninas, pois os meninos, alegando não saber costurar se dedicaram apenas a tarefa de montar o suporte do Estandarte. Fato que me fez refletir sobre os modos de ser homem e ser mulher e sobre os papéis que devem ser desempenhados por cada uma/um em nossa sociedade de acordo com o masculino e o feminino. Sobre essa questão, Butler (2016, p. 241) explica que

Os vários atos de gêneros criam a ideia de gênero, e sem esses atos não haveria gênero algum, pois não há nenhuma “essência” que ele expresse ou exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire, bem como não é um dado de realidade. Assim, o gênero é uma construção que oculta normalmente sua gênese; o acordo coletivo tácito de exercer, produzir e sustentar gêneros distintos e polarizados como ficções culturais é obscurecido pela credibilidade dessas produções – e pelas punições que penalizam a recusa a acreditar neles; a construção “obriga” nossa crença em sua necessidade e naturalidade.

Neste contexto, patriarcalista e machista, a mulher é educada desde criança para ser a mulher do lar e o homem, por sua vez, para ser o provedor dos recursos da casa, ou seja o homem do trabalho. Condição que ficou evidente, para mim, na conduta dos jovens durante a

construção do Estandarte, pois mesmo sendo convidados a costurar por diversas vezes, resistiram alegando que esta atividade era coisa de menina e que, portanto, as meninas tinham mais jeito para realizá-la.

Assim, ao final da costura e montagem do Estandarte, formamos um círculo com todos em pé e fizemos um ritual em que cada jovem criou um movimento dançante, relacionado ao Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade. Quando todas/os finalizaram este momento de experimentação, ainda em forma de círculo, sentamos no chão e abrimos a Roda de Conversa. Iniciei fazendo as seguintes questões disparadoras: O que é o Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade? O que pode o seu corpo quando segura o Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade? O que o Estandarte tem a ver com o ser jovem em meio à heteronormatividade? A partir destes disparadores, criados em orientação para que pudessemos ver as possibilidades da técnica, deixei a conversa fluir e o grupo falou livremente sobre essa vivência relacionando o Estandarte com o tema-gerador. A seguir, apresento o Estandarte Visões de um novo mundo e o relato oral do grupo-pesquisador sobre este momento.

Fotografia 26 - Estandarte visões de um novo mundo



Fonte: Dados da pesquisa

RELATO ORAL DA PRODUÇÃO COLETIVA

Fazer esse Estandarte foi interessante que nem a primeira técnica, só que nós todos temos dificuldade em ficar em silêncio, mas enfim... foi muito bom a gente expor as nossas ideias e juntar todas. Tipo, como fala... a união faz a força e que a gente possa ser sempre assim, cada qual com sua ideia, mas sempre respeitando a do próximo. Esse Estandarte representa a junção de ideias, objetivos e ao todo a esperança de um mundo normal sem a heteronormatividade. Ao segurar esse Estandarte eu senti a liberdade em minhas mãos, não só a liberdade, mas como se eu pudesse segurar algo irreal, entendeu? Algo que existe só nas nossas imaginações. Quando seguro esse Estandarte o meu corpo pode ir além do limite dele, pode ir além das normas. Esse Estandarte tem a ver com o ser jovem porque tem o desejo de ser ele mesmo, direito de sonhar mais, de ter voz na sociedade. O nome dele representa todos nós que tem uma visão de um novo mundo, de um mundo novo com a gente dentro dele, não só fantoches guiados por outros, mas a gente mesmo com nossas próprias pernas caminhando. Tendo vontade e realizando. Fazer o Estandarte foi uma experiência muito boa porque todos nós estamos reunidos em um grupo, no qual todos nós temos nossas opiniões, saberes, conhecimento... cada um com seu ponto de vista conseguiu construir esse Estandarte. Cada um de nós expomos nossas ideias para mostrar para sociedade que cada um de nós temos direito de voto...de voz na sociedade...nossas preferências...nossas opções...nossos sonhos. Nós expomos nossa imaginação em busca de um mundo melhor para todos nós, que cada um de nós podemos ter nossas próprias opiniões e nossas próprias decisões sem que os outros atrapalhem nossas opções, nossos desejos, nossos caminhos e nossas escolhas. Quando eu segurei esse Estandarte eu senti a sensação de melhoria para o mundo. É como se eu tivesse mudando, fazendo do mundo um lugar melhor para que cada um de nós pudesse tomar suas próprias decisões, escolher o que quisesse ser e seguir o caminho que quisesse. Foi muito bom ter feito essa experiência porque cada um foi ajudando o outro e absorvendo mais conhecimento... a imaginação, as ideias... foi uma experiência muito boa que ao mesmo tempo ensinamos e aprendemos juntos. Foi bom trabalhar em equipe, trabalhar em grupo. Só não foi bom a parte de ficar calado que é uma coisa que eu não consigo. Esse Estandarte representa um mundo novo. Sem preconceitos, um mundo sem te difamar, sem te dizer o que você pode ser e o que você não pode. Sem te dizer: ah você pode fazer isso porque você é mulher ou ah você não pode fazer isso porque você é homem. Representa a gente ter direitos iguais. A gente ter voz e vez na sociedade. Quando eu segurei esse Estandarte eu me senti bem porque a realidade que a gente está passando hoje é de muito preconceito não só pela cor ou pela opção sexual, mas por tudo. Quando seguro esse Estandarte eu tenho liberdade. O jovem deve ser mais liberto, porque hoje ele está muito preso a uma voz, ele está muito preso a uma sociedade de muito preconceito e muita poluição, não só fisicamente, mas mentalmente pelo falar também. Pra mim essa experiência foi muito boa porque ajudou a gente a se conhecer e ajudar um ao outro a se expressar e a soltar aquilo que estava preso dentro da pessoa. O Estandarte visões de mundo serve para demonstrar aos jovens que eles não precisam ter medo de se expressar, de ser liberto. Porque hoje, como ela disse, somos muito presos por causa do preconceito e todas essas coisas. Então, nós não precisamos ter medo de nos expressar. Quando eu segurei o Estandarte me deu um certo alívio, foi algo que me alegrou muito porque quando eu fiz isso eu pude tirar um pouco o que estava preso dentro de mim, que estava engasgado, que não deixava eu me expressar. Aí eu acabei jogando tudo para fora quando segurei o Estandarte. Quando o meu corpo segura o Estandarte ele dá incentivo a outros jovens se expressarem também. Dá incentivo a outros jovens deixarem de ficarem presos e começarem a jogar suas ideias pra fora, para o mundo... esse Estandarte mostra a realidade de cada um. Mostra que existem várias pessoas, mas que nenhuma é igual, cada um tem uma história e cada um tem um tipo de viver. Esse nome do Estandarte... visões de um novo mundo...é tipo porque muitas pessoas pensam só com elas mesmas, como poderia ser um novo mundo, cada um dá sua própria forma. Por isso que tem muitas ideias divididas. Eu acho que as pessoas deveriam se juntar. Os jovens, os adultos, os idosos poderiam se juntar mais para resolver os problemas sociais, o preconceito racial, o preconceito religioso, o preconceito da escolha sexual de cada um... preconceitos de várias formas. Porque existe preconceito na forma que você se veste, na forma que você anda, nas músicas que você escuta, com quem você anda, com quem você deixa de andar. Se cada um juntasse um pedacinho para resolver esses problemas o mundo poderia ser melhor. Na verdade, montar esse Estandarte foi difícil porque costurar, essas coisas... não é fácil. Mas, tirando essa parte de montar, foi uma experiência legal pela união de cada um, pelo pouco que alguém fez, mas conseguiu chegar ao resultado. Quando a gente estava fazendo o Estandarte eu senti um certo alívio, não sei... quando eu segurei o Estandarte foi como se eu carregasse um peso, não só fisicamente. Porque cada um tem seu

modo de pensar, seus desejos... foi um peso de muitas histórias...Fazer esse Estandarte foi muito bom, porque a gente pode ver cada um botando para fora tudo aquilo que sente e pensa no dia a dia. O que gostaria de mudar na sociedade de hoje. Agente percebe que cada um quer mudar muita coisa nos dias de hoje. Coisas que a gente não gosta, como o preconceito em todos os aspectos e muitas coisas ruins que acontecem e a gente vê e não gosta e gostaria de mudar. Segurar esse Estandarte traz esperança de mudar tudo isso que já foi dito. Que não continue esse mundo como é hoje, preconceituoso e cheio de coisas ruins. Que algum dia isso mude e que melhore. Que tenha visões de um novo mundo, um mundo melhor, sem preconceito, nem normas que dizem como cada um deve ser e agir. Eu gostei muito da experiência porque cada um mostrou aquilo que gostaria de mudar. Ao fazer esse Estandarte eu me senti bem, porque eu pude mostrar a minha visão do que eu quero que mude, principalmente o preconceito contra as pessoas. Quando a gente segura esse Estandarte parece que está abrindo novos caminhos. Caminhos de paz, amor e liberdade para sermos o que somos.

Finalizado este momento, todas/os foram convidadas/os a escrever no Diário de Itinerância sobre os Retalhos, o Estandarte e o que observaram do pensamento do grupo-pesquisador sobre o tema-gerador: O ser jovem em meio à heteronormatividade. A seguir, exponho trechos do diário do grupo-pesquisador sobre a experiência vivida.

Diário do grupo-pesquisador sobre a experiência de produzir os Retalhos e o Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade

Teresina-PI, 06 de abril de 2018

Hoje foi um dia cheio de conhecimentos e ideias. Todos nós bordamos em retalhos, aplicando nossa imaginação através de uma viagem imaginária. Usando ideias de como é viver em meio à heteronormatividade. Foi uma experiência boa e interessante. Nada melhor que estar ligado a um grupo que nos deixa falar...que temos voz para opinar sobre nossos gostos, saberes, o nosso ponto de vista em relação a heteronormatividade que nos impõem regras na sociedade. (Grupo-pesquisador).

Foi marcante observar o envolvimento, a dedicação e o compromisso das copesquisadoras e dos copesquisadores em todas as atividades propostas durante as oficinas e muito gratificante, perceber que a pesquisa atravessou cada jovem e que já causa efeitos em suas falas de desejos, desabafos e denúncias, que além de expressadas foram escutadas e levadas a sério nesta pesquisa. Na próxima subseção, apresento as análises das imagens e dos relatos orais feita pelas copesquisadoras e pelos copesquisadores.

4.2 Oficina de análise pelas copesquisadoras e pelos copesquisadores

Após estes movimentos de negociar, instituir o grupo-pesquisador e realizar as produções plásticas e os relatos orais, realizei a *oficina de análise pelas copesquisadoras e pelos copesquisadores*, atividade em que é feita a análise coletiva das produções plásticas e dos relatos orais da pesquisa. “Com efeito, deve ficar evidente que o objetivo da Sociopoética é a

descoberta da estrutura do pensamento do grupo na sua heterogeneidade e não realização de análises individualizadas” (PETIT, 2014, p. 35). Deste modo, seguindo as orientações da profa. Shara Jane para este momento, atentei-me a não traçar o caminho que as copesquisadoras e os copesquisadores iriam percorrer, deixando-os livres para que criassem seus próprios procedimento de sistematização e análise.

Deste modo, as/os jovens observaram suas falas transcritas e as imagens das produções plásticas e, em seguida, dialogaram entre si sobre o que estavam sentindo e compreendendo. Ao final, construíram poemas com suas análises que apresento logo após a descrição da oficina.

4.3 Análises das produções plásticas e dos relatos orais pelas copesquisadoras e copesquisadores: Técnica Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade

Munida dos relatos orais devidamente transcritos e das imagens das produções plásticas das duas técnicas, no dia 16 de maio de 2018, às 7h30, cheguei à escola para realizarmos a *oficina de análise pelas copesquisadoras e pelos copesquisadores*. Assim, depois de organizar a biblioteca para receber as/os jovens, às 8h em ponto iniciamos o acolhimento das 7 pessoas presentes, pois, desta vez, quem faltou, por motivos pessoais, foi a copesquisadora Rosinha.

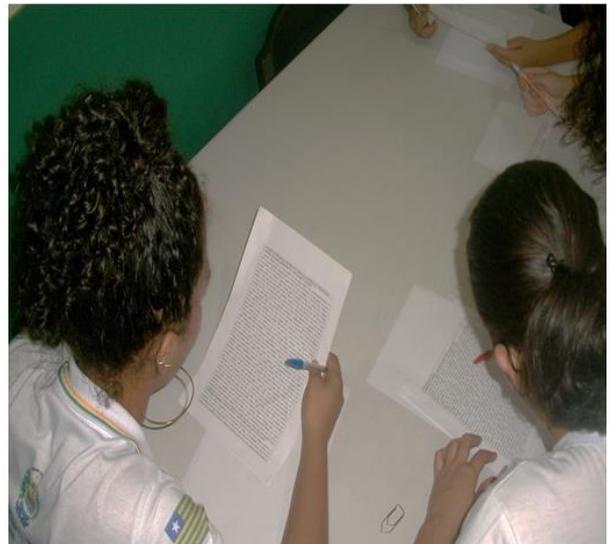
Seguindo na oficina, com o intento de que todas/os ficassem cansadas/os e com as mentes possivelmente vazias, leves e abertas para os acontecimentos que estavam por vir fizemos os seguintes exercícios corporais: 1. Caminhar rápido e devagar, no plano alto, médio e baixo, batendo palmas e de costas; 2. Escolher alguém para cumprimentar de forma diferente com os pés, com as costas ou até mesmo com as mãos, de modo que causasse estranhamento; e 3. Respirar profundamente, parar, sentar, deitar chão de rosto para cima, colocar as mãos na boca do estômago, acompanhar os movimentos da respiração e preparar-se para a viagem imaginária:

Você vai viajar agora para o dia 06 de abril de 2018, o dia da oficina de produção dos dados na qual fizemos uso da técnica *Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade* que se desdobrou em *Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade*, realizada na biblioteca do CETI - Professora Maria da Conceição Salomé. Procure lembrar a partir da hora que acordou... Respire... Reconstrua cada passo, cada coisa que fez ao sair de casa, com que roupa você saiu... Respire..., como estava este dia? Você lembra se ocorreu algo ou alguém especial até chegar ao local da oficina? O que você sentiu ao chegar neste local? Pense nas pessoas que estavam com você, cada uma... Consegue recordar o que

viveu? Pense no que você experienciou...respire. O que teve de importante naquela manhã? Respire profundamente... Que momentos daquela manhã foram especiais? Que sentimentos ficaram em você? Respire... Respire profundamente... Abra os olhos...Sente-se e permaneça em silêncio.

Após estes movimentos, às 9h, as/os jovens foram convidadas/os a formar um círculo. Dentro do círculo, foram colocadas as transcrições dos relatos orais e as fotos das produções plásticas da técnica *Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade* e seu desdobramento *Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade*. Expliquei que as análises seriam feitas em dois momentos (um para a primeira técnica e um para a segunda, ou seja o desdobramento). Destaquei que elas e eles deveriam se dividir em dois grupos (um com três pessoas e um com quatro), observar as falas, as imagens e dialogar entre si sobre o que estavam sentindo e que ao final, deveriam construir um texto em forma de música, poema, paródia, *rap*, dentre outros de sua preferência trazendo os sentidos produzidos nos confetos. Muitos franziram a testa e disseram que não sabiam como fazer isso, então pedi que buscassem a sua própria metodologia de análise, que procurassem o que havia de comum e de diferente nas falas e nas imagens e percebessem as metáforas em seus relatos ou mesmo nos nomes escolhidos para os Retalhos e para o Estandarte.

Fotografia 27 – Jovens analisando as imagens e os relatos orais da primeira técnica



Fonte: Dados da pesquisa

Depois de formados os grupos, as copesquisadoras e os copesquisadores negociaram entre si que o grupo que analisasse as transcrições dos relatos orais da primeira técnica ficaria responsável por analisar as imagens da segunda técnica e vice versa. Deste modo, após as

análises puxamos as cadeiras, formamos um círculo e os dois grupos apresentaram suas análises.

O primeiro grupo a apresentar foi formado pelas copesquisadoras Triste-Feliz, Potter, Silenciador e Esperança (que não participou da oficina de produção dos dados). Elas ficaram responsáveis por analisar os relatos orais da técnica *Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade* e desenvolveram suas análises a partir do poema que apresento abaixo:

Um novo jeito de falar

O texto de cada jovem
Se baseia na heteronormatividade
São textos diferentes,
Mas que mostram a realidade.
Todos tiveram dificuldade
Quando foram opinar
Mas, com a heteronormatividade
Não é fácil se lidar.

Cada texto uma história
Revelando suas vidas
Revelando o passado
E o que eles temiam.

Um jeito novo de falar
O seu modo de pensar,
Tão novos e tão decididos
A heteronormatividade enfrentar.

A união faz a força
E com essa força podemos lutar
Para um mundo melhor conquistar.

Com respeito e humildade
Nossas escolhas tomar.
Ser quem somos de fato
Sem medo da vida enfrentar.

(Triste-Feliz, Potter, Silenciador e Pequehucha)

O segundo grupo a apresentar, foi formado pelos copesquisadores Depressivo, Sadboy e Peter que ficaram responsáveis por analisar as imagens das produções plásticas da técnica *Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade*. Também, desenvolveram suas análises por meio de um poema:

Não apenas borrões

Não apenas uns desenhos,

Cada um tem uma história, um legado.
 Não apenas borrões,
 Cada vida tem um significado.

Não apenas uma pesquisa,
 Vivemos intensamente cada momento.
 Não apenas jovens,
 Também temos sentimentos.

Não apenas uns desenhos,
 Cada um expõe um problema social.
 Não apenas borrões,
 Necessitamos de um país igual.

Não apenas momentos,
 Vivemos intensamente cada intriga.
 Não apenas pesquisadoras,
 Também viraram nossas amigas.

(Depressivo, Sadboy e Peter)

Finalizado este momento, fizemos uma pequena pausa ir ao banheiro e fazer o lanche coletivo. Em seguida, as copesquisadoras e os copesquisadores realizaram as análises da segunda técnica que serão apresentadas na subseção seguinte.

4.4 Análises das produções plásticas e dos relatos orais pelas copesquisadoras e copesquisadores: Técnica Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade

Seguindo o combinado, depois de nossa pausa, as copesquisadoras e os copesquisadores iniciaram as análises do desdobramento da primeira técnica *Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade*, na qual criaram o Estandarte visões de um novo mundo. Assim como na análise da primeira técnica, puxamos as cadeiras e em uma roda de conversa cada grupo apresentou aos demais as produções das suas análises.

Fotografia 28 – Jovens analisando as imagens e os relatos orais da segunda técnica



Fonte: Dados da pesquisa

O primeiro grupo a apresentar foi formado pelas copesquisadoras Triste-Feliz, Potter, Silenciador e Esperança que, desta vez, ficaram responsáveis pela análise das imagens das produções plásticas da técnica citada acima e produziram o seguinte poema:

Estandarte

O modo de se expressar
Sem precisar falar.
Mostrando a opinião de cada um
Sem ter medo das críticas chegar.

Jovens, cada qual com
Seu modo de pensar.
Para um só objetivo e caminho traçar.

Orientados e não obrigados
A tomar decisões que
Não condizem
Com o seu gostar.

Ser quem somos
Sem medo de nos expressar.
Aprendendo a amar
E respeitar cada escolha
Que o próximo tomar.
Vivendo em um mundo
Que cada dia pode melhorar.

Sonhamos com um mundo
Que possamos ter
Sorrisos no olhar.
E possamos as máscaras tirar

E viver intensamente
Com o brilho no olhar.

(Triste-Feliz, Potter, Silenciador e Pequehucha)

O segundo grupo a apresentar foi formado pelos copesquisadores Depressivo, Sadboy e Peter, que analisaram os relatos orais da técnica *Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade*. Produziram o seguinte poema:

Arte com sentimento: pense

Não queria fazer isso
Mas precisamos fazer uma apelação.
Não precisamos de mais pensadores
Nós precisamos de mais coração.

Não precisamos de mais homofóbicos,
Mas a homofobia tem ganho adeptos.
Não precisamos de mais homofóbicos,
Precisamos que os jovens sejam aceitos.

Não precisamos de mais homofóbicos,
Precisamos de aceitação.
Não precisamos de mais homofóbicos,
Precisamos de comunhão.

Cada história uma vida
Cada vida uma história
Cada batalha uma ferida
Cada conquista uma vitória.

(Depressivo, Sadboy e Peter)

Assim, depois da apresentação das análises, todas/os foram convidadas/os a escrever no diário de itinerância sobre a experiência de analisar as produções orais e plásticas produzidas pelo grupo. A seguir exponho trechos dos diários da copesquisadora Potter e do copesquisador Depressivo sobre a experiência de rever suas falas e imagens de suas produções plásticas.

Diário da copesquisadora Potter e do copesquisador Depressivo sobre a experiência de analisar os dados da pesquisa

Teresina-PI, 16 de maio de 2018

Voltando a ver minha fala da oficina anterior, fiquei bastante emocionada, não só pela minha fala, mas também pela fala dos outros alunos. Antes eu tinha uma visão da heteronormatividade, como se fosse uma coisa boa, mas a verdade não é uma coisa boa e sim uma coisa ruim. Aprendi muito sobre o assunto e gostaria de aprender mais, pois sempre é bom nos aprofundarmos em um determinado assunto quando não sabemos muito sobre ele.

Também matei a saudade que estava das meninas que estão fazendo a pesquisa com a gente, pena que não vai durar muito. Mais vale o momento que passamos juntas. Agradeço desde já. (Copesquisadora Potter).

Hoje pude ter o conceito certo sobre heteronormatividade. Antes pensava que a heteronormatividade era uma coisa boa para a sociedade, mas depois de um diálogo em grupo pude ter um conceito exato sobre heteronormatividade. Algo que eu pensava ser bom, na realidade não é. Estou amando essa pesquisa por estar aprendendo coisas novas, conhecendo melhor as pessoas, podendo me expressar...obrigada por tudo. Sempre agradecerei por tudo que vivi nas oficinas. Refleti em cada palavra, desenho, pensamento e consegui entender, realmente, como é ser um jovem em meio à heteronormatividade. (Copesquisador Depressivo).

Estes relatos escritos, no Diário de Itinerância, revelam a força do grupo-pesquisador e da produção coletiva de conhecimento e mostram que antes de iniciarmos as oficinas, alguns jovens não conheciam o significado do termo heteronormatividade e que, a partir das vivências nas oficinas tiveram a oportunidade de criar seus conceitos e perceber o que é e como a heteronormatividade opera em nossa sociedade.

Quando todas/os finalizaram seus registros no Diário de Itinerância, convidei o grupo a segurar a mão um do outro e formar um círculo de mãos dadas, então todas/os juntas/os nos abraçamos coletivamente e finalizamos a oficina. Entretanto, após este momento, para minha surpresa, as/os jovens solicitaram um tempo para conversa, pois gostariam de falar sobre suas vidas depois que começaram a participar da pesquisa. Foi um momento de desabafo e agradecimento por todos os aprendizados conquistados durante nossos encontros.

Este acontecimento, me levou a refletir, mais uma vez, sobre o desejo juvenil de voz, o desejo de expor as ideias, as demandas, as vontades, os sonhos e, principalmente, o desejo de serem escutados e levados a sério dentro de sua lógica discursiva. Em suas falas, as copesquisadoras e os copesquisadores relataram a importância de serem vistos para além de uma idade ou fase da vida, a importância de terem suas ideias respeitadas e de serem vistos, na pesquisa, como indivíduos críticos e não seres alienados a quem é destinado obedecer e seguir regras determinadas, por meio de normatizações e sistemas disciplinares em vigor em nossa sociedade.

Depois disso, expliquei que ficaria um tempo sem as/os ver, pois agora seria a minha vez de analisar as produções e que em breve marcaria a data da oficina de contra-análise para apresentar as minhas análises dos relatos orais das duas técnicas. Na seção seguinte, apresento como fiz as análises classificatórias dos relatos orais das duas técnicas.

5 COSTURA ANALÍTICA: CARTOGRAFANDO O PENSAMENTO DO GRUPO-PESQUISADOR

Depois de realizadas as análises pelas copesquisadoras e pelos copesquisadores, a facilitadora também realiza sua própria análise dos relatos orais do grupo-pesquisador, em busca das linhas que transcorrem o pensamento que foi produzido diante do tema-gerador. De acordo com Gauthier (2010, p. 18) este é o ponto mais exigente e complexo da investigação, pois

Se a Sociopoética é prazerosa e lúdica, ela também exige muito, pois a diversidade e complexidade dos dados criados geralmente superam muito aquilo que se encontra com técnicas convencionais. Os facilitadores não produzem dados. O seu papel é cuidar do dispositivo de pesquisa (favorecer a implantação do grupo-pesquisador, ser guardiãs do tempo, garantir a igualdade no seio do grupo, enfrentar o imprevisto com criatividade, etc.) e de fazer o que os demais membros do grupo não têm disponibilidade e/ou competência e/ou interesse de fazer: um estudo atento, rigoroso e preciso na solidão, de como se organizam os dados de pesquisa.

Questiono-me: como fazer este mapeamento? Deste modo, na tentativa de responder tal pergunta, bem como situar a leitora e o leitor sobre meu percurso de análise, traço, logo a baixo, um diagrama com explicação sintética do caminho percorrido por mim nos processos da análise categorial e dos estudos transversais.

Ilustrativo dos processos das análises e da contra-análise

PRIMEIRO MOMENTO:

-Organização dos relatos orais

Organizei os relatos orais transcritos da técnica *Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade* e do seu desdobramento *Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade* para o momento da análise classificatória e dos estudos transversais.

SEGUNDO MOMENTO:

-Análise classificatória dos relatos orais

Nesse processo de análises, com os relatos orais transcritos das duas técnicas em mãos, realizei junto com minha orientadora o mapeamento para a classificação das ideias em categorias. Em seguida, realizei o cruzamento entre as ideias, por meio de oposições, convergências, divergências e ambiguidades contidas nas categorias.

TERCEIRO MOMENTO:

-Estudos Transversais

Utilizando-me dos resultados da análise classificatória dos relatos orais, produzi dois textos transversais: *Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte I – A descoberta)* e *Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte II – O retorno)* que foram utilizados na oficina de contra-análise.

QUARTO MOMENTO:

-A contra-análise

Realizei em momento posterior às análises e à produção dos textos transversais. Esse momento foi para a apresentação das minhas análises dos relatos orais para que o grupo-pesquisador confirmasse ou refutasse as análises feitas por mim, facilitadora da pesquisa.

Neste percurso de análise das produções plásticas e dos relatos orais, tive muitos encontros, desencontros e dificuldades. Tive que ler e reler o mesmo material incontáveis vezes para conseguir compreender como o grupo-pesquisador pensa o ser jovem em meio à heteronormatividade e assim construir os textos transversais com o meu entendimento deste

pensamento. Assim, impulsionada pelo anseio de apresentar esse entendimento e de como me envolvi nessa experiência de análise, apresento, a seguir, o caminho que percorri neste processo para dar visibilidade ao pensamento do grupo-pesquisador sobre o tema-gerador: *O ser jovem em meio à heteronormatividade*. Descrevo agora, a análise classificatória produzida a partir dos relatos orais da técnica *Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade*.

5.1 Análise classificatória entre categorias classificadas nos relatos orais produzidos na Técnica Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade

Conforme já foi mencionado, o processo de análise das narrativas é a fase mais exigente e complexa durante uma pesquisa sociopoética. Neste sentido, não existe uma receita ou um manual para se aprender Sociopoética, pois o processo é vivencial e acontece na imanência das relações constituídas no território da pesquisa.

Deste modo, no processo de análise dos dados produzidos nas oficinas sociopoéticas, vivenciei a singularidade da análise com essa abordagem. Travei diante de tudo que foi produzido, emaranhei-me no coletivo de saberes e realizei um estudo atento, rigoroso e preciso, na solidão de como se organizam os dados originários da pesquisa (GAUTHIER, 2012).

Assim, partir de agora, deter-me-ei aos procedimentos de análise dos relatos orais das narrativas oriundas da técnica *Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade*. Destarte, com as transcrições dos relatos das copesquisadoras e dos copesquisadores em mãos o primeiro momento foi para realizar a análise classificatória, na qual fiz uma leitura cuidadosa de todos os relatos e mapeei as categorias, identificando-as por um numeral comum sempre que se repetiam nos relatos e marcando-as de cores variadas, para separá-las entre si, conforme Apêndice E. Com todos os relatos orais foram realizados estes procedimentos que deram origem a 05 categorias que apresento no quadro logo abaixo:

Quadro 1 - Categorias levantadas da técnica Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade

TÉCNICA	CATEGORIAS
Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade	1 Ideias e conceitos do ser jovem em meio a heteronormatividade
	2 Problemas do ser jovem em meio a heteronormatividade
	3 Estratégias criadas pelas/os jovens deste espaço escolar frente aos problemas vivenciados em meio a heteronormatividade
	4 Lugares da heteronormatividade

Fonte: Dados da pesquisa

Depois que mapeie todas as categorias, organizei as ideias enumerando-as em sequência e, em seguida, comecei o estudo atento e rigoroso dos relatos orais. Nesse processo, Gauthier (2012, p. 92) assevera que “sempre lidamos com a hipótese de que o grupo-pesquisador é um ser só, um filósofo. Não se trata de descobrir *o que* pensa esse filósofo, mas *como* ele pensa. Realizar um mapa desse cérebro!” (Grifos do autor). Nessa fase, as narrativas foram misturadas, de modo que as falas perderam a identidade da autoria de cada relato. Assim, o pensamento do grupo-pesquisador foi se apresentando por caminhos diversos até começar a ganhar forma (ver no Apêndice F o exemplo de uma categoria mapeada e organizada no processo de análise).

Depois de ter organizado e enumerado as ideias sequencialmente em suas respectivas categorias, iniciei os seus cruzamentos a partir de suas complementaridades, divergências, oposições e ambiguidades, cartografando e transversalizando o pensamento do grupo-pesquisador sobre o tema-gerador *O ser jovem em meio à heteronormatividade*, conforme apresento no Apêndice G. É após o cruzamento entre as ideias das categorias mapeadas que surgem os confetos. Assim, o pensamento do grupo-pesquisador deu vazão aos seguintes confetos:

1. Planeta-ponte-Liberdade de Expressão da heteronormatividade
2. Passado do ser jovem em meio à heteronormatividade
3. Mundo-esquina-paralela
4. Ditadura-da-heteronormatividade
5. Ser-jovem-fora-da-bola-espaco-fechado
6. Ser-jovem-problema em meio à heteronormatividade
7. Problema-trava-do-ser-jovem em meio à heteronormatividade
8. Impedimento “X” -do-ser-jovem em meio à heteronormatividade
9. Caminho-ajuda
10. Estratégia-olhar-eu

Na subseção seguinte, continuarei tratando da análise classificatória, mas, desta vez, relacionada aos relatos orais produzidos na segunda técnica *Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade*, realizada como desdobramento da técnica anterior.

5.2 Análise classificatória entre categorias classificadas nos relatos orais produzidos na Técnica Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade

Como desdobramento da técnica Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade, utilizei a técnica Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade, que assim como a primeira fez emergir problemas e conflitos e, foi tratada com os mesmos procedimentos descritos e explicados na subseção anterior. Deste modo, nesta subseção repetirei todos os procedimentos utilizados no processo da análise classificatória. Com cuidado, esclareço que essas análises foram realizadas separadamente, pois cada técnica apresenta elementos e, em alguns casos, categorias diferentes.

Como no exemplo do que foi feito na técnica Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade, com as transcrições dos relatos das copesquisadoras e dos copesquisadores em mãos, fiz uma leitura cuidadosa de todos os relatos e mapeei as categorias, identificando-as por um numeral comum sempre que se repetiam nos relatos e marcando-as de cores variadas, para separá-las entre si. Com todos os relatos orais foram realizados estes procedimentos que deram origem a 03 categorias que apresento a seguir:

Quadro 2 - Categorias levantadas da técnica Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade

TÉCNICA	CATEGORIAS
Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade	1 Sensações da experiência de montar o estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade
	2 Conceitos do Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade
	3 Potências do ser jovem ao segurar o estandarte

Fonte: Dados da pesquisa

Assim como aconteceu na primeira técnica, depois que mapeie todas as categorias, organizei as ideias enumerando-as em sequência e, em seguida, comecei o estudo dos relatos orais. Depois das ideias estarem organizadas e enumeradas sequencialmente em suas respectivas categorias, assim como na primeira técnica, realizei os seus cruzamentos a partir de suas complementaridades, divergências, oposições e ambiguidades, cartografando e transversalizando o pensamento do grupo-pesquisador sobre o tema-gerador. Após o cruzamento entre as ideias das categorias, que surgiram no processo de análise dos relatos orais, o pensamento do grupo-pesquisador deu sentido aos seguintes conflitos e problemas identificados abaixo:

1. Estandarte-junção-cada-um-da-sua-própria-forma
2. Estandarte-jovens-libertos
3. Sensação-em-grupo-aprende-ensina-solta-aquilo-que-tá-presos
4. Sensação-botar-para-fora-minha-visão
5. Sensação-dificuldade-em-ficar-em-silêncio
6. Potência-liberdade
7. Potência-esperança-melhoria-para-o-mundo

Após realizar a categorização e os cruzamentos dos relatos orais produzidos nas duas técnicas, iniciei os estudos transversais, momento que exige do/a pesquisador/a um olhar de sensibilidade e uma percepção do que é estranho nos dados, nos problemas e nos conflitos gerados. De acordo com Vieira (2018, p. 243), “nos estudos transversais, as categorias são transversalizadas e buscam as linhas de constituição do pensamento do grupo-pesquisador para além do tema-gerador”. Ou seja, esses estudos transversalizam os dados da pesquisa que foram separados pela análise classificatória de modo a realçar o pensamento do grupo sobre o tema-gerador.

Desse modo, transversalizei as ideias, os conceitos e os problemas que mobilizaram o pensamento do grupo-pesquisador perante o tema-gerador trabalhado, colocando-os em diálogo com os teóricos cujas obras são referências deste trabalho. Em seguida, na tentativa de apresentar o resultado dessa transversalização de maneira lúdica e literária ao grupo-pesquisador no momento da contra-análise, produzi dois contos com esses resultados: *Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte I – A descoberta)* e *Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte II – O retorno)*. Na sequência, apresento o resultado desse movimento.

6 COSTURA EM ZIGUEZAGUE: ESTUDOS TRANSVERSAIS E CONTRA-ANÁLISE

Neste momento, faço uma sistematização dos fluxos e das intensidades produzidas nas experiências com as/os jovens do Centro de Ensino em Tempo Integral - CETI Profa. Maria da Conceição Salomé. Devo realçar que como se trata de uma produção de dados muito ampla e complexa, usei como critério de seleção dos relatos orais a intensidade do problema e do confeto que mais tocou as copesquisadoras e os copesquisadores na experiência. Neste sentido, intenciono mostrar as fricções e as fissuras acerca do tema-gerador *O ser jovem em meio à heteronormatividade*, apresentando como as/os jovens pensam este tema e as dimensões que este pensamento possui.

Nessa guia, as/os jovens do CETI Profa. Maria da Conceição Salomé, pensam o ser jovem em meio à heteronormatividade para além das generalidades e dos conceitos existentes sobre as juventudes e sobre a heteronormatividade, apontando outros modos de pensar o ser jovem do século XXI e apresentando quem são, os lugares que habitam ou são impedidos de habitar, os problemas enfrentados e as estratégias criadas dentro do modelo heteronormativo em que encontram-se inseridas/os.

Nesse contexto, o grupo-pesquisador mostrou que há jovens que vivem em lugares sem preconceitos, onde podem ser aquilo que quiserem sem impedimentos nem julgamentos. Por outro lado, apresentaram jovens que, em função de sua sexualidade, vivem bloqueados e empatados de habitar determinados lugares, assim vivem fora deles, às suas margens. O grupo-pesquisador, também destacou as/os jovens que são julgadas/os, criticadas/os e impedidas/os pela sociedade e pela família de ser aquilo que realmente são, enfrentando o abandono e a rejeição por parte de seus familiares. Em contrapartida, apontou que no contexto das normas e regras heteronormativas, as/os jovens criam estratégias e encontram pessoas que as/os ajudam no enfrentamento dos problemas vivenciados em meio à heteronormatividade.

Deste modo, destaco nesta seção o exercício do pensamento que emerge dos confetos produzidos pelo grupo-pesquisador. Nas palavras de Deleuze e Guattari (1992, p. 47) pensar desta forma, é manifestar “[...] um acontecimento que sobrevoe todo o vivido, bem como qualquer estado das coisas”, pois o pensamento vem da experiência, da problematização desta, e a partir dela, se transforma. Nessa trilha, o grupo-pesquisador demonstrou que vivemos em uma **Ditadura-da-heteronormatividade**

Espaço fechado onde as normas de ser homem e mulher são impostas aos jovens que têm que segui-las como robôs, não têm direito a escolha sexual. Estas pessoas não são culpadas de serem robôs, foi imposto, ensinado, não

tenham escolha. Neste lugar, o ser jovem não hetero e não totalmente hetero não entram estão bloqueados porque são diferentes.

Este confeto evidencia a imposição das normas e das regras as quais as pessoas são submetidas dentro de uma sociedade heteronormativa que faz com que crianças, jovens e adultos - em uma busca compreensível de aceitação e sobrevivência - as aceite ou se deixe moldar por elas. Sobre as normas sociais, Miskolci (2012, p. 43) assevera que

As normas sociais não escolhem sujeitos, elas se impõem a todos e todas, mesmo àqueles e àquelas que jamais conseguirão atendê-las, daí, nessa perspectiva, se dissolve o paradoxo aparente de mulheres machistas, gays homofóbicos ou negros racistas. Afinal, ideais coletivos moldam todos nós, e eles se fazem valer por normas e convenções culturais que deveriam ser nosso alvo crítico em busca de uma sociedade mais igualitária.

Em meio a essas imposições normativas e aos conformismos de uma sociedade heteronormativa, existe a construção de discursos negativos e estigmatizantes que segregam aquelas e aqueles que não são moldados por elas como é evidenciado no confeto **Ser-jovem-problema em meio a heteronormatividade**:

Que é jovem que muitas pessoas julgam pelo jeito de ser, de andar, das pessoas com quem anda e dos amigos, e é impedido de ser e fazer muita coisa que gostaria de fazer, principalmente pelos familiares. Porque tem muita gente que fala daquilo que o jovem está vendo...está cantando... Por exemplo: o jovem tá cantando isso aí? Para com isso! Isso não é música que preste! É música de maconheiro! Muita gente fala isso, e não é legal, não.

Diante deste confeto, é possível perceber que pelo jeito de andar, dos amigos com quem anda e das músicas que ouve e canta, as/os jovens são condenadas ao estigma e ao preconceito, ou seja, ao julgamento do outro diferente deles/as. Sobre esta construção de estigmas, Goffman (1988, p.6) teoriza que,

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.

Assim, a realidade de preconceitos, estigmas e normalizações vivenciada pelas/os jovens do grupo-pesquisador corroboram para pensarmos que cada jovem “vivencia de forma peculiar sua juventude, seja pelas experiências distintas ou pelos tratamentos diversos com relação à sua inserção na sociedade” (SOUSA, 2012, p. 34). Deste modo, precisamos problematizar e reconhecer que não existe um perfil próprio e único de ser jovem, pois as juventudes se apresentam em seus múltiplos estilos e expressões de vida.

Nesse complexo contexto em que encontra-se inserido, o grupo-pesquisador dá possibilidade para o surgimento do confeto **Ser-jovem-bola-espaço-fechado em meio à heteronormatividade**

Que é jovem-regras que a sociedade impõe para que as pessoas sejam totalmente heteras: que homens quando nascem tem que vestir azul... que mulheres tem que vestir rosa. Que o rosa vai representar que é mulher e o azul vai representar que é homem. Hoje em dia, são as pessoas que fazem muitos problemas e colocam coisa ruim em tudo, e estão relacionados a um tudo, principalmente, ao preconceito não só de cor, raça e tal, mas como opção sexual, também, que muita gente fala que aceita, mas não aceita não. São bem mais preconceituosos que os outros.

Este confeto traz a dimensão do jovem conservador e preconceituoso assim como as regras da sociedade, ou seja, são aquelas e aqueles que adotam padrões morais e comportamentos rígidos, conservadores e antiquados, pois atualmente, “renovam-se os apelos conservadores, buscando formas novas, sedutoras e eficientes de interpelar os sujeitos (especialmente a juventude) e engajá-los ativamente na recuperação de valores e práticas tradicionais” (LOURO, 2003, p. 32). Em conformidade com este pensamento, Miskolci (2012, p. 15) elucida que

A heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida. Gays e lésbicas normalizados, que aderem a um padrão heterossexual, também podem ser agentes da heteronormatividade. Não por acaso, violências atualmente chamadas de homofobia não se dirigem igualmente a todos/as os/as homossexuais, mas, antes, muito mais frequentemente a quem não segue esse padrão. Nesse sentido, quer sejam heterossexuais ou homossexuais, todos podem ser normalizados e preconceituosos com o Outro, que vive, se comporta ou pensa diferentemente.

Diante das regras e dos conformismos de uma sociedade heteronormativa, evidencia-se a construção de falsas verdades e a negação das existências que não se encaixam à elas. Sendo essas existências, condenadas ao preconceito, julgamento, perseguição e controle por parte daquelas e daqueles que as consideram anormais e indesejáveis. Como é destacado no confeto **Espaço-fechado do ser jovem em meio à heteronormatividade** que

É espaço fechado, totalmente bloqueado para aquelas pessoas que não são heterossexuais, as homossexuais. As pessoas que não são heterossexuais e outras que não são totalmente heterossexuais, as bissexuais não entram. Elas não conseguem entrar só porque têm uma *opção sexual* diferente. (Grifos meus).

Neste confeto, é apresentado um lugar em que as pessoas homossexuais e bissexuais não podem entrar devido sua opção sexual, ou seja, por meio dele evidencia-se que a sociedade constrói fronteiras entre aquelas e aqueles que representam a norma e podem entrar e aquelas e aqueles que não representam e, portanto, ficam fora dela, às suas margens. Sobre essa questão, Louro (2003, p. 15-16) explica que

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Dessa forma, a mulher é representada como “o segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual.

Essas referências circulam e produzem efeitos sociais, deixando, em alguns casos, de ser percebidas como representações, passando a ser tomadas como a realidade. Uma outra questão a ser problematizada neste confeto é o uso do termo opção sexual utilizado para caracterizar as manifestações da sexualidade. Neste sentido, a utilização de opção sexual permite a compreensão de que as pessoas escolhem sentir seus desejos afetivos e eróticos e, portanto, podem optar por serem heterossexuais ou homossexuais. Entretanto, é “um equívoco dizer que se trata de uma opção sexual, pois não depende de escolhas conscientes nem pode ser aprendida” (BRASIL, 2011, p.15). Deste modo, sugere-se a utilização de orientação sexual que é defendida como

Atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa sente pela outra. A orientação sexual existe num *continuum* que varia desde a homossexualidade exclusiva até heterossexualidade exclusiva, passando pelas diversas formas de

bissexualidade. Embora tenhamos a possibilidade de escolher se vamos demonstrar, ou não, os nossos sentimentos, os psicólogos não consideram que a orientação sexual seja uma opção consciente que possa ser modificada por um ato da vontade (BRASIL, 2004, p. 29).

Dito de outro modo, a orientação sexual refere-se à direção ou à inclinação do desejo afetivo e erótico de cada pessoa. Esse desejo, ao direcionar-se, pode ter como objeto pessoas do sexo oposto (heterossexualidade), pessoas do mesmo sexo (homossexualidade) ou de ambos os sexos (bissexualidade). No entanto, com cuidado, ressalto que existem pesquisadores/as, como Rogério Diniz Junqueira (2012) e Arianna Sala (2012), que teorizam e defendem que a sexualidade é um processo em construção e que é vivida individualmente. Assim, ela é cambiante e pode ocorrer por orientação ou por uma pluralidade de opções, escolhas e preferências que coincidem com determinados períodos da vivência do erotismo, da sensualidade e do desejo.

Seguindo o pensamento do grupo-pesquisador, dentre os problemas enfrentados pelo ser jovem em meio à heteronormatividade, houve a emergência do confeto **Problema-chuva-água do ser jovem em meio a heteronormatividade**. Este é o problema

Que chove demais, encharca tudo, puxa as coisas e os jovens que querem se salvar, só que alguns não conseguem. Ele arrasta e não salva jovens homossexuais. Há uma distância entre jovens homossexuais e heterossexuais, então alguns não têm que atravessar este problema. Existe uma fronteira que separa as/os jovens heterossexuais das/os homossexuais!

Esse confeto demonstra que algumas pessoas não são atingidas pelo **Problema-chuva-água do ser jovem em meio a heteronormatividade**, pois se adequam ou se conformam diante das regras sexuais e de gênero. Já aquelas que buscam escapar e subverter o instituído como verdade são arrastadas pelo problema em questão. Percebe-se que existe uma distância, uma fronteira que separa as pessoas heterossexuais das homossexuais, todavia torna-se impossível ignorar aquelas e aqueles que estão á deriva, pois ao desgarrar-se criam alternativas e paradoxalmente

Ao se afastarem, fazem-se ainda mais presentes. Não há como esquecê-los. Suas escolhas, suas formas e seus destinos passam a marcar a fronteira e o limite, indicam o espaço que não deve ser atravessado. Mas do que isso, ao ousarem se construir como sujeitos de gênero e de sexualidade precisamente nesses espaços, na resistência e na subversão das “normas regulatórias”, eles e elas parecem expor com maior clareza e evidência, como essas normas são feitas e mantidas (LOURO, 2008, p.18).

Nessa guia, o grupo-pesquisador apontou que essas pessoas que estão à deriva podem encontrar um outro lugar para alojar-se, podem fazer travessias e passar fronteiras que separam e, ao mesmo tempo, põem em contato culturas e grupos diferentes, através da **Estratégia-travessia-barco**

Que é conseguir passar pela ponte e chegar ao lugar da heteronormatividade com a ajuda dos amigos e de um barco que tinha. Nesse barco, foram os jovens e seus amigos. Quando se está fazendo essa travessia [da ponte para o lugar da heteronormatividade] se senti duas coisas ao mesmo tempo: um desespero no momento por a água está arrastando as pessoas, mas ao mesmo tempo um alívio por estar dentro do barco com os amigos.

Assim, esses/as jovens que cruzam as fronteiras, constantemente vigiadas, dos gêneros e da sexualidade e escolhem seguir seus caminhos vendo e vivendo para além do imposto, são jovens que resistem ao repúdio e a negação de suas marcas existenciais e vivem à deriva como um viajante pós-moderno, sendo seu próprio território construído constantemente pelo movimento (LOURO, 2008).

Nesse contexto, por meio das experiências produzidas nas oficinas sociopoéticas, um outro problema vivenciado pelas/os jovens do CETI Profa. Maria da Conceição Salomé é destacado no confeto **Impedimento-pai**

Que é quando os familiares não aceitam a jovem como é, por gostar de mulher. O pai já falou uma vez, que isso não é normal. Que ser jovem assim é estar cheia de demônios, que precisa ir para a igreja aceitar Jesus e que não se pode ser isso [lésbica] porque se nasce mulher é para casar com um homem e não se relacionar com outras mulheres.

Esse confeto mostra que em muitos casos a família, sobretudo os pais, não aceitam as jovens lésbicas e as rejeitam, repreendem, silenciam e tomam atitudes homofóbicas acerca de sua orientação sexual e identidade de gênero. O que também acontece com as/os demais jovens da comunidade LGBT. Ao agir assim, a família reafirma que a heteronormatividade é um dispositivo regulatório da sexualidade e do gênero que vigia, controla e pune aquelas e aqueles que não se adequam aos modelos de ser homem e ser mulher aceitos socialmente.

Contudo, em seus modos de existência, nas suas linguagens e em suas práticas cotidianas, as/os jovens criam suas próprias estratégias de resistência aos problemas vivenciados em meio aos poderes heteronormativos. Assim, ao se pensar sobre as maneiras utilizadas para superar o bloqueio e os preconceitos que vigiam e punem aquelas e aqueles que descumprem o mandato social heteronormativo as/os jovens demonstraram que precisam de

ajuda, sobretudo de quem quer de fato ajuda-las/os, como os amigos. Neste sentido, o grupo filósofo apontou o confeto **Estratégia-ajuda-amigos** que é

Uma pessoa homossexual ou bissexual ter ajuda dos amigos para superar a Bola-espaço-fechado do ser jovem em meio à heteronormatividade e daquelas pessoas que, realmente, querem o bem e que se confia bastante porque não é todo mundo que quer ajudar. Tem gente que está do lado do jovem, sabendo das coisas dele, mas faz é complicar ainda mais e não ajudar.

Por meio deste confeto, o grupo-pesquisador assinala que uma das estratégias utilizadas por pessoas que não se enquadram no modelo heteronormativo é a ajuda dos amigos que os ajudam a resistir, sobreviverem, se autoafirmarem e superarem os espaços fechados para suas existências, que friccionam e desestabilizam a base moralista que intenciona normatizá-las dentro de seus preceitos. Pois, há um verdadeiro terrorismo cultural que procura difundir uma heterossexualidade normativa e que age violentamente sobre as existências à margem desta lógica imposta (MISKOLCI, 2012).

Soma-se a isto a **Estratégia-olhar-eu**, criada pelo grupo-pesquisador para ajudar as/os jovens definirem o caminho a seguir. De acordo com a filosofia do grupo, a **Estratégia-olhar-eu**

É quando o jovem escolhe ser diferente, escolhe seguir meu próprio caminho, releva os problemas da vida e olha pra cima, vê além do que as pessoas mostram, além do que é imposto. Não é ser rebelde, é ser uma pessoa que tem opinião própria. Porque pode escutar uma opinião, mas pode distinguir o que quer, pode definir qual caminho quer seguir A estratégia é olhar pro eu, por que muitas vezes a gente tenta se espelhar no outro e, eu acho, que nós temos que ser nós mesmos e viver a nossa vida, não que você seja egoísta, de modo algum, pois a pessoa olhar pra si, não quer dizer que ela não possa olhar para próximo também. Devemos ter orientações, mas devemos ter nossas próprias escolhas. Escolhas do que falar, do que vestir, com quem se relacionar, do que acreditar e é isso.

Corroborando com o pensamento do grupo, Magalhães Junior (2002, p. 86) assevera que ao sermos conhecedores das formas que compõem as trajetórias de escolhas que realizamos

Podemos exercer forças opostas ao que nos é sugestionado como verdade, podendo, assim, ser estabelecido o confronto do dentro com o fora, numa luta de construção interior que não necessariamente é composta de forças interiores, mas de condicionantes do meio em que vivemos e no qual exercitamos nossas forças desejantes. Temos que estar atentos em relação aos nossos desejos, questionando a manipulação de nossas vontades.

Desse modo, mesmo a heteronormatividade insistindo em legitimar a heterossexualidade e por consequência oprimindo a homossexualidade e outras formas de viver a sexualidade não heterossexuais, há aquelas e aqueles que escolhem ser diferentes e que veem e vivem além do imposto. Como é o caso do **Ser jovem fora-da-bola-espaço-fechado** que são caras que são namorados, homossexuais. São jovens mulheres homossexuais que são namoradas, lésbicas. E do **Ser jovem fora-da-bola-espaço-fechado**, que em oposição ao primeiro, é um cara vestido de mulher e uma mulher vestida de homem. Ambos vivem fora-da-bola-espaço-fechado, mas experimentam diferentes modos de ser. São jovens que recusam os “valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha de abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo” (MISKOLCI, 2012, p. 25).

Nessa perspectiva, para subsidiar esses confeto, Weeks (2001, p. 70) destaca que afirmar-se como homossexual “significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes”, ou seja, uma experiência combativa em relação à heteronormatividade. Experiência que nos possibilita perceber o quanto é desafiador viver em uma sociedade heteronormativa que tenta aprisionar cotidianamente as pessoas em uma lógica binária de gênero e sexualidade, que não corresponde ao que de fato ocorre na realidade, na dinâmica das relações sociais.

Assim, quando as jovens e os jovens escolhem ver além do imposto, suas experiências apontam dinâmicas de resistência frente às violências cotidianas efetivando processos de subversão da norma, abrindo fendas e produzindo possibilidades de terem suas existências legitimadas. De acordo com a filosofia do grupo-pesquisador, isto é possível com a **Estratégia-mundo-paralelo-do-ser-jovem em meio a heteronormatividade**

Que é uma sociedade que aceita algumas coisas com algumas figuras bem importantes... cantores homossexuais como Pablo Vittar e outros que estão deixando o mundo mais ciente que mesmo você sendo homossexual você pode ser como qualquer pessoa... que faça sucesso...que vença na vida. Nesse mundo, tudo que ele quiser fazer e tiver em mente, ele pode fazer porque ele vai tá fazendo sozinho e não vai ter ninguém para criticar ele ou querer atrapalhar. Ele pode ser o que ele quiser ser.

A **Estratégia-mundo-paralelo-do-ser-jovem em meio a heteronormatividade** abriu fendas e rasga fronteiras, constituindo trincheiras para as jovens e os jovens existirem como são na sociedade, possibilitando que elas e eles possam ser coautoras e coautores de suas cenas e não apenas atrizes e atores que interpretam o que lhes foi mandado, pois

Todos, esquecemo-nos que nós mesmos podemos ser os criadores pela mudança pessoal, que podemos ser sempre outros ou que existem outros dentro de nós mesmos, às vezes, deliciosamente perversos, transformadores, às vezes deslumbrantemente vigorosos, guerreiros. O ser humano é um caleidoscópio, possui infinitas possibilidades; existe sempre uma região que escapou do processo de massificação, que, sorrateiramente, subtraiu-se à produção de um tipo de subjetividade (GONDINHO, 1995, p. 63)

Podemos ser construtores de eus, pessoas em constante construção e desconstrução e não em condicionamentos dos corpos e dos desejos, uma vez que “poder transgredir não é destruir os que nos rodeiam, mas construir com eles, dialogando sobre as vontades de transgredir e suas possibilidades” (MAGALHÃES JUNIOR, 2002, p. 87). Assim, as transgressões precisam ser discutidas, dentro e fora da escola, não para deixarem de existir, mas para praticar sua existência como algo que respeita o eu e os outros, pois o novo não surge pelo ordenamento e manutenção do igual, é por meio da desordem que se institui a diferença.

Seguindo as linhas de pensamento do grupo-pesquisador, surge o confeto **Ser-jovem-problema-planetinha-sonho em meio a heteronormatividade** que não é julgado nem impedido de fazer e ser o que quiser, pois

É ser jovem com voz no lugar da heteronormatividade, que consegue colocar pra fora tudo que quer, que não é impedido de fazer nada, que pode fazer o que quiser sem ninguém está impedindo, sem ninguém está falando nada com ele. Hoje, tem facilidade a tudo, não acata conselhos, quer ser livre, viver do seu próprio jeito, no seu próprio mundo, por isso não escuta ninguém e sonha em encontrar um lugar que possa ser ele mesmo. Se ele quiser se relacionar com alguém do mesmo sexo ele pode fazer e não vai ter ninguém falando que não gosta disso, que isso não é normal, que Deus criou o homem e a mulher para ser um casal e não dois homens ou duas mulheres.

Neste sentido, pensar o ser jovem em meio à heteronormatividade, é pensar sobre o que é permitido e o que é proibido pelas normalizações heteronormativas. Nesse contexto, insere-se a discussão de Foucault sobre o governo de si mesmo, ou seja, a/o jovem pode governar-se e, portanto resistir ao poder normalizador. Nas palavras do autor,

[...] lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridades em relação ao poder. Deve-se afirmar que estamos necessariamente “no” poder, que dele não se “escapa”, que não existe, relativamente a ele, exterior absoluto, por estarmos inelutavelmente submetidos à lei? Ou que, sendo a história ardil da razão, o poder seria o ardil da história – aquele que sempre ganha? (FOUCAULT, 1988, p. 105-106).

Foucault evidencia, portanto, que onde há poder há resistência, que os corpos, a sexualidade e a população não podem ser totalmente submetidos ao processo de normalização. Assim, o ato de governar a si mesmo, de fazer e ser o que quiser sem ser impedido por ninguém é uma forma de resistência que permite compreender o cuidado de si como uma prática de liberdade que, por sua vez, se opõe à normalização.

Para as/os jovens do CETI Profa. Maria da Conceição Salomé, para resolver os problemas sociais e o preconceito em suas várias formas presentes na **Ditadura-da-heteronormatividade** em que vivemos é necessário a **Junção-cada-um-da-sua-própria-forma** que é o

Estandarte que une ideias, objetivos e esperança de um mundo normal sem a heteronormatividade. Os jovens, os adultos, os idosos poderiam se juntar mais para resolver os problemas sociais, o preconceito racial, religioso, escolha sexual... preconceitos de várias formas. Porque existe preconceito na forma de se vestir, na forma de andar, nas músicas que cada pessoa escuta, com quem anda ou com quem deixa de andar. Se cada um juntasse um pedacinho para resolver esses problemas o mundo poderia ser melhor.

Portanto, o pensamento do grupo-pesquisador demonstrou que o ser jovem em meio à heteronormatividade, para além dos julgamentos e impedimentos de ser e fazer o que quiser, também pode ser jovem com vez e voz que consegue ser do seu jeito sem ser impedido e julgado, ou também ser conservador/a e preconceituoso/a frente às práticas da heteronormatividade. Demonstrou, também, que existem lugares que se complementam, que divergem e que se opõem, visto que em alguns as/os jovens podem ser eles mesmos sem ser julgados e criticados e em outros só podem ficar caladas/os, aceitando o que a sociedade impõem como normal e aceitável. Que existem problemas e impedimentos, mas que apesar disso as/os jovens criam suas estratégias para viver em meio ao modelo heteronormativo. Provocando a descentralização da noção de jovem essencial e nos fazendo perceber suas multiplicidades identitárias.

Assim, conhecer as/os jovens segundo suas próprias apresentações, pressupõe uma escuta sensível à condição juvenil, bem como seus condicionamentos e heterogeneidades, pois há entre elas e eles uma necessidade de fala e de escuta, conforme é expressado do Diário de Itinerância de uma das jovens da pesquisa:

Nós jovens não temos tanto direito de expressar aquilo que sentimos. Muitas vezes a gente sente vontade de falar, de nos expressar, mas não nos dão

oportunidade e quando nos dão pouco se importam com o que falamos. Gostei muito da experiência das oficinas. (**Copesquisadora Silenciador**).

Fica evidente que quando nos detemos a ver as/os jovens a partir de suas próprias óticas, e a propiciar espaços de fala e escuta, possibilitamos a centralidade das próprias atrizes e atores, sujeitos históricos concretos e não a visões exteriores e estrangeiras.

Esse movimento de diálogo com os teóricos, me ajudou a perceber e cartografar as linhas de pensamento do grupo-pesquisador e, assim construir os textos literários com os resultados, transmitindo de modo informal e lúdico, a análise realizada. Na seção seguinte os apresento conjuntamente com o resultado da contra-análise, fechando as discussões da pesquisa.

6.1 Fios que se unem e se separam: oficina de contra-análise

A *oficina de contra-análise*, é o momento da pesquisa que acontece quando a pesquisadora propositora já conhece as linhas de pensamento do grupo-pesquisador, assim de maneira literária leva para o grupo, através dos textos transversais, o entendimento que teve das linhas desse pensamento. Para Gauthier (2010, p.7) a contra-análise

É o momento em que o grupo-pesquisador estuda criticamente as hipóteses dos facilitadores sobre seu pensamento (sobre o inconsciente do seu pensamento!), hipóteses pelas quais os facilitadores propõem problemas e confetos. É um momento dialógico, onde não se trata de saber quem tem razão no caso de divergência entre copesquisadores e facilitadores, e sim de ampliar as visões, introduzindo mais diferenciação, mais heterogeneidade, numa palavra só: mais complexidade. Na contra-análise podem surgir novos problemas, novos confetos e novos personagens conceituais.

Deste modo, a contra-análise tem força política, uma vez que permite que as copesquisadoras e os copesquisadores conheçam, confirmem, corrijam e, principalmente, contraponham-se às ideias da facilitadora tornando, assim, suas reflexões mais concisas.

Nessa guia, a oficina de contra-análise desta pesquisa, aconteceu no dia 09 de janeiro de 2019 quando o grupo-pesquisador se reencontrou e eu apresentei o meu entendimento das linhas do seu pensamento, expondo os confetos e os problemas criados durante a pesquisa, bem como suas análises. Este momento proporcionou um diálogo sobre as experiências vividas em nossas oficinas e produziu discursos diferentes daqueles empreendidos anteriormente, evidenciando falas mais maduras e menos colonizadas em relação ao ser jovem em meio à heteronormatividade.

Cabe destacar, que a oficina em questão foi organizada em três momentos. No primeiro momento, com o intuito de aguçar a memória das vivências realizadas com as técnicas *Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade* e *Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade*, fiz uma exposição das fotografias das produções dessas técnicas em um canto da sala, para que as copesquisadoras e os copesquisadores pudessem observá-las e conversar entre si sobre o que estavam vendo e sentindo nesse momento da pesquisa.

Fotografia 29 - Exposição das imagens das duas técnicas



Fonte: Dados da pesquisa

Após este momento de acolhida e conversa, expliquei o que é a oficina de contra-análise e informei que os outros dois momentos seriam reservados para a apresentação ao grupo-pesquisador dos dois textos transversais produzidos a partir dos confetos e dos problemas surgidos nas duas técnicas acima citadas. Na subseção seguinte, apresento o primeiro texto transversal.

6.2 Contra-análise do texto transversal: Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte I – A descoberta)

Neste momento, trago em um texto literário o resultado dos estudos transversais dos confetos e dos problemas produzidos a partir da primeira técnica: *Retalhos do ser jovem em*

meio à heteronormatividade. Logo abaixo, cito o texto em questão e na próxima subseção apresento o resultado da contra-análise deste texto.

**Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula
Parte I – A descoberta**

Foi em um sábado de dezembro sabe? Eu e meus melhores parças, só gente fina: Esperança, Silenciador, Rosinha, Depressivo, Sadboy, Potter, Peter e Triste-feliz. Esses meus amigos tem um diferencial: usam máscaras para esconder suas dores, fraquezas e, em alguns casos, aquilo que realmente são, pois ao usarem suas máscaras não são reconhecidos e podem fazer/ser aquilo que é condenável para os outros. Em alguns casos usar as máscaras serve para esconder uma identidade imposta e isso possibilita a/o jovem ser o que é quando a usa. Alguns só tiram as máscaras quando estão sozinhos.

A gente vive num lugar muito louco chamado **Ditadura-da-heteronormatividade** espaço fechado onde as normas de ser homem e mulher são impostas aos jovens que têm que segui-las como robôs, não têm direito a escolha sexual. Estas pessoas não são culpadas de serem robôs, foi imposto, ensinado, não tinham escolha. Neste lugar, o ser jovem não hetero e não totalmente hetero não entram estão bloqueados porque são diferentes.

Nesse lugar, também vive o **Ser-jovem-bola-espaco-fechado em meio à heteronormatividade** que é jovem-regras que a sociedade impõe para que as pessoas sejam totalmente heteras: que homens quando nascem tem que vestir azul... que mulheres tem que vestir rosa. Que o rosa vai representar que é mulher e o azul vai representar que é homem. Hoje em dia, são as pessoas que fazem muitos problemas e colocam coisa ruim em tudo, e estão relacionados a um tudo, principalmente, ao preconceito não só de cor, raça e tal, mas como opção sexual, também, que muita gente fala que aceita, mas não aceita não. São bem mais preconceituosos que os outros. Isso também acontece com as/os jovens que vivem na **Esquina-paralela** que é esquina paralela à igualdade, pois é uma sociedade preconceituosa e sem aceitação, como é hoje. E com as/os que vivem no **Espaco-fechado do ser jovem em meio à heteronormatividade** que espaço fechado, totalmente bloqueado para aqueles que não são heteros. As pessoas que não são heterossexuais e outras que não são totalmente heterossexuais, como as bissexuais, não entram.

As/os jovens que buscam escapar e subverter esse modelo instituído como verdade são arrastadas/os pelo **Problema-chuva-água do ser jovem em meio à heteronormatividade** que é o problema que chove demais, encharca tudo, puxa as coisas e os jovens que querem se salvar, só que alguns não conseguem. Ele arrasta e não salva jovens homossexuais. Há uma distância entre jovens homossexuais e heterossexuais, então alguns não têm que atravessar este problema. Existe uma fronteira que separa as/os jovens heterossexuais das/os homossexuais! Assim, quem se adequa ou se conforma diante do imposto não é atingido pelo problema em questão e quem faz o oposto é arrastado. No entanto, as/os jovens que estão à deriva podem passar essa fronteira de policiamento por meio da **Estratégia-travessia-barco** que é conseguir passar pela ponte e chegar ao lugar da heteronormatividade com a ajuda dos amigos e de um barco que tinha. Nesse barco, foram os jovens e seus amigos. Quando se está fazendo essa travessia [da ponte para o lugar da heteronormatividade] se senti duas coisas ao mesmo tempo: um desespero no momento por a água está arrastando as pessoas, mas ao mesmo tempo um alívio por estar dentro do barco com os amigos.

Nesse contexto, alguns jovens se sentem travados por causa do **Problema-trava do ser jovem em meio à heteronormatividade** que é andar nos problemas, travar e não conseguir um meio de chegar ao lugar da heteronormatividade. É o problema em que todos caminham, olham pro lado, veem suas escolhas boas e ruins, veem pessoas, tem a ponte mas não se ver, trava e desanima consigo mesmo porque tem problemas piores e não se consegue conviver com um mínimo de problemas que se tem.

Outros relatam que os pais não aceitam a orientação sexual e identidade de gênero das filhas e filhos rejeitando, repreendendo, e tomando atitudes homofóbicas contra elas e eles através do **Impedimento-pai** que é quando os familiares não aceitam a jovem como é, por gostar de mulher. O pai já falou uma vez, que isso não é normal. Que ser jovem assim é estar cheia de demônios, que precisa ir

para a igreja aceitar Jesus e que não se pode ser isso [lésbica] porque se nasce mulher é para casar com um homem e não para se relacionar com outras mulheres.

Porém, eu e meus amigos já percebemos que nesses lugares, as/os jovens que não se enquadram no modelo da Ditadura-da-heteronormatividade têm ajuda dos amigos para resistir, se autoafirmarem e superarem os espaços fechados para suas existências, através da **Estratégia-ajuda-amigos** que é uma pessoa homossexual ou bissexual ter ajuda dos amigos para superar a bola-espaço-fechado do ser jovem em meio à heteronormatividade e daquelas pessoas que, realmente, querem o bem e que se confia bastante porque não é todo mundo que quer ajudar. Tem gente que está do lado do jovem, sabendo das coisas dele, mas faz é complicar ainda mais e não ajudar. Às vezes nos questionamos: Como confiar nas pessoas?

Em meio a Ditadura-da-heteronormatividade, também existe os jovens que sofrem preconceito pelo jeito de andar, pelos amigos que têm e pelas músicas que escutam e cantam, a exemplo o **Ser jovem-problema em meio à heteronormatividade** que é jovem que muitas pessoas julgam pelo jeito de ser, de andar, das pessoas com quem anda, dos amigos, e é impedido de ser e fazer muita coisa que gostaria de fazer, principalmente dos familiares. Porque tem muita gente que fala daquilo que o jovem está vendo...está cantando... Por exemplo: o jovem tá cantando isso aí? Para com isso! Isso não é música que preste! É música de maconheiro! Muita gente fala isso, e não é legal, não.

Entretanto, mesmo a Ditadura-da-heteronormatividade insistindo em legitimar a heterossexualidade e oprimir a homossexualidade e as outras formas de viver a sexualidade não heterossexuais, há aquelas e aqueles que escolhem ser diferentes e para isso usam a **Estratégia-olhar-eu** é quando o jovem escolhe ser diferente, escolhe seguir seu próprio caminho, releva os problemas da vida e olha pra cima, vê além do que as pessoas mostram, além do que é imposto. Não é ser rebelde, é ser uma pessoa que tem opinião própria. Porque pode escutar uma opinião, mas pode distinguir o que quer, pode definir qual caminho quer seguir. Porque sempre há dois caminhos. Nós é que escolhemos se queremos seguir um caminho bom ou ruim. Mas o que é o caminho ruim? O caminho bom para você pode ser um caminho ruim pra mim, vai de cada um. A estratégia é olhar pro eu, por que muitas vezes a gente tenta se espelhar no outro e nós temos que ser nós mesmos e viver a nossa vida, não que você seja egoísta, de modo algum. A pessoa olhar para si, não quer dizer que ela não possa olhar para próximo também. Devemos ter orientações, mas devemos ter nossas próprias escolhas. Escolhas do que falar, do que vestir, com quem se relacionar e no que acreditar.

Ninguém sabe como tudo isso começou, só sabem que é assim desde o começo do mundo e que se ousarem transgredir as normas deste modelo, serão bloqueadas, encharcadas, empatadas, tendo todos os seus direitos básicos negados. Como aconteceu uma vez quando eu estava caminhando para a **bola-espaço-fechado-biblioteca-arco-íris do ser jovem em meio à heteronormatividade** e apareceu um problema. Eu não estava indo sozinha, tinham pessoas ao meu redor que estavam caminhando junto comigo para entrar dentro dessa bola que é o lugar onde tem a heteronormatividade, e essas pessoas que estavam junto comigo, não eram heteras como eu. Elas eram bissexuais e tinham umas pessoas que eram homossexuais. E eu consegui entrar, mas elas não conseguiram, elas ficaram empatadas porque essa bola está totalmente bloqueada para elas porque a sociedade não aceita. É como se fosse totalmente a regra. Tipo, a sociedade não aceita, critica, julga. Mas, as pessoas mesmo sendo julgadas, escolheram a sua opção. Elas, meio que se sentiram constrangidas com isso, mas isso não empatou delas ficarem com o seu próprio sexo, nem mudou a sua opinião. Nesse lugar o problema são as pessoas preconceituosas que não aceitam as outras pessoas. Como também acontece na **biblioteca-arco-íris** lugar bem grande com vários livros onde se encontra vários tipos de pessoas inclusive as preconceituosas que não aceitam outras pessoas. Dentro desse lugar, percebi que existe uma oposição, pois as pessoas ditas diferentes, mesmo sendo julgadas e criticadas pela sociedade, resolveram entrar. Elas se sentiram constrangidas, mas isso não as empatou nem as fez mudar de opinião. Seria uma forma de resistência ao modelo imposto?

No entanto, mesmo diante dos conformismos e das imposições heteronormativas há jovens que escapam da Ditadura-da-heteronormatividade e vivem fora desses espaços-fechados como é o caso do **Ser jovem fora-da-bola-espaço-fechado** que são caras que são namorados, homossexuais. São jovens mulheres homossexuais que são namoradas, lésbicas. E do **Ser jovem fora-da-bola-espaço-fechado**, que em oposição ao primeiro, é um cara vestido de mulher e uma mulher vestida de homem. Ambos vivem **fora-da-bola-espaço-fechado**, mas experimentam diferentes modos de ser. O que pensar sobre essa oposição?

Um sábado desses, lá venho eu voltando da escola com meus amigos e no meio do caminho encontramos com o **Ser-jovem-problema-planetinha-sonho em meio à heteronormatividade** que é ser jovem com voz no lugar da heteronormatividade, que consegue colocar pra fora tudo que quer, que não é impedido de fazer nada, que pode fazer o que quiser sem ninguém tá impedindo, sem ninguém tá falando nada com ele. Hoje, tem facilidade a tudo, não acata conselhos, quer ser livre, viver do seu próprio jeito, no seu próprio mundo, por isso não escuta ninguém e sonha em encontrar um lugar que possa ser ele mesmo. Se ele quiser se relacionar com alguém do mesmo sexo ele pode fazer e não vai ter ninguém falando que não gosta disso, que isso não é normal, que Deus criou o homem e a mulher para ser um casal e não dois homens ou duas mulheres. Ele nos chamou para um Rolézim pelos outros lugares que fazem parte da **Ditadura-da-heteronormatividade** e disse que neles a/o jovem pode ser e fazer o que quiser, pois são lugares menos preconceituosos que os que nós conhecemos. Nós ficamos empolgadas/os com esse convite e pedimos para ele nos explicar um pouco mais sobre esses lugares. Muito animado, nos disse que apesar de na Ditadura-da-heteronormatividade existirem os espaços-fechados que bloqueiam e empatam as/os jovens em função de sua sexualidade, há também os lugares em que as/os jovens podem ser eles mesmos sem julgamentos nem críticas como acontece na **biblioteca-da-heteronormatividade** que é um lugar na biblioteca onde vivem pessoas-pano que ajudam e aceitam as outras pessoas como são. Os jovens nesse lugar podem ser eles mesmos no sentido de uma mulher ser bissexual ela poder ser ela mesma, gostar de mulher sem medo de pessoas julgarem ela, sem que pessoas critiquem ela por sua escolha. E no **Planeta-ponte-Liberdade-de-Expressão da heteronormatividade** lugar que o jovem sente uma paz, um alívio, uma alegria. É melhor estar no planeta da heteronormatividade do que no planeta terra porque lá no planeta da heteronormatividade ninguém vai tá julgando e nem falando nada de ruim, que machuque e que leve o jovem a fazer coisas ruins consigo mesmo como já havia feito antes. Nesse lugar o jovem pode ser aquilo que ele quiser ser. Sem julgamentos por aquilo que está fazendo, dançando ou cantando. É o lugar que não tem preconceito e ninguém fala o que fazer, o que vestir, o que falar, todo mundo é livre. É um lugar bonito, inexplicável, um lugar que se conseguia sentir muita paz. Nesse lugar o jovem pode tudo. Tudo que ele quiser ser, sem ter alguém para dizer que eles não vão conseguir ser o que quiserem ser. Nesse lugar não existe preconceito, porque cada um entende cada um. É lugar de liberdade de expressão que leva ao caminho da igualdade. Que é um lugar sem preconceito e sem críticas que você pode não fazer o que quiser, mas tipo ser o que quiser. Viver a sua sexualidade e o seu gênero, fazer suas próprias escolhas e pensar pela sua própria cabeça.

O **Ser-jovem-problema-planetinha-sonho em meio à heteronormatividade**, também nos contou que as jovens e os jovens que escolhem ver e viver para além do imposto, abrem fendas e produzem possibilidades de terem suas existências legitimadas através da **Estratégia-mundo-paralelo-do-ser-jovem em meio a heteronormatividade** que é uma sociedade que aceita algumas coisas com algumas figuras bem importantes... cantores homossexuais como Pablo Vittar e outros que estão deixando o mundo mais ciente que mesmo você sendo homossexual você pode ser como qualquer pessoa... que faça sucesso...que vença na vida. Nesse mundo, tudo que ele quiser fazer e tiver em mente, ele pode fazer porque ele vai tá fazendo sozinho e não vai ter ninguém para criticar ele ou querer atrapalhar. Ele pode ser o que ele quiser ser.

Ouvimos toda esta explicação de maneira bem atenta e, curiosas/os, resolvemos nos aventurar nesse Rolézim. Enquanto fazíamos nossa caminhada exploratória, parou um carro do nosso lado e o jovem que estava dirigindo disse assim: Ei! Vocês estão indo pra onde? Querem carona? Era o **Ser jovem-passado** que é jovem que fala de coisas que aconteceram em sua vida, como a casa em que botou todas as datas de quando o pai saiu de casa. E num dia destes aconteceu do jovem matar a primeira pessoa de sua vida, no dia que o pai saiu de casa. O jovem estava em casa com sua mãe, não estava bem da cabeça, saiu para fazer assalto e acabou acontecendo isso. Nós não pensamos muito, só entramos no carro! Durante o trajeto, o **Ser jovem-passado** disse que estava indo para o **passado-ser-jovem em meio à heteronormatividade** lugar que se volta ao passado, relembra-se as coisas que já aconteceram. Não se pensa no futuro. Pode até tentar, mas não consegue. Ao viajar para esse lugar se sente algo ruim, porque não se gosta de lembrar do passado, mas ele sempre está com cada um. Nesse lugar, cada um fica no seu devido espaço, no seu devido lugar. Ficamos pensativos! Será que o passado está no presente de outro modo? O que mudou no ser jovem em meio à heteronormatividade?

Quando estávamos nos aproximando da entrada do **passado-ser-jovem em meio à heteronormatividade**, meu amigo Depressivo deu um grito: CUIDADO! Tem um impedimento logo à

frente. O carro parou e fomos ver o que era. Era o **Impedimento- “X” -do-ser-jovem em meio à heteronormatividade** que é o problema do ser jovem quando quer trazer o pai de volta, mas não consegue porque a família paterna o impede por isso o “X” que é a família tentando impedir a volta do pai para casa. Todas as vezes que o pai sai fala que se pudesse voltar atrás não teria tido o filho. Todas às vezes o pai fala isso para o filho. E toda vez que o pai saía, o filho ia atrás dele para tentar trazê-lo de volta, mas não conseguia. Nós ficamos assim paralisados com esse impedimento e nos fazendo o seguinte questionamento: Em que momento o problema com o pai é heteronormativo? Será que esta é uma questão de gênero? Não sabíamos como sair desse lugar e nem em quem confiar. Estávamos com medo!

Passamos alguns minutos tentando achar uma solução, mas nada nos vinha à cabeça. Até que de repente ouvimos uma voz que vinha do alto de um morro. Era o **Ser-jovem-passado-megatron** que é jovem que costumava ir ao baile que tinha paredão de som chamado megatron e que estava envolvido com a criminalidade. O **Ser-jovem-passado-megatron** nos chamava lá para cima, pois onde estávamos era muito distante da saída. Mesmo apreensivos, fomos até ele que nos direcionou à saída. Mas antes de sairmos, minha amiga Silenciador perguntou se o fato do ser jovem estar envolvido com a criminalidade era um dos problemas que aconteciam em meio à heteronormatividade. Ele não entendeu a pergunta, então Triste-Feliz ajudou a reformulá-la e questionou: Como as festas/bailes acontecem em meio à heteronormatividade? O **Ser-jovem-passado-megatron** não respondeu a esse questionamento, porém disse que para sair da criminalidade existe o **Caminho-ajuda** que é a mãe, os amigos, a família por parte de mãe, porque por parte de pai nunca ajudou. Eles tentaram fazer o jovem sair da criminalidade, quando ele ainda estava nessa vida. Todas as vezes a mãe saía atrás de do filho a noite, quando ele saía do morro e não voltava.

Nesse momento pensamos sobre as oposições dos lugares que conhecemos, até aquele momento, durante o nosso Rolézim. Pois, em alguns as/os jovens podem fazer o que quiserem, mas serão julgadas/os, criticadas/os e diminuídas/os enquanto pessoas por isso. Já em outros elas e eles podem fazer o que quiserem sem ser criticadas/os ou julgadas/os. Ainda existem, também, lugares em que as/os jovens só podem ficar caladas/os e aceitar o que as pessoas impõem, não podendo ser elas e eles mesmos. Como é ser jovem em lugares tão distintos? Voltamos a caminhar, pois precisávamos apressar o passo até a parada de ônibus porque já era noite e tinha poucos ônibus na linha. Aceleramos o passo, mas infelizmente quando chegamos à parada descobrimos que o último ônibus tinha acabado de passar. E para piorar a situação, estávamos sem sinal de celular. E agora? Como faremos para voltar para casa?

6.3 Resultado da contra-análise do texto transversal: Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte I – A descoberta)

Seguindo o segundo momento da oficina de contra-análise, informei que seria lido o conto *Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte I – A descoberta)*, escrito a partir dos dados que o grupo-pesquisador produziu com a Técnica *Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade*. Sugeri que essa leitura fosse realizada em silêncio e em duplas onde cada dupla deveria ler, marcar ou anotar e discutir entre si as suas impressões. Depois de efetuada essa primeira leitura pelo grupo-pesquisador, esclareci que eu faria a leitura oralizada e, que durante a leitura, cada dupla poderia destacar aquilo que marcaram ou anotaram no momento da leitura silenciosa. Assim, durante essa leitura, o grupo-pesquisador deteve a sua atenção no trecho que traz as normas de ser homem e ser mulher e solicitou o destaque para esse aspecto a partir do confeto:

Ditadura-da-heteronormatividade espaço fechado onde as normas de ser homem e mulher são impostas aos jovens que têm que segui-las como robôs, não têm direito a escolha sexual. Estas pessoas não são culpadas de serem robôs, foi imposto, ensinado, não tinham escolha. Neste lugar, o ser jovem não hetero e não totalmente hetero não entram estão bloqueados porque são diferentes.

Essa ditadura-da-heteronormatividade é verdade porque os jovens LGBTs sofrem repressão e muitas vezes até tortura por ser quem são. É a ditadura mesmo, igual a de 64. Essa ditadura ensina que só se pode ser heterossexual e todo mundo tem que ser robô e fazer o que é imposto por ela! Quem não segue é torturado até morrer ou até se tornar heterossexual. As pessoas pensam que é frescura ser homossexual. Não é frescura ser gay ou ser lésbica porque quem é que vai escolher sofrer? Quem é que vai querer não ter direito de viver? Eu vejo todo dias as pessoas criticando, falando coisas preconceituosas com os outros e você acha que eu vou querer escolher uma coisa dessa pra eu estar sofrendo todo dia? É claro que não! Quem é que quer o mal para si mesmo. Por exemplo, eu sou lésbica e eu não vou querer ficar sendo lésbica para ser criticada e julgada pelos meus pais e pela sociedade. Isso é algo natural em mim. Eu nasci assim! E tem gente que diz que é modinha. Modinha o quê? Me poupe! É modinha agora tá querendo o mal para si mesmo? Sofrendo repressão dos pais e da sociedade?

O grupo-pesquisador pensa nossa sociedade como uma ditadura da heteronormatividade em que todas/os têm que seguir, como robôs, aquilo que é imposto como normal e natural, sendo as/os jovens que resistem ao modelo torturados assim como acontecia no período da Ditadura Militar (1964) com aquelas e aqueles consideradas/os subversivas/os, ou seja contrárias/os a ordem estabelecida e que, alegadamente ameaçavam a segurança nacional. As falas das copesquisadoras e dos copesquisadores evidenciam que existem valores hegemônicos que localizam e conferem direitos de ser e viver apenas a uma parcela da humanidade, as/os heterossexuais. Na visão de Bento (2011, p. 558)

A eficácia desse discurso está em produzir nos sujeitos a incômoda e terrível certeza de que ele não é normal e de que, se ele se sente fora do lugar, é porque não existe lugar para ele. Há um processo incessante de produção de anormalidade. Ao problematizar a visão patologizante das identidades, terminamos por encontrar as normas de gênero. As reivindicações de identidades que exigem direitos são o desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece que a inteligibilidade dos gêneros está no corpo. Dois corpos, dois gêneros, uma sexualidade. Nessa perspectiva binária, o masculino e o feminino seriam a expressão ou formulação cultural da diferença natural dos sexos. [...] Nesse processo de desnaturalização, o foco explicativo para a constituição das identidades desloca-se do indivíduo para as genealogias dos discursos, que limitam a categoria “humanidade” apenas a duas possibilidades excludentes: ou você tem pênis ou vagina. Ou você é mulher ou é homem. Ou você é masculino ou feminino, mas sejamos todos heterossexuais.

Nessa perspectiva, os direitos humanos se transformam em algo difícil de alcançar, uma vez que normas de gênero só conferem vida às pessoas que estão ajustadas a essa expectativa, assim Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, e todas/os que fogem à norma estabelecida são excluídas/os da condição humana. Na sequência do processo da contra-análise, o grupo-pesquisador continuou afetado e destacou o confeto:

Estratégia-mundo-paralelo-do-ser-jovem em meio a heteronormatividade que é uma sociedade que aceita algumas coisas com algumas figuras bem importantes... cantores homossexuais como Pablo Vittar e outros que estão deixando o mundo mais ciente que mesmo você sendo homossexual você pode ser como qualquer pessoa... que faça sucesso...que vença na vida. Nesse mundo, tudo que ele quiser fazer e tiver em mente, ele pode fazer porque ele vai tá fazendo sozinho e não vai ter ninguém para criticar ele ou querer atrapalhar. Ele pode ser o que ele quiser ser.

Eu acho que mesmo que tenha muitos atores, atrizes, cantores e pessoas homossexuais famosas se abrindo e inspirando outros jovens a fazerem o mesmo, ainda tem muitos jovens por aí que não falam, que tem medo de falar o que são por causa da repressão que vão ter. Por exemplo, uma atriz da Globo um dia desses disse no *instaram* que perdeu vários contratos de emprego só porque assumiu que era lésbica. Até no ramo do trabalho as pessoas têm preconceito com isso, mesmo aparecendo em filmes, novelas, em minisséries etc. as pessoas têm preconceito. A pessoa pensa que só porque a outra é lésbica ou gay ela vai querer ficar com todo mundo. Como se isso fosse uma doença e os outros precisassem ter cuidado e não é!

O grupo-pesquisador elucida em suas falas que a sociedade em que vivemos apresenta, através da mídia e de pessoas homossexuais famosas, possibilidades para jovens homossexuais ser e fazer o que quiser, inclusive ter sucesso, mesmo que não estejam ajustadas/os aos padrões heteronormativos. Contudo, ponderam que embora existam essas aberturas, muitas/os jovens ainda têm medo de falar o que realmente são devido as consequências que esta atitude pode trazer. Sedgwick (2007) ao propor uma Epistemologia do Armário, nos ajuda a refletir sobre tais questões, pois destaca o armário como um dispositivo que limita e impõe uma vida dupla às pessoas que se desviam da norma heterossexual, colocando em relevo que ele circunda as experiências das pessoas mesmo depois de terem optado por se assumir, uma vez que

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. [...] Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida, lida

diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém [...] contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida. O armário [...] ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora (SEDGWICK, 2007, p.22).

Por esse viés, o armário torna-se uma experiência íntima daquelas e daqueles que, em meio à repressão, escolhem quando, onde, o que e para quem revelar sua sexualidade. Ao continuar a leitura do texto transversal o grupo-pesquisador solicitou o destaque da pergunta que sucedeu essa passagem textual:

Durante o trajeto, o Ser jovem-passado disse que estava indo para o passado-ser-jovem em meio à heteronormatividade lugar que se volta ao passado, relembra-se as coisas que já aconteceram. Não se pensa no futuro. Pode até tentar, mas não consegue. Ao viajar para esse lugar se sente algo ruim, porque não se gosta de lembrar do passado, mas ele sempre está com cada um. Nesse lugar, cada um fica no seu devido espaço, no seu devido lugar. Ficamos pensativos! **Será que o passado está no presente de outro modo? O que mudou no ser jovem em meio à heteronormatividade?**

Sempre tem algo do passado acontecendo no presente de outro modo. Mesmo a gente não percebendo, mas depois a gente vê aquilo e percebe que aquilo já havia acontecido também. Eu acho que sempre vai acontecer. Tipo assim, a sociedade sempre impôs regras para que os homens e as mulheres fossem heteros. Principalmente os evangélicos por causa da bíblia. Por causa de Adão e Eva. E hoje em dia, mudou, mas não totalmente. Por exemplo, hoje em dia o homem pode ser gay... a mulher pode ser lésbica...pode ser bissexual... Bom, poder pode, mas não é aceito por todo mundo, como acontecia no passado. Ainda existe críticas... ainda existe julgamentos...preconceitos... A sociedade ainda é muito conservadora. Ela segue as normas estanques católicas que foram trazidas pelos portugueses em 1500. Nós tivemos um progresso bem grande no século XXI com o ministério LGBT e atualmente sofremos uma regressão com a posse do novo presidente que extinguiu esse ministério. Ou seja, tivemos uma progressão e depois uma regressão, então o passado continua no presente.

As/os jovens problematizam as formas engessadas e enraizadas de se conceber o outro, dentro de uma perspectiva normativa no intervalo temporal entre o passado e o presente. Destacando que, através dos progressos e retrocessos que estamos vivendo no século XXI, o passado está no presente. Acompanhando esta problematização, faz-se necessário destacar que

“ao longo da história ocidental, as relações afetivas, sexuais e gênero que se distanciavam do padrão monogâmico e cis-heterossexual foram concebidas como pecado, numa ótica moralista-cristã. E também como doença, na percepção dos saberes médicos e psi’s (Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise)” (MARTINS, 2016, 18). Deste modo, penso que na medida em que sujeitos de diferentes espaços culturais assumem discursos e práticas que ultrapassam, desviam e subvertem o modelo hegemônico, tanto o discurso médico-psiquiátrico como o discurso moralista-cristão sofrem transformações. Na próxima subseção, apresento a contra-análise do texto *Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte II – O retorno)*.

6.4 Contra-análise do texto transversal: Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte II – O retorno)

Neste momento, assim como realizado na primeira técnica, trago em um texto literário o resultado da transversalização dos confetos e dos problemas produzidos no desdobramento da técnica dos retalhos quando o grupo produziu o Estandarte do ser jovem em meio à heteronormatividade. Logo abaixo, apresento o texto em questão e na próxima subseção exponho o resultado da contra-análise deste texto.

Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula Parte II – O retorno

Apreensivos e com medo de dormirmos na rua, saímos da parada de ônibus e fomos buscar um canto em outro lugar. Já estava tarde e nós estávamos cansados de tanto andar. Enquanto buscávamos um abrigo para passar a noite, vimos o **Ser jovem fora-da-bola-espaco-fechado**, então aproveitamos para pedir informações. Perguntamos onde poderíamos encontrar um lugar para descansarmos até o primeiro ônibus do dia seguinte passar. Ele pediu que tomássemos cuidado e nos orientou a ir até uma escola que ficava na esquina, pois lá teríamos ajuda.

Seguimos seu conselho e nos dirigimos à escola. Chegando lá, fomos recebidos pela jovem Dora que, junto com um grupo de pessoas de diferentes idades, utilizava o espaço e as sobras dos materiais usados na escola para construir estandartes durante os fins de semana.

Nunca tínhamos escutado falar de estandartes e ficamos curiosas/os para saber mais detalhes. Então, Dora nos explicou que as/os jovens ao se juntarem com idosos e adultos, podem promover a criação de condições capazes de possibilitar a solução de problemas sociais, a exemplo disso nos mostrou a **Junção-cada-um-da-sua-própria-forma** que é o Estandarte que une ideias, objetivos e esperança de um mundo normal sem a heteronormatividade. Os jovens, os adultos, os idosos poderiam se juntar mais para resolver os problemas sociais, o preconceito racial, religioso, escolha sexual... preconceitos de várias formas. Porque existe preconceito na forma de se vestir, na forma de andar, nas músicas que cada pessoa escuta, com quem anda ou com quem deixa de andar. Se cada um juntasse um pedacinho para resolver esses problemas o mundo poderia ser melhor. Fiquei refletindo: Como a/o jovem pode se juntar aos demais para resolver os problemas sociais?

Dora, continuou nos mostrando outros estandartes e dentre eles, destacou o estandarte **Cada-um-da-sua-própria-forma** que são muitas pessoas que pensam só com elas mesmas como poderia ser um novo mundo, cada um da sua própria forma. Por isso que tem muitas ideias divididas. Ela explicou

que esses dois estandartes são opostos, pois o primeiro une ideias de jovens, adultos e idosos para resolver problemas sociais. Já no segundo é cada um com sua própria forma, com ideias divididas. Diante do contexto atual, como ligar o estandarte das gerações (jovens, adultos e idosos) com aquele que é feito dividido para enfrentar a heteronormatividade?

Em seguida, ela nos convidou a nos juntarmos aos demais e costurarmos os nossos estandartes, pois eles nos ajudariam a revelar nosso potencial de transformar a realidade social em que estamos inseridas/os. Neste processo de construção do Estandarte, a costura foi realizada somente pelas meninas, pois os meninos, alegando não saber costurar se dedicaram apenas a tarefa de montar o suporte do Estandarte. O que pensar dessa atitude? Seriam os meninos jovens-regras?

Mesmo assim, aceitamos o desafio e costuramos os estandartes. Só que quando começamos a montagem sentimos diversas sensações! Alguns de nós tiveram a **Sensação-em-grupo-aprendem-sina-solta-aquilo-que-tá-presos** porque todos estão reunidos em um grupo, no qual cada um tem suas opiniões, saberes, conhecimento, imaginação e ideias. Cada um com seu ponto de vista conseguiu construir esse Estandarte, ajudando o outro e absorvendo mais conhecimento, a imaginação e as ideias. Ao mesmo tempo ensinamos e aprendemos juntos. O que ajudou a gente a se conhecer melhor. Semelhante a essa sensação, alguns experimentaram a **Sensação-botar-para-fora-minha-visão** porque a gente pode ver cada um botando pra fora tudo aquilo que sente e pensa no dia a dia e o que gostaria de mudar na sociedade de hoje. A gente percebe que cada um quer mudar muita coisa nos dias de hoje. Coisas que a gente não gosta, como o preconceito em todos os aspectos e muita coisa ruim que acontece e a gente vê e não gosta e gostaria de mudar. Cada um mostrou aquilo que gostaria de mudar. Cada um pode mostrar a sua visão do que quer mudar, principalmente o preconceito.

Diferente das duas primeiras houve quem teve dificuldade em ficar em silêncio e acabou sentindo a **Sensação-dificuldade-em-ficar-em-silêncio-e-calado** é que todos nós temos dificuldade em ficar em silêncio, mas foi muito bom a gente expor as nossas ideias e juntar todas. É bom trabalhar em equipe, trabalhar em grupo. Só não foi bom a parte de ficar calado.

Em meio a tudo isso refletimos sobre a necessidade de pensarmos as/os jovens enquanto pessoas capazes de intervir e controlar suas próprias vidas, constituindo outros modos de ser jovem para além do instituído e considerado normal. Enquanto fazíamos essa reflexão, Dora nos convidou a segurar nossos estandartes e sentir suas potências. Sadboy foi o primeiro. Ele segurou o estandarte **Ser-jovens-libertos-eles-mesmos** que é o estandarte em que os jovens não precisam ter medo de se expressar, de ser liberto. Porque hoje, muitos jovens são presos por causa do preconceito. Aí eles não precisam ter medo de se expressar e podem ter o desejo de ser ele mesmo, direito de sonhar mais, de ter voz na sociedade. O nome dele representa todos nós que tem uma visão de um novo mundo, de um mundo novo com a gente dentro dele, não só fantoches guiados por outros, mas a gente mesmo com nossas próprias pernas caminhando. Tendo vontade e realizando. São visões de um novo mundo no qual não há preconceitos, um mundo sem te difamar, sem te dizer o que tu pode e o que tu não pode fazer. Sem te dizer: ah tu pode fazer isso porque tu é mulher ou ah tu não pode fazer isso porque tu é homem. É ter direitos iguais. Ter voz na sociedade. Ao segurar esse estandarte ele relatou sentir a **Potência-liberdade** que é sentir a liberdade nas mãos, não só a liberdade, é como poder segurar algo irreal ao agarrar o Estandarte-novo-mundo do ser jovem em meio a heteronormatividade. Algo que existe só nas imaginações. É o corpo poder ir além do limite dele, poder ir além das normas. Quando o jovem segura o Estandarte tem liberdade, pois o jovem deve ser mais liberto porque hoje ele tá muito preso a uma voz, ele tá muito preso a uma sociedade de muito preconceito e muita poluição, não só fisicamente, mas mentalmente pelo falar.

Ficamos muito esperançosos com o que ouvíamos, pois quando a/o jovem segura o estandarte tem liberdade para ir além das normas, conseguindo ser mais liberto/a. Eu questioneei: Como o jovem pode ser mais liberto em nossa sociedade? Antes que alguém respondesse, Rosinha disse que queria ser a próxima a segurar o estandarte. Para a surpresa de todos, na hora que ela segurou, teve uma potência diferente da anterior, pois ela sentiu a **Potência-melhoria-para-o-mundo** que é aquela que cada um de nós pode expor as ideias para mostrar pra sociedade que tem direito de voto, de voz, preferências, opções, sonhos. Expor a imaginação em busca de um mundo melhor para todos onde cada um vai poder ter suas próprias opiniões e decisões sem que os outros atrapalhem as opções, os desejos, os caminhos e as escolhas. Segurar esse estandarte foi sentir a sensação de melhoria para o mundo. É como se tivesse mudando, fazendo do mundo um lugar melhor para que cada um pudesse tomar suas próprias decisões, escolher o que quisesse e seguir o caminho que quer.

Tudo isso, nos fez expor nossas ideias e observar a importância de se considerar a subjetividade juvenil e possibilitar a visibilidade das questões que envolvem as jovens e os jovens no contemporâneo, o que nos fez experimentar a **Potência-jogar-tudo-para-fora** é quando o jovem segura o Estandarte-visões-de-um-novo-mundo do ser jovem em meio a heteronormatividade e tem um certo alívio, uma alegria. Tira um pouco o que estava preso dentro de si, que estava engasgado, que não deixava se expressar e acaba jogando tudo pra fora quando segura o estandarte. Quando o corpo segura o estandarte ele dá incentivo a outros jovens se expressarem. Deixarem de ficar presos e começar a jogar suas ideias pra fora, para o mundo... esse estandarte mostra a realidade de cada um. Mostra que existem várias pessoas, mas que nenhuma é igual, cada um tem uma história e cada um tem um tipo de viver.

Depois de tudo que havíamos visto e vivido nos lugares que passamos, refletimos sobre a necessidade de levar esses estandartes para nossa escola e, principalmente para os lugares em que as/os jovens não podem ser eles mesmos. Durante nosso Rolézim, nós conhecemos outros modos das/os jovens se inscreverem no tempo presente, e com isso criarem outras relações com o próprio espaço em que vivem. Percebemos também que precisamos resistir ao que nos impõem! E ao que nos dizem como verdade! Assim, ao segurar meu estandarte eu questioneei: Que outras potências juvenis poderíamos criar na contemporaneidade? Como podemos promover mudanças depois de tudo que vivemos e sentimos? Esses questionamentos foram a nossa saideira, pois já estava anoitecendo e precisávamos voltar para casa. Assim, nos despedimos, agradecemos os aprendizados e colocamos o pé na estrada.

6.5 Resultado da contra-análise do texto transversal: Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte II – O retorno)

Continuando com contra-análise, o terceiro momento foi para apresentar o texto *Artemis e as/os jovens mascaradas/os: Rolézim depois da aula (Parte II – O retorno)*, continuação do conto anterior criado com a utilização dos dados produzidos no desdobramento da Técnica *Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade*. Assim, como feito com o primeiro texto, o grupo-pesquisador, em duplas, leu, marcou, anotou e discutiu entre si sobre suas impressões. Finalizada esta etapa, iniciei a leitura oralizada e, durante esta leitura, o grupo-pesquisador destacou aquilo que havia marcado ou anotado no momento da leitura silenciosa. Desse modo, uma parte do conto que chamou a atenção das copesquisadoras e dos copesquisadores diz respeito pergunta que sucedeu essa passagem textual:

Em seguida, ela nos convidou a nos juntarmos aos demais e costurarmos os nossos estandartes, pois eles nos ajudariam a revelar nosso potencial de transformar a realidade social em que estamos inseridas/os. Neste processo de construção do Estandarte, a costura foi realizada somente pelas meninas, pois os meninos, alegando não saber costurar se dedicaram apenas a tarefa de montar o suporte do Estandarte. **O que pensar dessa atitude? Seriam os meninos jovens-regras?**

Eu acho que o fato dos meninos não querem costurar é coisa da heteronormatividade. Porque eles pensam que é coisa de mulher e não de homem. Isso é imposto pela família e pela sociedade desde que nascemos. É como acontece em nossas casas quando nosso pai fala para a menina lavar as

louças enquanto o menino brinca ou fica sem fazer nada. Se a gente reclama, o pai fala que isso [serviços domésticos] é coisa de mulher e acaba sendo ensinado que isso é coisa de mulher mesmo e não de homem. Por isso que os meninos não quiseram costurar porque foi ensinado desde sempre que isso [costurar] não é pra eles. É coisa de menina!

Quando uma criança nasce, encontra uma complexa rede de desejos e expectativas de comportamentos, gostos e subjetividades para seu futuro, levando-se em consideração para projetá-las o fato de ser uma menina ou um menino, ou seja, ser um corpo que tem uma vagina ou um pênis. Desse modo, após o nascimento da criança, as tecnologias discursivas, por meio das proibições e afirmações, dirigem-se à preparação dos corpos para que desempenhem com êxito o gênero. Bento (2011, 552) colabora com essa reflexão:

As reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: “Pare com isso! Isso não é coisa de menino!”. A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada “menino não chora!”, “comporta-se como menina!”, “isso é coisa de bicha!”, a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada.

Há um controle minucioso na produção da heterossexualidade que nos apresenta, desde o nascimento, uma única possibilidade de construirmos sentidos identitários para nossas sexualidades e gêneros. Nesse processo, a família é uma importante instituição para a formação das subjetividades, uma vez que se caracteriza pela reprodução das normas com divisões binárias das tarefas a partir das diferenças sexuais (ao homem a rua, à mulher o lar), limitando a noção de família aos marcos da heterossexualidade (BENTO, 2012).

Dei continuidade à leitura e as copesquisadoras e os copesquisadores solicitaram destaque para o seguinte questionamento: **Como o jovem pode ser mais liberto em nossa sociedade?** A partir deste questionamento o grupo-pesquisador respondeu:

Na sociedade a gente vive como fantoches guiados o tempo todo pelas pessoas que dizem como a gente tem que ser e se comportar. Então, pra gente viver sem estar sendo guiado pelos outros é preciso tomar uma decisão porque tudo que a gente faz tem uma consequência. Chega um momento da vida que você escuta as pessoas dizendo o tempo todo que determinada coisa é certa, mas com o tempo você percebe que não é certo e você passa a fazer o que você quer porque você percebe que pode fazer uma coisa diferente daquilo que aquelas pessoas estavam dizendo para você fazer. Então, pra ser mais libertos, precisamos deixar de nos importar com a opinião dos outros e passarmos a fazermos nossas próprias escolhas. Hoje em dia as pessoas se importam muito com o que os outros falam. É bom ser diferente! Você sendo homossexual,

you will get used to being different, but you won't get used to the criticisms and the prejudice. You choose whether you will continue to live your life, even though you are different, or you will continue to isolate yourself. For example, at the beginning I hid from everyone that I was a lesbian because I had this fear that society was judging me, criticizing me and saying that I was not normal. After I saw that if people spent all their time hiding from things, they would not achieve anything. They won't be able to live! They won't be able to be free!

To subsidize this report, I use as an intermediary the French sociologist Pierre Bourdieu (1983), who teaches that the individual is a social agent who relates to the objective and structural conditions of the social space in which he lives, acting through a *habitus*, a set of values and customs, incorporated since birth, through family coexistence and the experience in the group of origin. These values and customs, in most cases are perceived as natural and orient the social agent determining his tastes, his way of dressing, his way of speaking, his musical preferences, artistic, among others, or, in other words, his way of being, of placing himself and of relating to the world. In this way, for young people to be different and free in our society it is necessary that they and they create gaps in the dominant subjectivity system, which implies assuming emancipatory duties and other ways of being and living capable of shocking and piercing the wall of heteronormativity. With this understanding, I direct myself to wrap up the threads of a provisional conclusion

7 ARREMATANDO FIOS DE UMA CONCLUSÃO PROVISÓRIA

Quando se realiza o viver, pergunta-se: mas era só isto? E a resposta é: não é só isto, é exatamente isto.

(Clarice Lispector)

Principiei a escrita deste trabalho com o seguinte questionamento: por onde iniciamos um texto? Em um ensaio de resposta, tomando como inspiração Deleuze & Parnet (1998), comecei pelo meio, mostrando os desdobramentos que me tornam pesquisadora desta temática, ressaltando que estudar o ser jovem em meio à heteronormatividade nasceu de um desejo de não apenas estudar os discursos especializados sobre a heteronormatividade, mas de privilegiar a fala das/os jovens do Ensino Médio da escola pública dentro de sua lógica discursiva, acerca do que é ser jovem em meio à heteronormatividade, bem como o modo como pensam o modelo imposto no qual encontram-se inseridas/os.

Agora, neste momento de conclusão, ainda provisória, indago-me: por onde finalizamos um texto? Confesso que, ainda, não tenho resposta para tal questão, porém trago memórias, marcas, histórias e mudanças provocadas por esta caminhada investigativa que iniciou-se há 24 meses atrás. Já não sou mais a mesma Samara Layse da Rocha Costa, jovem, pedagoga e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI. Devo isto à sociopoética, cheia de suas possibilidades artísticas, científicas e filosóficas que me desterritorializou e me reterritorializou na caminhada até aqui e ao grupo-pesquisador que, com toda sua inventividade e potência, me afetou e me (trans)formou com suas histórias, inquietações e sensibilidades.

Nessa pesquisa, pude perceber, por meio de seus pensamentos e dos seus corpos, o que há do passado no presente de outro modo na vida das/os jovens do CETI Profa. Maria da Conceição Salomé. Aprendi a importância de um Grupo-pesquisador que se fez filósofo, ativo e presente o tempo todo, produzindo confetos e problemas sobre o tema-gerador: o ser jovem em meio à heteronormatividade.

Para além dos saberes contidos nos livros das/os especialistas, aprendi, como é ser jovem em meio à heteronormatividade com as/os jovens do Ensino Médio que criaram questões relacionadas às suas existências, que não estão nos livros e manuais, mas em seus corpos, seus gestos, seus modos de ser jovem para além do instituído como normal.

Em nossas vivências sociopoéticas, foram produzidos dados que mostram a desconstrução de ideias naturalizadas sobre o ser jovem e sua relação com a

heteronormatividade, possibilitando, através da criação de problemas e confetos, outras formas de pensar esta temática para além do instituído e imposto socialmente. O que reafirma a potência da sociopoética na produção de conhecimento e desconstrução das identidades prontas e dos essencialismos, oportunizando a autotransformação e a criação de devires do grupo-pesquisador.

Desse modo, vejo-me, ao final deste estudo como um corpo artista, potente e capaz que se lançou em uma viagem chamada mestrado. Na qual, eu pude perceber que o que importa, é o andar e não o chegar, pois o que interessa é o movimento e as mudanças que se deram ao longo do trajeto desses dois anos.

Nesta caminhada, tive muitas disciplinas, intervenções sociopoéticas, estudos e reflexões que me causaram estranhamentos, encantamentos e deslocamentos que me permitiram pensar sobre outros aspectos e concepções acerca das juventudes e da heteronormatividade, me possibilitando criar linhas de fuga para pensar e questionar os discursos de verdade sobre gênero e sexualidade que engendram processos de normalização e que são produzidos na sociedade e disseminados na escola como verdades únicas e absolutas.

Esse percurso de estudos me possibilitou desenhar os objetivos desta pesquisa, que com a sociopoética como abordagem de pesquisa permitiu meu caminhar de modo que agora ao final posso dizer que retalhos foram cortados, alinhavados e costurados pelas/os jovens que criaram o Estandarte do ser jovem em meio a heteronormatividade, permitindo-me analisar os confetos produzidos por estes/as jovens estudantes, identificando suas singularidades com o uso de máscaras e percebendo o que pensam, seus problemas e suas estratégias de enfrentamento dos problemas vivenciados pelo ser jovem em meio à heteronormatividade.

Em sua autoapresentação, as/os jovens desta pesquisa chamaram atenção para alguns dos muitos problemas vivenciados pelas juventudes no contemporâneo como o uso de drogas, roubos, assassinatos, a não aceitação dos pais que tem filhas/os homossexuais e o preconceito sofrido por jovens LGBTs e por jovens que pertencem ao *hip hop*. Em suas narrativas de si, evidenciaram que pertencem à distintas categorias de sexualidade, etnia, religião e classe e, reivindicaram o direito à voz, ao amor, à compreensão, à paz, à harmonia e à felicidade.

Vejo-me como um corpo que se dispôs a pesquisar junto com jovens estudantes do Ensino Médio que por meio de seus relatos carregados de dores, desejos, sonhos e denúncias, fizeram aflorar questões que vão além do ser jovem em meio à heteronormatividade. Jovens que vivem em meio à **Ditadura-da heteronormatividade** espaço fechado onde as normas de ser homem e mulher são impostas aos jovens que têm que segui-las como robôs, não têm direito a escolha sexual. Estas pessoas não são culpadas de serem robôs, foi imposto, ensinado, não

tenham escolha. Neste lugar, o ser jovem não hetero e não totalmente hetero não entram estão bloqueados porque são diferentes.

Em meio à essa Ditadura-da-heteronormatividade, existem lugares totalmente bloqueados para as/os jovens homossexuais como a **Esquina-paralela** e **Espaço-fechado do ser jovem em meio à heteronormatividade**, lugares sem aceitação e totalmente bloqueados para quem não é heterossexual. Contudo, também há lugares sem preconceitos como o **Planeta-ponte-liberdade-de-expressão da heteronormatividade**, onde as/os jovens podem ser aquilo que quiserem sem impedimentos nem julgamentos.

Nos lugares fechados as/os jovens homossexuais enfrentam rejeição por parte dos familiares através do **Impedimento-pai** e enfrentam problemas como o **problema-água-chuva do ser jovem em meio à heteronormatividade** que arrasta e não salva jovens homossexuais. No entanto, nesse contexto heteronormativo, as/os jovens criam estratégias como a **Estratégia-travessia-barco**, **Estratégia-ajuda-amigos**, **Estratégia-olhar-eu** dentre outras e encontram pessoas que as/os ajudam no enfrentamento dos problemas vivenciados em meio à heteronormatividade. Também há jovens como o **Ser-jovem-fora-da-bola-espaço-fechado** que escapam dessa Ditadura-da-heteronormatividade e ousam viver fora desses espaços-fechados para suas existências.

São jovens que têm a **Potência-melhoria-para-o-mundo** e buscam expor suas ideias em busca de um mundo melhor, buscam mostrar para a sociedade que tem direito ao voto, à voz, opções e sonhos, pois as/os jovens devem ser mais libertas/os em nossa sociedade e se emancipar da voz que diz o que deve ser feito por elas e eles o tempo todo, por isso a **Potência-liberdade**.

No que se refere às oficinas de negociação, de produção de dados e análise pelas copesquisadoras e pelos copesquisadores, momentos descritos e refletidos ao longo desse trabalho, o grupo-pesquisador mostrou toda sua potência e inventividade, possibilitando a criação de consistentes e variados confetos e problemas, apontando a heterogeneidade de pensar o ser jovem em meio à heteronormatividade, demonstrando outros modos de ver a si e o mundo.

Depois desses movimentos citados anteriormente, dediquei-me aos estudos transversais, momento que eu considero o mais difícil e doloroso dessa pesquisa. Nessa fase, cheia de idas, vindas, correções, ligações e e-mails, pensei que não iria conseguir. Via o tempo passar e eu não conseguir deixar o pensamento do grupo-pesquisador claro em meus estudos. Isso me angustiava e me travava diante dessa importante missão. Assim, busquei ajuda nos teóricos cujas obras são referências dessa pesquisa, colocando-os em diálogo com os confetos e os problemas produzidos pelo grupo-pesquisador. Esse movimento, embora cansativo e

angustiante me possibilitou ver e reparar os dados da pesquisa e assim, apresentar o pensamento do grupo-pesquisar de maneira lúdica através dos textos literários.

Finalizado esse momento de angustia e espera, pude realizar a oficina de contra-análise, na qual levei com muita alegria dois textos transversais em que as copesquisadoras e os copesquisadores puderam ver os devires e os fluxos do seu pensamento. Com encantamento, destacaram aquilo que mais lhes chamou atenção em cada texto, como os confetos **Ditadura-da-heteronormatividade** e **Estratégia-mundo-paralelo-do-ser-jovem em meio a heteronormatividade**, bem como as perguntas **Será que o passado está no presente de outro modo? O que mudou no ser jovem em meio à heteronormatividade? O que pensar dessa atitude? Seriam os meninos jovens-regras? Como o jovem pode ser mais liberto em nossa sociedade?**

Nesse processo, destaco o difícil papel da facilitadora na preparação das técnicas e condução das oficinas, momento em que tive a importante colaboração da minha orientadora e das sociopoetas Dolores Vieira e Vicelma Sousa que ensaiaram comigo a técnica dos Retalhos e do Estandarte. Mesmo com toda ajuda e preparação, enquanto facilitadora, tive muito medo dos imprevistos, de não saber conduzir as oficinas, de não seguir os planos corretamente ou me deixar prender a eles como camisas de forças e, principalmente de não dar passagem para os acontecimentos da pesquisa. Destaco como exemplo, a ausência de uma das copesquisadoras na oficina de produção de dados, imprevisto que me desterritorializou. Me vi em uma encruzilhada: faço ou não faço a oficina? Já me comprometi com a direção da escola e com as/os demais participantes, pensei eu! A oportunidade era aquela, assim, mesmo com medo de minha atitude acarretar algum prejuízo para a pesquisa, resolvi arriscar e fazer a oficina com uma copesquisadora a menos.

Assim, em meio aos meus estranhamentos, medos, inseguranças e angustias percebi o quanto essa preparação é fundamental para que possamos ver o acontecimento chegar e o imprevisto ser capturado, pois esse movimento traz dados emergentes e necessários à pesquisa. Hoje compreendo que esse medo de não saber, ao passo que me desterritorializou também me potencializou e foi importante para a produção de sentidos.

Nessa caminhada investigativa, aprendi comigo e aprendi ainda mais com as/os outras/os, num desencadear de potências criadoras e desconhecidas que estavam adormecidas em meu corpo e no corpo das/os jovens do CETI Profa. Maria da Conceição Salomé. Aprendi a escutar, perceber as falas, o ritmo do corpo de cada jovem, para, assim, favorecer a produção do conhecimento, a movimentação e transformação do grupo-pesquisador.

Por fim, para finalizar, este meu desenho de conclusão provisória, posso afirmar que os objetivos propostos neste trabalho foram alcançados e que a produção dos dados se deu para além das finalidades desses, os quais encontram-se abertos para ampliação por outras/os pesquisadoras e pesquisadores. Sublinho que esta é uma pesquisa que me fez aprender sobre o corpo, a arte, a/o jovem e a vida em suas inúmeras nuances. Nela, capturei e deixei-me capturar pelas juventudes e pelo pensamento das copesquisadoras e dos copesquisadores que se aventuraram comigo nesta investigação.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. 448 p.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude o Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Mai./Jun./Jul./Ago. 1997 n° 5 Set./Out./Nov./Dez. n° 6.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia (Org.). **Quebrando mitos**: juventudes, participação e políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventudes; resumo executivo, Brasília: RITLA, 2009.

_____. **Juventude, juventudes**: o que une e o que separa. Brasília: UNESCO, 2006. v. 1. 744p.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa A Sociopoética e os cinco princípios. In: _____. *et al.* (Org.). **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: Eduece, 2014. p. 19-35.

_____. **Corpos de Rua**: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____. **Jovens e educadores de rua**: itinerários poéticos que se cruzam pelas ruas de Teresina. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

ANDRADE, Sandra dos Santos; MEYER, Dagmar Esterman. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 1/2014, p. 85-99. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe-1/a07.pdf> Acesso em: 04/11/2017

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro, 2007.

_____. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio, Brasília: UNB, 1997.

BENTO, Berenice. As famílias que habitam “a família”. **Soc. e Cult.**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 275-283, jul./dez. 2012

_____. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): p. 548-559, mai./ago. 2011.

_____. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo** – Método Boal de Teatro e Terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOFF, Leonardo. **A Águia e a Galinha**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona Bellaterra, 2001

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para uma educação entre pares: diversidades sexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, v. 8, 2011.

_____. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>. Acesso em 17 de outubro de 2018.

_____. **Lei nº 7.005, de 24 de julho de 2017**. Conselho Estadual dos Direitos da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Diário Oficial, Teresina – PI, 24 jul. 2017. Seção 1, p. 1. Disponível em: <http://www.diariooficial.pi.gov.br/diario.php?dia=20170724>. Acesso em: 10/08/2017,7

_____. **Marcos da Política Nacional de Juventude**. Disponível em: <http://www.secretariadegoverno.gov.br/iniciativas/juventude/politica-nacional/marcos-da-politica-nacional-de-juventude>. Acesso em: 06/10/2017

_____. **Senado aprova o Estatuto da Juventude**. Disponível em: <http://www.secretariadegoverno.gov.br/noticias/2013/04/17-04-2013-senado-aprova-estatuto-da-juventude> Acesso em: 06/10/2017

_____. **Senado aprova PEC 42/2008**. Disponível em: <http://www.secretariadegoverno.gov.br/noticias/2010/07/08-07-2010-vitoria-da-juventude-brasileira-senado-aprova-pec-42-2008>. Acesso em: 06/10/2017

BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Os sentidos da presença dos jovens no Ensino Médio: representações da escola em três filmes de estudantes. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, nº 129, p. 1223-1240, out-dez., 2014

BRÍCIO, Vilma Nonato de. **A construção de gênero e sexualidade no currículo: uma investigação sobre o enfoque pós-estruturalista**. 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST53/Vilma_Nonato_de_Bricio_53.pdf Acesso em: 06/08/2017

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. IN: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **Corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 83-111, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, G. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução Tomaz T. da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 151-171.

CENSO DEMOGRÁFICO 2000. **Características gerais da população: resultados da amostra**. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/censo2000_populacao.pdf Acesso em: 04/08/2017

CONJUVE. Conselho Nacional de Juventude et al (Org). **PEC da Juventude nº 42/2008: O Brasil precisa, a juventude quer!** Brasília, maio de 2010.

CORAZZA, Sandra Mara. **Currículo na contemporaneidade**. 2008. Disponível em: https://www.unifebe.edu.br/04_proeng/formacao_continuada/2008_2/material_palestras/curriculo_na_contemporaneidade.pdf Acesso em: 04/07/2017

COSTA, Samara Layse da Rocha. **Silêncio entre os muros: reflexões sobre a homofobia e as práticas de enfrentamento no ambiente escolar**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno das socializações juvenis. **Educ. Soc.** Campinas, vol. 28, n. 100, p. 1105 -1128, out. 2007.

_____. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DUARTE, Diana Dayane Amaro de Oliveira. **Arte dos Parangolés, confetos e resistência a heteronormatividade: Uma pesquisa Sociopoética**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –UERN. MOSSORÓ – RN, 2016.

FELIPE, Jane; BELLO, Alexandre Toaldo. Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da Educação Infantil. IN: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.) **Diversidade Sexual na Educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 141-157, 2009.

FONSECA, Tania Maria Galli. **Cartografia e devires: a construção do presente** (Org). Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 21º ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **O corpo utópico, as heterotopias.** Posfácio de Daniel Defert. [Tradução Salma Tannus Muchail]. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

_____. **A história da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Os anormais.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: vozes, 1999.

FREIRE Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** - São Paulo, Abril Cultural. Brasiliense, 1985. (Coleção primeiros passos: 26)

GONDINHO, Eunice Maria. **Educação e disciplina.** Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

GAUTHIER, Jaques. Dimensão da Espiritualidade na Pesquisa em Ciências Sociais. In: SANTOS, I. dos *et al.* (Org.). **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais: abordagem sociopoética.** São Paulo: Editora Atheneu, 2005. p. 115-136.

_____. **O oco do vento: Metodologia de pesquisa Sociopoéticas e estudos transculturais.** Curitiba, PR: CRV, 2012.

_____. **Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação.** Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery, UFRJ, 1999.

_____. **Sociopoética: o livro do iniciante e do orientador.** Mimeografado, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, v.5, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUATTARI, Félix. **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional.** Tradução Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. Aparecida, SP, Ideias e Letras, 2004.

HIDALGO, Luciana. Arthur Bispo do Rosário: um artista a dois metros do chão. IN: SILVA, Vagner Gonçalves da. (Org) **Artes do corpo.** São Paulo: Sele negro, 2004. (Memória afro-brasileira. v.2). p. 225-249.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. **Revista Espaço do Currículo.** V.2, N. 2, 2010.

_____. A Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Revista Educação On-line PUC-Rio** nº 10, p. 64-83, 2012. Disponível em http://www.maxwell.lambda.ele.pucRio.br/rev_edu_online.php?strSecao=input0 Acesso em: 14 de outubro de 2018.

_____. “Aqui não temos gays nem lésbicas”: estratégias discursivas de agentes públicos ante medidas de promoção do reconhecimento da diversidade sexual nas escolas. **Bagoas**. n. 04, p.171-190, 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04art09_junqueira.pdf>. Acesso em: 14 de outubro de 2018.

LAPASSADE, Georges. Os rebeldes sem causa. In: BRITO, Sulamita (org.). **Sociologia da juventude III: a vida coletiva juvenil**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1968.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. Coleção Educação: Experiência e Sentido.

LOURO, Guacira Lopes (Org.) **Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

_____. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. Ed. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Gênero, história e educação: construção e desconstrução**. Educação e realidade. vol. 20. Jul/dez, 1995. P. 101-132

_____. Heteronormatividade e Homofobia. IN: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.) **Diversidade Sexual na Educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, p. 85-93, 2009.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano. A escola como espaço da disciplina e da transgressão. In: _____. VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs). **Um dispositivo chamado Foucault**. Fortaleza: LCR, 2002. (Coleção Diálogos Intempestivos).

MARTIN, Didier; ROYER-RASTOLL, Phillipe. **Sujets et Institutions** – Analyste et Analyseur vol.II. Paris: L’Harmattan, 1989.

MARTINS, Lucivando Ribeiro. **ENTRE OCÓS, TRUQUES E ATRAQUES: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras Trans do projeto TRANS FORMA AÇÃO**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) Universidade Federal do Piauí – UFPI. Teresina- PI, 2016. 218 f.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012. – (Série Cadernos da Diversidade, 6)

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado** – questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. **Esboço de crítica à escola disciplinar**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

OLIVEIRA, Valdirene Alves de. **As políticas para o Ensino Médio no período de 2003 a 2014: disputas, estratégias, concepções e projetos**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Goiânia 2017.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional. 2ª Edição, 2003.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, ANPED, n. 5/6, 1997.

PETIT, Sandra Haydée. Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (Orgs.). **Tudo que não inventamos é falso: dispositivos para pesquisar, ensinar e aprender com a Sociopoética**. Fortaleza: Eduece, p. 21-39, 2014.

QUADRADO, Raquel Pereira. Práticas bioascéticas contemporâneas: notas sobre a produção dos corpos nas diversas instâncias sociais. In: **II seminário corpos, gênero, sexualidade e relações étnico-raciais na educação** (recurso eletrônico/ 136 Fabiane Ferreira da Silva, Diana Paula Salomão de Freitas. Organizadoras. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2012.

SALA, Arianna. Opção x Orientação Sexual. **Canal SAP**. 2012. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=nV2Vjn9Pf3I&playnext=1&list=PLiX7GB_A3TPhYTpQ7gLmCh5vcAdce3_V2&feature=results_video>. Acesso em 6 de novembro de 2018.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**. n. 28, janeiro-junho de 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>. Acesso em 2 de janeiro de 2018.

SEFFNER, Fernando. Formação docente nos temas de gênero, sexualidade e culturas juvenis: conhecimentos, práticas e disposições sociais. In: **II Seminário Corpos, Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-raciais Na Educação** (Recurso Eletrônico/ Fabiane Ferreira Da Silva, Diana Paula Salomão De Freitas Organizadoras. URUGAUAIANA, RS: UNIPAMPA, 2012. 225 P.

SILVA, Jackson Ronie Sá da. **“Homossexuais são...”** revisando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva *queer*. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

SILVA, Roselani Sodrê da; SILVA, Vini Rabassa da. POLÍTICA NACIONAL DE JUVENTUDE: trajetória e desafios. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24n63/13.pdf>. Acesso em: 05/11/2017

SOUSA, Vicelma Maria de Paula Barbosa. **Rap de “Quebrada”**: construção de sentidos e saberes pelos grupos de rap – “A Irmandade” e “Reação do Gueto” de Teresina-PI. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) Universidade Federal do Piauí – UFPI. Teresina- PI, 2012. 186 f.

SOUZA, Candida de; PAIVA, Ilana Lemos de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia**, 17(3), setembro-dezembro/2012, 353-360. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v17n3/02.pdf>. Acesso em: 05/10/2017

SGANZERLA, Ilciane Maria; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 295-309, ago. 2010.

SPARGO, Tasmim. **Foucault e a teoria queer**. Tradução Vladimir Freire – Rio de Janeiro: Pazulim; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006. 67 p. (Coleção Pós-Modernos, 5)

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com juventudes**. Brasília 2004. 304p. ISBN: 85-7652-017-6.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Tradução de Semíres Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, p. 105-118, 2001.

VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. **Maria-José-pode-ser-o-que-quiser**: jovens mulheres e as mutações do gênero na formação inicial em Pedagogia. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED. Universidade Federal do Piauí – UFPI. Teresina – PI. 2018. 317f.

WARNER, Michael. **Fear of a Queer Planet**: queer politics and social theory. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. (Org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade Trad. Tomaz T. da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

APÊNDICE A -Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA - PROPESQ
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: “OS JOVENS DITOS POR ELES MESMOS: SOCIOPOETIZANDO O SER JOVEM EM MEIO À HETERONORMATIVIDADE EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA”

Pesquisadora Responsável: Samara Layse da Rocha Costa

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí – UFPI/ Centro de Ciências da Educação – CCE / Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd/UFPI).

Telefone para contato: (86) 99479-3448

Pesquisadora Assistente: Shara Jane Holanda Costa Adad

Telefone para contato: (86) 99482-6561

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário/a, da pesquisa acima citada. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte à responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver.

Após ser **esclarecido/a** sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizado/a de forma alguma.

A pesquisa tem por objetivo Analisar confetos (conceitos + afetos) produzidos por jovens estudantes da Unidade Escolar Profa. Maria da Conceição Salomé sobre o ser jovem em meio à heteronormatividade.

A metodologia será pautada na Sociopoética, abordagem filosófica que se realiza por meio de vivências em oficinas e trabalha com o corpo por inteiro, utilizando a arte como dispositivo para o pensamento. No momento das vivências, a facilitadora observará aspectos do vivido e para a descrição do processo, será utilizado o diário de campo, as técnicas artísticas e a fotografia, pois os dados não verbais, cujo registro não se poderia restringir ao diário serão documentados visualmente pela fotografia. 2

Os relatos orais serão gravados e filmados, para isso contaremos com a autorização dos/as copesquisadores/as, através de negociações prévias, para que a pesquisadora registre fielmente o que lhe for dito, respeitando a fala e o pensamento de cada participante. Todas as medidas para garantir a segurança das pessoas participantes serão asseguradas e em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas.

A pesquisa oferece mínimo risco de dano físico, psíquico, moral, intelectual, cultural ou espiritual a você participante e tem como benefícios valorizar a fala dos jovens priorizando suas potencialidades, possibilitar aos envolvidos apropriação da prática Sociopoética e fortalecer os debates acerca do ser jovem em meio à heteronormatividade.

Informamos que os nomes de todos os sujeitos envolvidos nesta pesquisa serão substituídos por pseudônimos, portanto em nenhuma hipótese sua vida será exposta publicamente e nem sua privacidade será invadida. Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, RG: _____

CPF n.º _____, autorizo minha participação como sujeito no estudo “OS JOVENS DITOS POR ELES MESMOS: SOCIOPOETIZANDO O SER JOVEM EM MEIO À HETERONORMATIVIDADE EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA”. Fui suficientemente informado/a a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo este estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, os riscos, os benefícios, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos dados da pesquisa de campo e aos seus resultados. Autorizo voluntariamente minha participação neste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Local _____ Data ____/____/____

Nome do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

RG: _____ Assinatura: _____

Nome: _____

RG: _____ Assinatura: _____

(Somente para o pesquisador responsável pelo contato e tomada do TCLE)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Teresina, ____ de _____ de _____.

Assinatura da pesquisadora responsável

Informações: Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI

Campus Universitário Ministro Petrônio Portela – Bairro Ininga

Pró-Reitoria de Pesquisa - PROPESQ

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br Web: www.ufpi.br/cep

CEP: 64. 049-550 – Teresina/PI

Telefone: 86 3237-2332

APÊNDICE B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA - PROPESQ
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título do Projeto: “OS JOVENS DITOS POR ELES MESMOS: SOCIOPOETIZANDO O SER JOVEM EM MEIO À HETERONORMATIVIDADE EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA”

Pesquisadora Responsável: Samara Layse da Rocha Costa

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí – UFPI/ Centro de Ciências da Educação – CCE / Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPI).

Telefone para contato: (86) 99479-3448

Pesquisadora Assistente: Shara Jane Holanda Costa Adad

Telefone para contato: (86) 99482-6561

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário/a, da pesquisa acima citada. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte à responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver.

Após ser **esclarecido/a** sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizado/a de forma alguma.

A pesquisa tem por objetivo Analisar confetos (conceitos + afetos) produzidos por jovens estudantes da Unidade Escolar Profa. Maria da Conceição Salomé sobre o ser jovem em meio à heteronormatividade.

A metodologia será pautada na Sociopoética, abordagem filosófica que se realiza por meio de vivências em oficinas e trabalha com o corpo por inteiro, utilizando a arte como dispositivo para o pensamento. No momento das vivências, a facilitadora observará aspectos do vivido e para a descrição do processo, será utilizado o diário de campo, as técnicas artísticas e a fotografia, pois os dados não verbais, cujo registro não se poderia restringir ao diário serão documentados visualmente pela fotografia. 2

Os relatos orais serão gravados e filmados, para isso contaremos com a autorização dos/as copesquisadores/as, através de negociações prévias, para que a pesquisadora registre fielmente o que lhe for dito, respeitando a fala e o pensamento de cada participante. Todas as medidas para garantir a segurança das pessoas participantes serão asseguradas e em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas.

A pesquisa oferece mínimo risco de dano físico, psíquico, moral, intelectual, cultural ou espiritual a você participante e tem como benefícios valorizar a fala dos jovens priorizando suas potencialidades, possibilitar aos envolvidos apropriação da prática Sociopoética e fortalecer os debates acerca do ser jovem em meio à heteronormatividade. Informamos que os nomes de todos os sujeitos envolvidos nesta pesquisa serão substituídos por pseudônimos, portanto em nenhuma hipótese sua vida será exposta publicamente e nem sua privacidade será invadida. Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG: _____
CPF n.º _____, responsável por _____

_____, de _____ anos de idade, autorizo sua participação como sujeito no estudo “OS JOVENS DITOS POR ELES MESMOS: SOCIOPOETIZANDO O SER JOVEM EM MEIO À HETERONORMATIVIDADE EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA”. Fui suficientemente informado/a a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo este estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, os riscos, os benefícios, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos dados da pesquisa de campo e aos seus resultados. Autorizo voluntariamente a participação neste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que a criança ou adolescente possa ter adquirido.

Local _____ Data ____/____/____

Nome do sujeito ou responsável: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

RG: _____ Assinatura: _____

Nome: _____

RG: _____ Assinatura: _____

(Somente para o pesquisador responsável pelo contato e tomada do TALE)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo. Teresina, ____ de _____ de _____.

Assinatura da pesquisadora responsável

Informações: Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI

Campus Universitário Ministro Petrônio Portela – Bairro Ininga

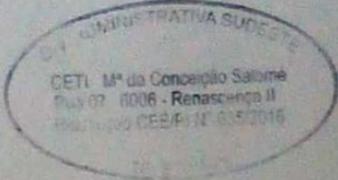
Pró-Reitoria de Pesquisa - PROPESQ

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br Web: www.ufpi.br/cep

CEP: 64. 049-550 – Teresina/PI

Telefone: 86 3237-2332

APÊNDICE C - Autorização Institucional

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA – SEDUC
21ª GERENCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
 Unidade Escolar Profa. Maria da Conceição Salomé
 Rua 7, 6006, Renascença II
 CEP: 64078-600: Teresina/ SUDESTE
 Telefone: 86 3237-7936 3236-6807
 e-mail: uemariadaconceicaosalome@hotmail.com

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Como diretora responsável da Unidade Escolar Profa. Maria da Conceição Salomé - Teresina/PI, autorizo a realização da pesquisa: “OS JOVENS DITOS POR ELES MESMOS: SOCIOPOETIZANDO O SER JOVEM EM MEIO A HETERONORMATIVIDADE EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA” e estou de pleno acordo com a Pesquisadora Responsável Samara Layse da Rocha Costa e a Pesquisadora Assistente Profª. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad que conduzirão o Projeto de Pesquisa que tem como objetivo geral: “Analisar confetos (conceitos + afetos) produzidos por jovens estudantes da Unidade Escolar Profa. Maria da Conceição Salomé sobre o ser jovem em meio a heteronormatividade”.

A pesquisa será realizada com até 15 jovens. Caso necessário, a qualquer momento, esta autorização pode ser revogada, se comprovadas atividades que causem algum prejuízo à instituição, ou, ainda, que apresentem dados que comprometam os integrantes. Declaro também, que não recebemos qualquer pagamento por esta autorização, assim como os participantes não o receberão.

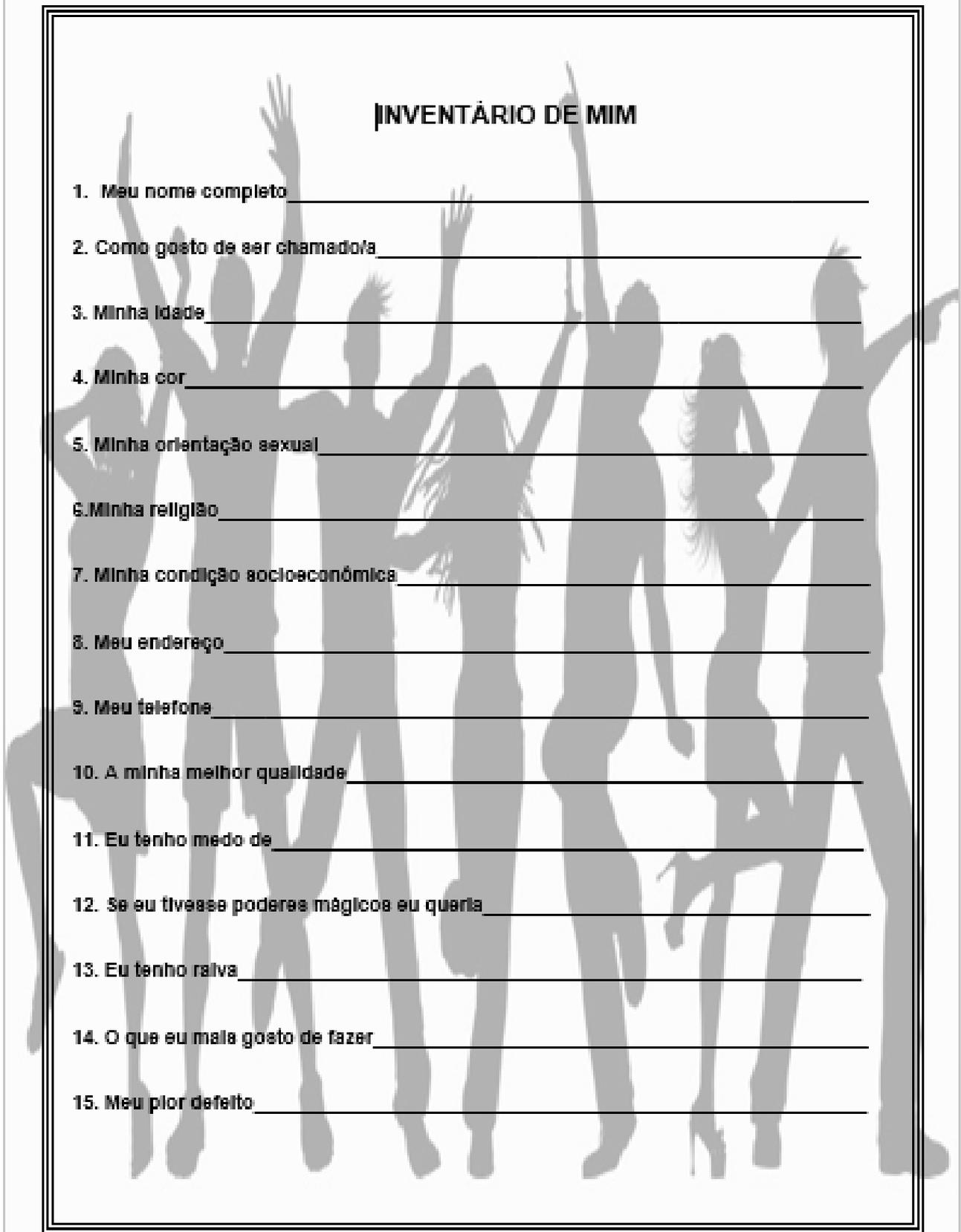
Teresina-PI, 15 de fevereiro de 2018

Márcia Mª Correia Leite
 Diretora
 Aut. Port. GSE nº 181/2017
 CPF: 287.927.773-68
 Márcia Maria Correia Leite

Diretora da Unidade Escolar Profa. Maria da Conceição Salomé

APÊNDICE D - Inventário de mim

INVENTÁRIO DE MIM

- 
1. Meu nome completo _____
 2. Como gosto de ser chamada(o) _____
 3. Minha idade _____
 4. Minha cor _____
 5. Minha orientação sexual _____
 6. Minha religião _____
 7. Minha condição socioeconômica _____
 8. Meu endereço _____
 9. Meu telefone _____
 10. A minha melhor qualidade _____
 11. Eu tenho medo de _____
 12. Se eu tivesse poderes mágicos eu queria _____
 13. Eu tenho raiva _____
 14. O que eu mais gosto de fazer _____
 15. Meu pior defeito _____

APÊNDICE E - Ilustrativo da análise classificatória das categorias na técnica retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade

<p>COPEQUISADORA: TRISTE-FELIZ NOME DO RETALHO: ESPAÇO-FECHADO DO SER JOVEM EM MEIO A HETERONORMATIVIDADE</p>
<p>Bom, foi um pouco complicado eu conseguir me concentrar muito nessa viagem, porque é a primeira vez que eu faço esse tipo de atividade de viajar, de imaginar. Eu sempre tive dificuldade de ter essa imaginação, né. (5) Eu desenhei, tipo, uma bola bem grande que era um espaço-fechado do ser jovem em meio a heteronormatividade e que continha as pessoas totalmente heteras que tem um cara que se veste de azul e uma mulher que se veste de rosa. Também tem outra que se veste de rosa e outro cara que se veste de azul. É tipo como se fosse a sociedade só de pessoas heteras. (4) Fora dessa bola-espaço-fechado do ser jovem em meio à heteronormatividade é um cara vestido de mulher e do outro lado tem dois caras que são namorados, homossexuais. Também tem duas mulheres homossexuais que são namoradas. E, também, tem uma mulher vestida de homem. (1)</p> <p>Tipo, essa Bola-espaço-fechado do ser jovem em meio à heteronormatividade ela representa a heteronormatividade que é tipo as regras que a sociedade impõe para que as pessoas sejam totalmente heteras... que homens quando nascem, tem que vestir azul... a mulher quando nasce tem que vestir rosa. Tipo, que o rosa vai representar que é mulher e o azul vai representar que é homem. (1) Quando eu estava caminhando para esse lugar Bola-espaço-fechado do ser jovem em meio à heteronormatividade apareceu um problema. Eu não estava indo sozinha, tinham pessoas ao meu redor que estavam caminhando junto comigo para entrar dentro dessa bola que é o lugar onde tem a heteronormatividade e essas pessoas que estavam junto comigo, elas não eram heteras como eu. Elas eram bissexuais e tinham umas pessoas que eram homossexuais. E eu consegui entrar, mas elas não conseguiram, elas ficaram empatadas. Essa bola está totalmente bloqueada para elas porque a sociedade não aceita. É como se fosse totalmente a regra. Tipo, a sociedade não aceita, critica, julga. Mas, as pessoas mesmo sendo julgadas, elas escolheram a sua opção. Elas, meio que se sentiram constrangidas com isso, mas isso não empatou delas ficarem com o seu próprio sexo, nem mudou a sua opinião. (2)</p> <p>Pra falar a verdade, nessa viagem que eu fiz para imaginar tudo isso eu não busquei ajuda e não teve nenhum tipo de ajuda... os pais muitas vezes não aceitam a opção. Tem uns que não aceitam de jeito nenhum e tem uns que demoram para aceitar... Foi bem complicado... (3) porque é, realmente, como os dias de hoje... uma pessoa homossexual ou bissexual tem mais ajuda dos amigos, primeiramente, pra superar o Bola-espaço-fechado do ser jovem em meio à heteronormatividade (3) Viajar pra esse lugar Espaço-fechado do ser jovem em meio à heteronormatividade não foi uma sensação boa, porque é muito ruim você ter que... tipo assim, eu sou hetero, mas eu aceito a opção sexual das pessoas. Eu achei muito ruim ter viajado para esse lugar porque esse lugar é totalmente bloqueado para as pessoas que são homossexuais porque nesse lugar existe somente as pessoas que estão incluídos na heteronormatividade, as outras ficaram totalmente de fora (5). Não que, talvez eles não pudessem entrar, mas sim porque a sociedade impõe regras... tipo, o homem é pra mulher e a mulher para o homem não pode gostar do próprio sexo. Tipo, elas julgariam... se as pessoas que ficaram do lado de fora entrassem, eles já iam olhar estranho, já iam julgar, criticar (2). No lugar da heteronormatividade os jovens podem fazer o que quiserem, mas sempre dentro desse lugar vai ter gente julgando, criticando diminuindo as pessoas. Elas vão sempre levar uma vida de preconceitos porque vão ter as regras de que elas têm que ser heteras e elas não vão se adequar (4). Eu consegui entrar, mas eu senti um aperto no coração por ver que eu entrei no Lugar da heteronormatividade, mas as pessoas que estavam comigo não entraram porque elas não são heteras e outras não são totalmente heteras. Eu fiquei triste porque elas não conseguiram entrar só porque são diferentes. (4)</p>

APÊNDICE F - Ilustrativo da análise classificatória por numeração das categorias na técnica retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade

4 LUGARES DA HETERONORMATIVIDADE

46. Nesse lugar da heteronormatividade o jovem pode ser aquilo que ele quiser ser. Sem ninguém julgar ele por aquilo que ele ta fazendo...ta dançando...ta cantando...sei lá...(4)
47. **Planeta da heteronormatividade** é o lugar que o jovem sente uma paz, um alívio, uma alegria. É melhor estar no planeta da heteronormatividade do que no planeta terra porque lá no planeta da heteronormatividade ninguém vai tá me julgando e nem falando nada ruim comigo, que me machuque e que me leve a fazer coisas ruins comigo mesma como eu já havia feito antes. (4)
48. A minha viagem eu não pensei em um lugar melhor da heteronormatividade. Eu voltei ao meu passado, lembrando as coisas que já aconteceram. Eu não penso no futuro. E até tento, mas não consigo, eu penso mais no meu passado. (4)
49. Ao viajar para esse lugar eu senti algo ruim, porque não gosto de lembrar do meu passado, mas ele sempre tá comigo. (4)
50. **Bola-espaço-fechado** do ser jovem em meio à heteronormatividade é a sociedade só de pessoas heteras. É grande e contém pessoas totalmente heteras que tem um cara que se veste de azul e uma mulher que se veste de rosa. Também tem outra que se veste de rosa e outro cara que se veste de azul. (4)
51. **Espaço-fechado do ser jovem em meio à heteronormatividade** é espaço fechado, bloqueado totalmente para aqueles que não são heteros. (4)
52. No **lugar da heteronormatividade** os jovens podem fazer o que quiserem, mas sempre dentro desse lugar vai ter gente julgando, criticando diminuindo as pessoas. Elas vão sempre levar uma vida de preconceitos porque vão ter as regras de que elas têm que ser heteras e elas não vão se adequar. (4)
53. Eu consegui entrar, mas eu senti um aperto no coração por ver que eu entrei no Lugar da heteronormatividade, mas as pessoas que estavam comigo não entraram porque elas não são heteras e outras não são totalmente heteras. Eu fiquei triste porque elas não conseguiram entrar só porque são diferentes. (4)
54. **Biblioteca-Arco-Iris** é lugar bem grande com vários livros onde se encontra vários tipos de pessoas inclusive as preconceituosas que não aceitam outras pessoas. (4)
55. **Biblioteca da heteronormatividade** é um lugar na biblioteca onde vivem pessoas-pano que ajudam e aceitam as outras pessoas como são. Os jovens nesse lugar podem ser eles mesmos no sentido de uma mulher ser bissexual ela poder ser ela mesma, gostar de mulher sem medo de pessoas julgarem ela, sem que pessoas critiquem ela pela escolha dela. (4).
56. Lugar da heteronormatividade é o lugar que não tinha preconceito e ninguém te falava o que fazer, o que vestir, o que falar, todo mundo era livre. (4)
57. No lugar da heteronormatividade cada um estava no seu devido espaço, no seu devido lugar. (4)
58. O lugar da heteronormatividade era um lugar bonito, inexplicável um lugar que se conseguia sentir muita paz. Nesse lugar o jovem pode tudo. Tudo que ele quiser ser, sem ter alguém para dizer que eles não vão conseguir ser o que quiserem ser. Nesse lugar não existe preconceito, porque cada um entende cada um (4).
59. **Esquina-Paralela** é esquina paralela à igualdade pois é uma sociedade preconceituosa, sem aceitação, como é hoje (4).
60. **Ponte-Liberdade de Expressão = L.E** é lugar de liberdade de expressão que leva ao caminho da igualdade. Que é um lugar sem preconceito e sem críticas que você pode não fazer o que quiser, mas tipo ser o que quiser. Escolher seu próprio gênero, fazer suas próprias escolhas e pensar pela sua própria cabeça. (4)
61. Quando eu estava na ponte que eu vi o lugar da heteronormatividade, eu vi um lugar igual a esse! Nada de natureza, nada de arco-íris e sol...(4)
62. Eu nunca tinha parado para pensar sobre o mundo paralelo. Eu senti, não no momento, mas depois, uma reflexão sobre como poderia ser e como é a sociedade hoje. Mundo Paralelo hoje é a sociedade sem conhecimento, sem aceitação. (4)

63. Sociedade da ponte é uma sociedade imersa no mundo igual, na liberdade de expressão. (4)
64. A heteronormatividade são normas que você tem que seguir, normas impostas é como se fosse uma ditadura só que com outro sentido (4)
65. Sociedade da ponte é um mundo sem essa definição de heteronormatividade (4)
66. Lugar que não tem direito a escolha sexual as pessoas são os robôs, um homem e uma mulher. Eles não são, propriamente, culpados de serem assim, foi o que impuseram para elas anos atrás. Digamos que foi o que foi ensinado pra eles. Eles não tinham escolha (4)
67. Quando eu estava na ponte que eu vi o lugar da heteronormatividade, eu vi um lugar escuro, um lugar que me calavam, um lugar que eu sofria, que eu não poderia me expressar. Já aconteceu isso comigo, mas eu sei da onde eu vim e eu sei que eu não aguentaria ficar num lugar assim, mesmo que eu viva ele hoje em dia. Nesse lugar o jovem só pode ficar calado e aceitar o que as pessoas impõe a ele e ele não pode ser ele mesmo. Se ele falar o mundo cai em cima dele. Não só em questão de sexo, mas de religião, um todo(4).
68. A vida não é fácil, sempre atravessaremos uma ponte que nos levará a um caminho escuro da heteronormatividade, um caminho de solidão, um caminho de normas. (4)
69. Podemos encontrar também um caminho do bem da heteronormatividade, um caminho que podemos ser nós mesmos, que teremos liberdade para impor nossos direitos, porque só seguimos... só seguimos o que as pessoas impõem pra gente, mas a gente nunca consegue ser exatamente nós mesmos. Nós tentamos, chegamos a ser um pouco, mas não totalmente, porque sempre vai ter alguém para dizer o que a gente deve fazer (4).

APÊNDICE G - Ilustrativo do cruzamento de ideias da categoria lugares da heteronormatividade na técnica retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade

CRUZAMENTO ENTRE AS IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES

Ideias 47, 46, 68 e 60 são complementares, pois em todas elas a heteronormatividade são lugares em que o jovem pode ser aquilo que quiser ser sem julgamentos e sem preconceitos
Planeta-ponte-Liberdade de Expressão da heteronormatividade é o lugar que o jovem sente uma paz, um alívio, uma alegria. É melhor estar no planeta da heteronormatividade do que no planeta terra porque lá no planeta da heteronormatividade ninguém vai tá julgando e nem falando nada de ruim, que machuque e que leve a fazer coisas ruins consigo mesmo como o jovem já havia feito antes. Nesse lugar da heteronormatividade o jovem pode ser aquilo que ele quiser ser. Sem ninguém julgar ele por aquilo que ele ta fazendo...ta dançando...ta cantando...sei lá...é o lugar que não tinha preconceito e ninguém te falava o que fazer, o que vestir, o que falar, todo mundo era livre. É um lugar bonito, inexplicável um lugar que se conseguia sentir muita paz. Nesse lugar o jovem pode tudo. Tudo que ele quiser ser, sem ter alguém para dizer que eles não vão conseguir ser o que quiserem ser. Nesse lugar não existe preconceito, porque cada um entende cada um. É lugar de liberdade de expressão que leva ao caminho da igualdade. Que é um lugar sem preconceito e sem críticas que você pode não fazer o que quiser, mas tipo ser o que quiser. Escolher seu próprio gênero, fazer suas próprias escolhas e pensar pela sua própria cabeça.

Ideias 48, 49 e 57 são complementares porque no lugar-passado o jovem lembra coisas ruins que aconteceram.

Passado-do-ser-jovem em meio à heteronormatividade não é um lugar melhor. Nele volta-se ao meu passado, relembra-se as coisas que já aconteceram. Não se pensa no futuro. Pode até tentar, mas não consegue. Ao viajar para esse lugar eu senti algo ruim, porque eu não gosto de lembrar do meu passado, mas ele sempre tá comigo. Nesse lugar, cada um estava no seu devido espaço, no seu devido lugar.

Ideias 59 e 62 são complementares pois falam da sociedade de hoje como um lugar preconceituosa, sem aceitação e sem conhecimento.

Mundo-esquina-paralela é esquina paralela à igualdade pois é uma sociedade preconceituosa, sem aceitação, como é hoje. Fazendo uma reflexão sobre como poderia ser e como é a sociedade hoje, é a sociedade sem conhecimento, sem aceitação.

Ideias 51, 53, 64 e 66 são complementares, pois falam de um lugar fechado que somente pessoas heteras podem entrar, pois falam do lugar da Ditadura-da-heteronormatividade com regras impostas em que as pessoas não têm escolha.

Ditadura-da-heteronormatividade é espaço fechado onde às normas e as regras de homem e mulher são impostas aos jovens que têm que segui-las como robôs, não têm direito a escolha sexual. Estas pessoas não são culpadas de serem robôs, foi imposto, ensinado, não tinham escolha. Neste lugar, o ser jovem não hetero e não totalmente hetero não entram estão bloqueados porque são diferentes.

IDEIAS OPOSTAS

A ideia 52 é oposta às ideias 46 e 47 pois na ideia 52 os jovens podem fazer o que quiserem, mas serão julgados, criticados e diminuídos enquanto pessoas. Já nas ideias 46 e 47 os julgarão.

Ideias 61 e 65 são opostas porque na primeira ideia há uma definição de heteronormatividade e na segunda ideia não existe definição.

Ideias 63 e 68 são opostas porque a primeira apresenta uma sociedade da ponte com uma definição de mundo igual e de liberdade e a segunda apresenta um caminho de solidão e normas.

Ideias 55 e 67 são opostas porque na ideia 55 os jovens podem ser eles mesmos sem serem julgados e criticados, já na ideia 67 os jovens só podem ficar calados e aceitar o que as pessoas impõem para eles e eles não podem ser eles mesmos

IDEIAS QUE NÃO FORAM CRUZADAS

Ideias 50 e 54.

ANEXO A – Comprovante de envio ao CEP



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS JOVENS DITOS POR ELES MESMOS: SOCIOPoETIZANDO O SER JOVEM EM MEIO A HETERONORMATIVIDADE EM UMA ESCOLA PÚBLICA

Pesquisador: SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA

Versão: 2

CAAE: 63997418.9.0000.5214

Instituição Proponente: Universidade Federal do Piauí - UFPI

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 015585/2018

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

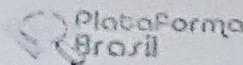
Informamos que o projeto OS JOVENS DITOS POR ELES MESMOS: SOCIOPoETIZANDO O SER JOVEM EM MEIO A HETERONORMATIVIDADE EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA que tem como pesquisador responsável SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA, foi recebido para análise ética no CEP UFPI - Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Petrônio Portela em 01/03/2018 às 09:20.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portela - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cepufpi@ufpi.edu.br

ANEXO B - Parecer do CEP



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS JOVENS DITOS POR ELES MESMOS: SOCIOPOETIZANDO O SER JOVEM EM MEIO A HETERONORMATIVIDADE EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA

Pesquisador: SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 83997418.9.0000.5214

Instituição Proponente: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.552.395

Apresentação do Projeto:

O presente projeto faz parte de uma pesquisa em nível de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí - UFPI, intitulado "os jovens ditos por eles mesmos sociopoetizando o ser jovem em meio a heteronormatividade em uma escola pública de Teresina". Trata-se de uma pesquisa qualitativa com Abordagem Sociopoética com a temática juventudes e heteronormatividade e pretende analisar

confetos (conceitos + afetos) produzidos por jovens estudantes da Unidade Escolar Profa. Maria da Conceição Salomé sobre o ser jovem em meio a heteronormatividade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário

Analisar confetos (conceitos + afetos) produzidos por jovens estudantes da Unidade Escolar Profa. Maria da Conceição Salomé sobre o ser jovem em meio a heteronormatividade.

Objetivo Secundário

Identificar quem são os jovens da Unidade Escolar Profa. Maria da Conceição Salomé ditos por eles mesmos;

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

UF: PI

Município: TERESINA

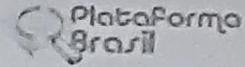
Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



Continuação do Parecer 2.552.395

Perceber o que estes jovens pensam sobre o ser jovem em meio a heteronormatividade;

Ilustrar os problemas vivenciados por estes jovens em meio a heteronormatividade,

Identificar as estratégias dos jovens deste espaço escolar frente aos problemas vivenciados em meio a heteronormatividade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Ressaltamos que os riscos que a pesquisa oferece são mínimos e relacionam-se a possíveis constrangimentos que os/as participantes possam vir a sentir em algumas atividades realizadas durante a oficina de produção de dados por requisitarem gravações em áudios e vídeos. No entanto, destacamos que estes riscos serão contornados por meio da interação entre a pesquisadora responsável e os/as participantes com o intento de propiciar segurança e conforto durante a realização da oficina de produção dos dados.

Benefícios:

Encaminha-se como prováveis benefícios da pesquisa proposta, valorizar a fala dos jovens priorizando suas potencialidades, possibilitar aos envolvidos apropriação da prática Sociopoética, fortalecer os debates acerca do ser jovem em meio a heteronormatividade, bem como a produção e defesa pública da dissertação de mestrado produzindo novos conhecimentos que possibilitarão futuras investigações.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

importante pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

todos os termos foram anexados.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

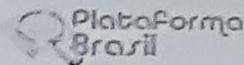
Projeto apto a ser desenvolvido.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



Continuação do Parecer 2.552.395

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1078000.pdf	06/03/2018 16:30:31		Aceito
Outros	TALE.pdf	06/03/2018 16:28:49	SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	06/03/2018 16:27:02	SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA.pdf	23/02/2018 11:09:36	SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA	Aceito
Outros	INSTRUMENTO_DE_COLETA.pdf	23/02/2018 11:08:39	SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA	Aceito
Outros	CARTA_MODIFICADA.pdf	23/02/2018 11:04:47	SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA	Aceito
Outros	CURRICULO_LATTES.pdf	23/02/2018 11:03:21	SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	21/02/2018 11:50:41	SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	21/02/2018 11:36:47	SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	21/02/2018 11:33:23	SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA	Aceito
Outros	AUTORIZACAO.pdf	21/02/2018 11:29:32	SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA	Aceito
Outros	CONFIDENCIALIDADE.pdf	21/02/2018 11:26:46	SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO.pdf	21/02/2018 11:20:23	SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA.pdf	21/02/2018 11:18:06	SAMARA LAYSE DA ROCHA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pro-Reitoria de Pesquisa

Bairro: Ininga CEP: 64.049-550

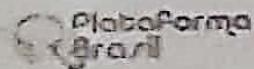
UF: PI Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



Contribuição do Faresol: 2.552.365

UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



TERESINA, 20 de Março de 2018

Herbert de Sousa Barbosa

Assinado por:

Herbert de Sousa Barbosa
(Coordenador)

Prof. Dr. Herbert de Sousa Barbosa
Coordenador CEP - UFPI
Portaria PROPEQ Nº 012/2017

Endereço: Campus Ministro Petrônio Portela - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3237-2432 Fax: (86)3237-2338 E-mail: cep@ufpi.edu.br

Suplen 7/1/18 18